Offspring • Rumbora • Planet Hemp • Melhores do grunge

SHOW

BIZZ

Edição 185 - Ano 15
nº 12 - dezembro 2000 - R$ 5,00

Slash detona:
"Até hoje, não entendi o que **Axl Rose** quer"

Geddy Lee
O baixista jura que o **Rush** ainda virá ao Brasil

John Lennon
Há 20 anos, o mundo perdia seu mais ilustre sonhador

GRÁTIS
Um abridor de CDs duca!

SÍMBOLO

EXCLUSIVO

IRON MAIDEN

A maior banda de metal do mundo revela como será o show que vai fazer o Rock In Rio tremer

Já que não
existe Dia
do Adolescente,
peça no Natal.

A MELHOR MOTO DO BRASIL
MOTOCICLISMO

C100 Biz. Eleito a melhor moto do Brasil na categoria City.

Honda C100 Biz. Neste Natal, saia dessa onda. Peça esta Honda.

HONDA
Asas da liberdade

Pilote sempre equipado. Produzida no Pólo Industrial de Manaus.

Capa: Iron Maiden, fotos Divulgação
John Lennon: Foto Reprodução

Nem eu nem você imaginávamos, mas temos muitas coisas em comum com o Iron Maiden – e não é o penteado de Dave Murray. A saber: 1) vamos estar no Rock In Rio; 2) não gostamos de todas as atrações do festival; e 3) dificilmente passaremos pela Tenda Raízes. As semelhanças ocorrem até nos desejos mais comezinhos. Como qualquer turista, a banda também vai registrar sua viagem e curtir a cidade segundo os preceitos de "Rio Babilônia". Só para estragar o roteiro de uma gandaia em alto estilo, a reportagem que Luciano Vianna enviou sobre o último show da turnê inglesa do grupo desmascara o último item. A julgar pela petizada no backstage e pelo chá sorvido com entusiasmo pelo sexteto, ninguém ali vai descobrir, durante a temporada carioca, que "por aí é carnaval, veneno não faz mal", de acordo com o clássico de Robson Jorge e Lincoln Olivetti. É gente que mudou seus hábitos, que está na música há bastante tempo, vivendo (e às vezes morrendo) sob os olhares do público. Como John Lennon, assassinado quando só queria sossego. Ou Geddy Lee, do Rush, que estréia solo depois de quase três décadas, e Roberto Carlos, dono de um passado inquieto, manifestado pela guinada que deu a partir do show *...A 200 Km Por Hora*, no fim de 1970. Dessa década vêm ainda Isaac Hayes, James Brown e o finado Curtis Mayfield, autores de balanços finos para embalar os filmes de temática negra. Perto dos citados, Slash e Lenny Kravitz são meninos já com fama para contar e gravar coletânea. E os caras do Rumbora, então? Moleques, aprenderam a sobreviver conforme as regras de seu próprio manual. Três gerações no mesmo barco e que, em algum momento, abraçaram ideais idênticos. E assim a história do rock'n'roll vai sendo reescrita, reavaliada, renovada. Até 2001, na Cidade do Rock. Rio de Janeiro: a chapa tá quente. Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

PS.: Pô, mas logo com o Yuka?

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***2001 Instrumental*, Dr. Dre**
Descobrimos o melhor jeito de ouvir rap: tirando o vocal! Esse disco traz só as bases (g-funks matadores) do último disco do "pai" de Eminem.

***Songs In The Key Of Life*, Stevie Wonder** Impossível não se emocionar com essa obra-prima, de onde Cocilo, Will Smith e outros espertinhos surrupiaram melodias.

Caroline Now! The Songs Of Brian Wilson And The Beach Boys Jad Fair, Saint Etienne, Alex Chilton e outros artesãos do pop se reuniram para pagar tributo aos eternos Beach Boys. Deu nisso.

***Donde Está Laisu?*, Canalhas Ordinários** Essa é uma das maiores porcarias que ouvimos neste ano. Portanto, as chances de pegar no verão são grandes. Se a faixa-título não sair de sua cabeça, azar o seu!

BARULHO

8 Planet Hemp, Angra, novo vocal no Rage

12 Cabra Cega
Fred 04, do Mundo Livre S/A

14 Que Fim Levou
Graforréia Xilarmônica

16 Até Quando Esperar
Money Mark, Idlewild

18 Palco
Bloodhound Gang, Smashing Pumpkins

ESTE MÊS

24 Iron Maiden
Definitivamente, o metal não é mais o mesmo

30 John Lennon
O legado do beatle língua-solta, morto há 20 anos

36 Geddy Lee
Disco-solo para aliviar a saudade do Rush

40 Slash
Para o guitarrista, Axl que se dane

44 Rumbora
Apesar da pouca idade, eles já têm o que ensinar

46 Blaxploitation
Filmes meia-boca, trilhas de cair o queixo

50 Lenny Kravitz
Nova-iorquino reúne os seus hits em um disco

52 Roberto Carlos
O Rei como nunca se viu antes – nem depois

DISCOFAGIA

57 Offspring, O Surto, Oasis, Blur, Tony Iommi

66 Importe-se
Squirrel Nut Zippers, Teenage Fanclub

68 Os 10 mais...
Para entender o grunge

70 Minha Coleção
Edgar Scandurra, do Ira!, abre a guarda

72 Discoteca Básica
My Aim Is True, de Elvis Costello

74 Democracia
Vermelho 40, Motormama, Inkoma, Vícios Da Era

76 Responde
Killing Joke, Bush, Pink Floyd, Fleetwood Mac

78 Salve Simpatia
Loas, recalques e empadinhas sob encomenda

82 Detalhes
Mãe atarantada ajuda a inventar o scratch

Melhores do ano

Que rufem os tambores! É chegada a hora de escolher quem reinou no mundo da música em 2000. Os eleitos por você serão divulgados na edição de fevereiro. Participe!

Seu nome

_____

Disco do Ano

Nacional: _____

Internacional: _____

Melhor Artista/Banda

Nacional: _____

Internacional: _____

Melhor Música

Nacional: _____

Internacional: _____

Melhor Show

Nacional: _____

Internacional: _____

Revelação do Ano

Nacional: _____

Internacional: _____

Mala do Ano

_____

Revival do Ano

_____

Quem fez falta em 2000

_____

Estilo musical que poderia desaparecer em 2001

_____

Ajude a BIZZ a ficar cada vez mais com a sua cara

Cite seus três estilos musicais (em ordem de preferência) favoritos.

1 _____

2 _____

3 _____

Qual é sua seção predileta?

_____

Qual banda você gostaria que tivesse mais espaço em nossas páginas?

_____

De que edição você mais gostou em 2000?

_____

E de qual você menos gostou?

_____

Você lê outra revista de música? Qual?

_____

Quantos discos você compra por mês?

_____

Qual a sua idade?

_____

Envie seu voto para Melhores do Ano, Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000

Conheça.

Conheça o horário do próximo avião para Shangai.*

Conheça 100.000 números de telefone.

Conheça o som da risada do seu bebê.

Conheça uma maneira de ler e responder seus e-mails de Hangzhou.*

Conheça milhões de websites.*

Conheça pessoas, lugares, coisas.

Conheça o novo Jornada Pocket PC da hp

Conheça mais. Informação Digital da hp. www.hp.com.br

hp Invent

*O uso online requer um modem vendido separadamente. Alguns conteúdos dos websites podem não estar disponíveis.

De novo? Quase...

Bastou o Planet Hemp marcar um show em Brasília para as autoridades locais quererem aparecer mais do que a banda. Dessa vez, ninguém foi preso, mas o terror permanece

Três anos depois do episódio da prisão, o Planet Hemp tem uma data marcada em Brasília para dar seguimento à turnê do disco *A Invasão Do Sagaz Homem Fumaça*. Será que poderiam fazer o show? Como deveriam se resguardar juridicamente? Seriam presos de novo? Durante toda a semana que antecedeu a apresentação, essas foram as principais preocupações da produção. Na prática, nada de muito concreto foi feito. O lance era preparar a cara e a coragem e ver o que iria rolar.

A chegada ao aeroporto, na noite anterior, já deu o tom da passagem da banda pela cidade. Com câmera na mão e uma idéia fixa de prisão na cabeça, lá estavam uma equipe da Rede Globo e do jornal *Correio Braziliense*. De cara, a pergunta: "Vocês estão prontos para serem presos novamente?". Para evitar incomodação, a produção local do show já queria que D2 e o empresário do grupo, Marcelo Lobato, fossem conversar com um advogado que estaria de plantão enquanto eles permanecessem em Brasília.

Que advogado, que nada! Não ainda. Na manhã seguinte, pouco antes do almoço, chega a banda sem Black Alien, que achou mais conveniente não ir. Nessa altura do dia as informações não eram das melhores. A polícia havia hospedado agentes no hotel, um oficial de justiça estava atrás de D2, Gustavo, Zé Gonzales e Jackson (que nem está mais na banda) para prender todo mundo, a banda não poderia tocar várias músicas, não haveria show coisa nenhuma, etc. e tal.

Momentos antes do espetáculo, chega ao hotel o oficial de justiça para intimar D2 e Zé Gonzales. Junto com ele entra em cena Mauro, o advogado de plantão. A primeira parada foi no quarto de D2. Não escondendo um certo nervosismo, a autoridade consegue o autógrafo no ofício. O mesmo com Zé Gonzales. Com a sua missão realizada e sem saber que estava sendo gravado, a autoridade começa a dar nos dentes. "Vocês têm noção do que estão fazendo? Sabem que serão presos? Falo como cidadão, não como oficial de justiça. Estou avisando: vocês podem fazer o que quiserem, mas acho que devem estar conscientes disso, e, pelo que parece, vocês não sabem o que vai acontecer", disse. Depois desse recado, foi a vez do advogado abrir o jogo. "Eu falei para a produção: precisa de um habeas corpus preventivo! Sem isso, pode dar merda! Aqui está cheio de reacionário. A polícia vai estar lá com tudo!"

D2 só dormiu no hotel depois da apresentação porque concordou em limar algumas músicas

Fotos Ana Mendes

TENSÃO NO AR

Nessa hora, a ficha caiu. "Vamos chamar toda a banda e fazer uma reunião. Todo mundo precisa saber o que está acontecendo e decidir juntos", resolveu D2, já pegando o telefone para convocar Formigão, Rafael, Pedrinho, Ganjaman, Seu Jorge, BNegão e Lobato. O show estava correndo sério risco de não acontecer e a banda, de ser presa novamente.

E o público? No Minas Tênis Clube, local da apresentação, a tensão imperava. Multidão enfurecida, uma produção confusa, vidros quebrados, pedras voando, gente machucada e a polícia civil com câmera na mão e um gravador preparado para registrar o áudio do canal de voz de D2. A proposta do delegado responsável pela área era simples. "Se a banda não tocar nenhuma das músicas relacionadas e não ficar fazendo apologia entre uma canção e outra, ninguém da banda vai para a cadeia. Se eles se exaltarem, seremos obrigados a levar todo mundo. Viemos aqui para averiguar e recolher material da banda, não para prender. A não ser que...", alertou.

Por motivos óbvios, o Planet Hemp achou melhor aceitar o acordo. Assim, saíram do set list "Mantenha O Respeito", "Legalize Já", "Queimando Tudo", "Dig Dig Dig", entre outras. No palco, D2 explicou ao público que estava havendo censura e fez um show curto e grosso. "O lado bom é que não cantamos 'Legalize Já'. Não agüento mais cantar essa música", riu o vocalista, a salvo na van voltando ao botel. Já no posto, bebendo uma cerveja na madrugada, o advogado Mauro sintetizou perfeitamente como são as relações em Brasília: "Você não diz que eu sou fdp, e eu não te fodo!" Bem-vindo à capital do país.

Bruno Levinson

Procura-se vocalista

No fim de outubro, Zack de la Rocha anunciou que ele e o **Rage Against The Machine** não dividem mais o mesmo palco. O vocalista alegou não encontrar mais motivação para continuar com a banda, agradeceu aos fãs e tchau. Ainda não foi confirmado, mas é quase certo que ele sairá em carreira-solo. Recentemente, Zack trabalhou com os rapper Questlove, do Roots, e Chuck D, do Public Enemy, em "Burned Hollywood Burned", faixa da trilha sonora do novo filme de Spike Lee, *Bamboozled*. Além dos citados, não estão descartadas futuras colaborações com Roni Size, Outkast, DJ Muggs (do Cypress Hill) e DJ Shadow. Os três remanescentes do grupo, Tom Morello (guitarra), Tim Commerford (baixo) e Brad Wilk (bateria) garantiram que o Rage continuará. Resta saber quem será o novo vocalista. BIZZ sugere alguns nomes.

Chorao (Charlie Brown Jr.)

Pontos Fortes:
- Canta "Killing In The Name" nos shows de sua banda
- Intensificou o discurso social no novo trabalho do grupo, *Nadando Com Os Tubarões*
- É adorado pelo público-alvo do Rage

Pontos Fracos:
- Zack nunca cantaria algo tão sutil quanto "Gimme O Anel"
- Alterna momentos "conscientes" com pura porra-louquice
- Voz muito diferente da de Zack

O que poderia acrescentar ao Rage:
- Beat-box
- Parcerias com De Menos Crime e Jigaboo
- Ensinar os rebeldes de Chiapas a andar de skate

Egypcio (Tihuana)

Pontos Fortes:
- Canta "Killing In The Name" (e outras) nos shows de sua banda
- Em alguns momentos, sua voz soa igual à de Zack
- Experiência em substituir vocalistas

Pontos Fracos:
- É fã do Limp Bizkit e do Korn
- "Praia Nudista"
- Pouca consciência social

O que poderia acrescentar ao Rage:
- A dança de "Pula!"
- Covers de Manu Chao
- Ensinar os rebeldes de Chiapas a andar de skate

Snoop Dogg

Fotos Divulgação

Pontos Fortes:
- Já cantou com os outros três integrantes do Rage, em "Snoop Bounce", no disco *Music For Our Mother Ocean 3*
- Também adora uma treta com as autoridades
- Credibilidade das ruas

Pontos Fracos:
- É fichado na polícia (isso também pode ser um ponto forte)
- Refere-se de modo pouco lisonjeiro à mulherada
- Não sabe onde fica o México

O que poderia acrescentar ao Rage:
- Novos temas: tiros e vagabundas
- Malandragem e jogo de cintura que Zack nunca teve
- Ensinar os rebeldes de Chiapas a roubar skates

Marcelo Kimaid

"Você já viu um cara desmaiado com dois cigarros acesos no nariz? É muito legal: as brasas queimam juntas e a fumaça começa a sair até por suas orelhas. Ele acorda asfixiado."

Dexter, do Offspring, mostrando que adora brincadeiras saudáveis

Nos vemos lá

Depois de muito disse-que-disse, choro e ranger de dentes, finalmente saiu a escalação do **Rock In Rio Por Um Mundo Melhor**. Podem ocorrer algumas modificações no elenco nacional do festival, por conta da saída de O Rappa, que disse adeus ao evento depois de discordar das condições impostas pela organização, sendo seguido por Charlie Brown Jr., Cidade Negra, Skank, Raimundos e Jota Quest. Até o fechamento desta edição, eram estas as bandas confirmadas para o palco principal:

12/1, sexta-feira
Sting
James Taylor
Gilberto Gil
Daniela Mercury
Milton Nascimento
Orquestra Sinfônica

13/1, sábado
R.E.M.
Foo Fighters
Beck
Barão Vermelho
Fernanda Abreu
& Funk 'N Lata
Cássia Eller

14/1, domingo
Guns 'N Roses
Oasis
Papa Roach
Ira! & Ultraje A Rigor
Carlinhos Brown
Pato Fu

18/1, quinta-feira
*NSync
Britney Spears
Aaron Carter
Sandy & Júnior
Five
Moraes Moreira

19/1, sexta-feira
Iron Maiden
Rob Halford
Sepultura
Queens Of The Stone Age
Pavilhão 9
Sheik Tosado

20/1, sábado
Neil Young
Sheryl Crow
Dave Matthews Band
Kid Abelha
Elba & Zé Ramalho

21/1, domingo
Red Hot Chili Peppers
Silverchair
Deftones
Engenheiros Do Hawaii
Vencedor da
Escalada do Rock

Angra sem dono

Que o Angra virou Chernobyl todo mundo já sabe. O que não se sabia é que a brasa sob as cinzas ainda está longe de esfriar. Segundo o ex-vocalista André Matos, que pulou fora levando o baixista Luiz Mariutti e o baterista Ricardo Confessori, "o problema não foi grana, e sim a administração. O empresário, além de não combater a pirataria dos discos, exigia turnês sem fim. E descobrimos recentemente que ele registrou o nome da banda como sua propriedade". O guitarrista Kiko Loureiro, que ficou com o também guitarrista Rafael Bittencourt, dá outra versão. "Liderados pelo André, os três se afastaram do grupo sem avisar nada, abandonando compromissos e gravações. Depois, abriram mão legalmente do nome que, desde o início, foi registrado em comum acordo entre os cinco músicos e o empresário". Kiko põe mais lenha na fogueira: "O André é que não queria mais tocar comigo e com o Rafa. Nem sei se sua amizade conosco em algum momento foi sincera". A dupla já está ensaiando e testando vocalistas, inclusive gringos. "Se rolar o clima, continuaremos com o nome Angra, pois temos direito a ele", garante o guitarrista. André Matos, por sua vez, fica na Alemanha até o fimdo ano gravando o projeto Virgo, com Sascha Paeth, guitarrista do quinteto teutônico Heavens Gate. E, mais do que depressa, criou com os outros ex-Angra o quarteto Shaman. "Já temos dez músicas prontas e ótimas propostas de gravadoras. E em fevereiro, antes mesmo de entrarmos em estúdio, faremos shows no Brasil, sem esquecer músicas do Angra, para não decepcionar os fãs," avisa.

Carlos Eduardo Oliveira

Padrinhos para toda a obra

Desde que os Beatles se encantaram com James Taylor e lançaram o cantor pela gravadora do quarteto, a Apple, em 1970, que o apadrinhamento de artistas é prática comum no pop.

O "afilhado" da vez é a **Mary's Band**, grupo mineiro que está estreando pela Sony com *Tô Virado*. "Na verdade, houve um complô de artistas a nosso favor", conta o baixista e vocalista Orlando Andra. "Primeiro, foi o Capital Inicial que gostou muito da gente. Aí, Rogério Flausino (*do Jota Quest*) viu um show nosso e disse para os caras da Sony que havia conhecido uma banda muito doida. Outro que curtiu foi Henrique Portugal (*do Skank*), que acabou produzindo nossa demo." Agora, o negócio é correr atrás. "Fechamos 1999 com 120 shows e queremos fazer mais de 200 nessa próxima turnê", diz o baixista, mirando os fãs de Raimundos e Charlie Brown Jr. "Não pelo tipo de som, mas pela energia que passamos." Tantos apoios, claro, ajudaram a banda a emplacar seu "punk rock com alguma coisinha de glitter" (a definição é de Orlando) em uma grande gravadora, mas nem por isso a Mary's Band está com a vida ganha. Veja a seguir o que aconteceu com outras bandas que também tiveram padrinhos famosos.

Jota Quest
Padrinho: Skank
E aí? Virou a maior banda pop do Brasil e já está apadrinhando os outros

Rumbora
Padrinho: Raimundos
E aí? Lançou seu segundo disco, *Exército Positivo Operante*, mas ainda não fez "o" hit

Negril
Padrinho: Herbert Vianna
E aí? Gravou um álbum e não ouvimos falar mais deles

Xis
Padrinho: KL Jay (DJ dos Racionais)
E aí? Ganhou o prêmio de melhor clipe de rap do VMB por "Us Mano E As Mina" e teve sua estrela relançada pela Trama

Nova linha Sony Mini System
SONY
MHC-DX1
MHC-DX3
MHC-DX5
MHC-DX7
MHC-DX8
Mini Disc Deck
MDS-S41
Conexão Digital
PREPARE-SE PARA O IMPACTO.
Novo MHC-DX9 Sony.
6.000 W de potência
(300 W + 300 W RMS).
O único com duplo
Woofer e High Clarity
Horn Tweeter.
para abrir todo
o volume e garantir
o melhor som.
www.sony.com.br
TWIN-WOOFER
Todos os aparelhos possuem controle remoto multifuncional.
MHC-DX9

Baú de **novidades**

Vzyadoq Moe: rock industrial made in Sorocaba

René Ferri foi o pioneiro em inaugurar uma loja nas Grandes Galerias – hoje conhecida como Galeria do Rock, na Rua 24 de Maio, centro de São Paulo. "O local estava praticamente abandonado em 1975, dominado por prostituição e transações com produtos roubados. Daí, decidimos abrir um mocó no segundo andar, com uma loja dedicada especialmente aos colecionadores", relembra. Como se não bastasse, René decidiu se arriscar a lançar um catálogo próprio e, para isso, fundou a gravadora Wop Bop. A loja durou 18 anos (*até 1993*), mas a idéia de criar um selo independente só vingou em 1985. "Caiu nas nossas mãos uma demo com três músicas do Violeta De Outono. Achamos o material tão bom que o lançamos como um EP." Foi o início de uma série de lançamentos que, se escassos em quantidade, não economizavam em qualidade. Porém todos os títulos haviam saído só em vinil ou em cassete. Agora, a maioria está sendo editada em CD. E há surpresas: para as três faixas originais do EP de estréia do Violeta, foram agregadas mais oito inéditas, "gravadas antes que eles assinassem com a BMG", segundo René. Ao disco *Fairy Tale*, do grupo eletrônico santista Harry, também foram acrescentadas três faixas-bônus registradas na época. Quanto ao derradeiro álbum do Fellini, *Amor Louco*, há a adição de mais dois registros: "É O Destino" e "Aeroporto". Completam o pacote o rock industrial dos sorocabanos do Vzyadoq Moe, a world music ecológica de May East e a coletânea *Cenumar Ninguém Se Atreve*, com raridades dos primórdios do rock nacional (Alberto Pavão, Sérgio Murilo, Eduardo Araújo, Renato & Seus Blue Caps, The Jordans e outros).
Celso Pucci

Mais que adivinhar, a idéia é coletar "achismos" sobre os sons

CABRACEGA

Fred 04

Marco Mussel

'Rock N'Roll Band', Mano Negra "No começo parecia Happy Mondays, agora está parecendo algo americano. Uma mistura de rock de arena dos anos 70 com... Ah, claro, reconheci. Joe Strummer. Não? Então é Mick Jones. Certeza de que não é nada do Clash? (*Entra 'King Kong Five'*) Pô, Mano Negra. Nunca tive disco deles, mas sempre ouvia na casa dos amigos. Não consegui reconhecer porque minha memória de Mano Negra é em vinil."

'Café Preto', M4J (*remix da música de Otto em que Fred participa*) "É Kamak? Engraçado, isso me faz lembrar uma galera do Recife que faz umas coisas caseiras. (*Tirando o fone*) Não é a minha praia. Até teve uma época em que ouvi house, mas já passou. (*Três minutos depois*) 'Café Preto'. Para mim, o *Samba Pra Burro* é só 50% do Otto. A outra metade é de Apollo e do pessoal que produziu. O grande lance do Otto sempre foi música brasileira."

"Contacto Com O Mundo Racional", Tim Maia (*Com cinco segundos*) "Do caralho. *Tim Maia Racional*, volume 1 ou 2, não sei. Um amigo me gravou esses discos, mas só as músicas quentes. Em 1971, no interior de Pernambuco, em Jaboatão, onde me criei, tocava muito Tim Maia nas rádios e nas feiras. Aquilo era pipoca. Todo mundo curtia: pai, mãe, filho. Ele, Roberto Carlos e Pinduca (*o rei do carimbó*) eram meus grandes ídolos na infância."

'White Light/White Heat', Velvet Underground (*Só dois segundos*) "Velvet! Isso aí, Bowie e Patti Smith a gente comprava em sebo no Recife. O pessoal anunciava nas revistas: 'Pago o que quiserem pelo disco tal de Lou Reed', e eu ia ao sebo e era uma mixaria, porque lá ninguém conhecia. Até hoje, Velvet é referência."

'Peperuda Rock'n'roll', De Falla "AC/DC. Peraí... Parece Beastie Boys, Run DMC. Não, é De Falla. Acho interessante. Aquele disco que tem 'Sodomia' é um clássico. O trabalho novo é engraçado – e eficiente. Edu K como produtor é foda. Me mostrou altos grooves na época do *Carnaval Na Obra*."

'Cinco Minutos', Jorge Ben (*Um segundo*) "Opa! Essa é a minha música preferida. Tinha uns 12 anos quando ouvi isso, em 1974. Foi com o *Tábua De Esmeralda* que nasceu minha obsessão por tocar violão. Hoje, Jorge tem essa viagem de que não dá mais para gravar violão, porque os estúdios perderam em altura, o pé-direito diminuiu (*risos*). Só acredita na guitarra."

'Idioteque', Radiohead "Isso é legal. Parece umas coisas do Moby. A melodia remete a Radiohead, mas... É Radiohead? Porra, do caralho. Tenho tudo deles, menos o novo. O Thom Yorke, para mim, é o papa da melodia atualmente. Tem uma coisa que quero muito fazer: pegar o Tom Zé e mostrar o *OK Computer*. Acho que ele vai pirar."

'Tele-fome', Jota Quest "Sacanagem, é Jota Quest. Não curto, não. Nunca ouvi um disco deles, mas é um tipo de balanço que acho muito certinho. A banda que a mamãe quer para genro. Funk saído do conservatório, saca? Músicas concebidas para entrar numa propaganda de uísque (*ou de Fanta, né?*). Tô de saco cheio disso!"

'My Name Is', Eminem "Isso é aquele Emi... Emi... Eminem. O problema é que eu saco pouco de inglês. Nunca compraria um disco, mas é melhor do que essas merdas que tocam nas rádios 'pop rock'. (*Segundos depois*) Tenho aversão a coisas ortodoxas como o rap. Fica uma coisa de igreja, e toda cultura com muitas regras é fácil de ser diluída. Já gostei muito de Racionais MCs, pelo lance da conscientização; do missionarismo, não gosto."

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Graforréia Xilarmônica

Planeta: Terra. Cidade: Porto Alegre. Em 27 de janeiro de 2000, depois de 15 anos de estrada, a Graforréia Xilarmônica encerrou suas atividades em um show no Ocidente (o bar, claro), abarrotado de fãs inconformados. "A Graforréia não pode morrer", dizia um sujeito emocionado, vestindo uma camiseta do TNT.

Pois morreu, e parece que todos os membros ficaram mais felizes.

Frank Jorge (baixo e vocal) acaba de lançar um livro, *Realidades E Chantillys Diversos*, de contos, crônicas e poesias, que tem agradado a gregos e gremistas. Ele garante que ainda tem material para os volumes II e III. Todas as terças-feiras, ao lado da radialista Kátia Suman e do escritor Luís Augusto Fischer, comanda o Sarau Elétrico, que envolve literatura, convidados célebres e música. Frank também deu uma de produtor das bandas Galãs Da Menopausa e Os The Dharma Lóvers, mas afirma que foi por convicção das próprias e que não tem intenção de entrar no ramo. Além disso, está lançando seu disco-solo pela gravadora Berufhinho, chamado *Carteira Nacional De Apaixonado*, que mistura música cubana, jovem guarda e alguma coisa eletrônica-abobrinha.

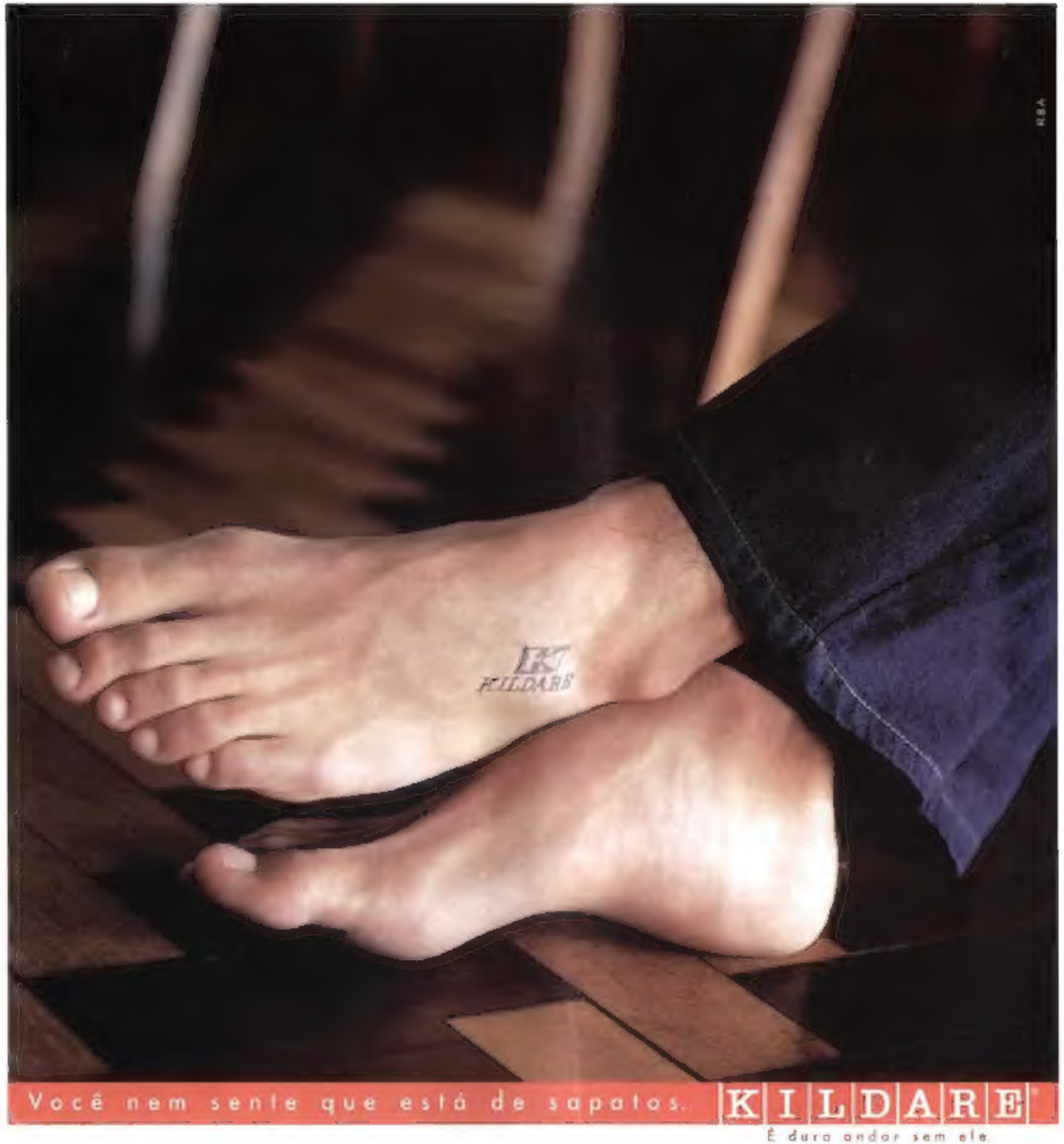
Marcelo Birck (guitarra), ex-Graforréia e ex-Aristótheles de Ananias Jr., dá aulas no Instituto de Artes da UFRGS e também lançou um CD-solo recheado de free jazz e surf music com dodecafonia. O disco é mais um produto Grenal Records, que tem no catálogo a própria Aristótheles, Banda Repolho, Os Atonais e a primeira tiragem de *Miami Rock 2000*, do DeFalla.

E por falar em DeFalla, o ex-graforréia Alexandre Ograndi, o Alemão, agora é baterista da banda. Os autores do megahit "Popozuda" foram demitidos da Sony Music, que alegou não estar contente com a performance do grupo nas lojas (segundo Edu K, a banda queria fazer novos projetos e estava sendo podada).

Carlo Planta (guitarra), como na época da Graforréia, continua dando aulas de música na Escola Beethoven. E a vida segue. A banda é constantemente citada como referência por gaúchos e não-gaúchos e continua sendo uma das mais importantes que já existiu onde se usa bombachas e se toma chimarrão. Mesmo que eles não quisessem nada disso.

Clarah Averbuck

Frank Jorge, de paletó, prepara sua estréia solo e apaixonada



Você nem sente que está de sapatos. KILDARE
É duro andar sem ele.

LONDON CALLING
CDs - VHS - DVDs
Tel./Fax: (0xx11) 223-5300
londoncd@uol.com.br

A mais completa em novidades e raridades.
Sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO.
Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo - SP
www.londoncalling.com.br

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

Maravilhas que as gravadoras tapuias ignoram

Money Mark

Os Beastie Boys apareceram modificados em 1992. Para gravar seu terceiro disco, *Check Your Head*, mudaram-se de Nova York para Los Angeles. Colagens poderosas como "Stand Together" ou "So Whatcha Want" dividiam espaço com canções feitas por instrumentos de verdade, como "Live At PJs" e "Lighten Up", que revelavam uma queda para balanços latinos e timbres de época até então inéditos na carreira do grupo. O tempo se encarregaria de mostrar o quão o integrante recém-agregado à banda – o tecladista Mark Ramos Nishita – era responsável por essa nova faceta. Sua estréia-solo, já assinando como Money Mark, deixou claro de onde vinha aquele manancial de grooves que estava encantando os Beastie Boys. *Mark's Keyboard Repair*, de 1996, trazia um punhado de canções que iam da rumba e funk ao free jazz, sempre exibindo maestria no manejo das texturas proporcionadas por seus trocentos teclados. Não era preciso muita dedicação para perceber, por meio da levada cinematográfica de "Pinto's New Car" ou do astral de churrascaria lisérgica de "Sunday Gardena Blvd.", que Mark não desempenhava o papel de mero coadjuvante na formação beastie. Em 1998, sua vontade de inovar quase comprometeu *Push The Button*, trafegando pela frágil fronteira que separa a experimentação da picaretagem. E, surpresa, algum pop: músicas convencionais (estrofe-refrão-estrofe), como "Hand In Your Head" (com arranjo diferente da versão contida no trabalho anterior) e "All The People", baladão de fazer corar Elton John. Atualmente, Money Mark anda fazendo remixes para a dupla francesa Air, trabalhando com Sean Lennon e, claro, dando seus pitacos nas armações dos Beastie Boys. Seu próximo álbum está previsto para 2001.

Emerson Gasperin

O homem que injetou mais groove nos Beastie Boys

Influenciado por:
Santana, Walter Wanderley, Beastie Boys

Disco essencial:
Mark's Keyboard Repair (1996)

Idlewild

Mais um produto escocês, fértil terreno de onde a cada quinzena brotam bons maltes na forma de bandas, o Idlewild é o nome para fazer a cabeça do carente leitor que não suporta mais ser bombardeado por bobagens como Creed, Blink-182, etc. O grupo é um compêndio das boas influências de quatro moleques que beiram os 24 anos e tiveram os ouvidos torturados por muito grunge e punk na adolescência. As reverberações *sonicyouthanas* e de Seattle estão mais escancaradas nos primeiros compactos independentes, no EP *Captain* e no álbum de estréia, o elogiadíssimo *Hope Is Important*, de 1998. Pegadas juvenis, rebeldia à flor da pele contrastando com melodias adocicadas e a voz quase desafinada de Roddy Woomble levaram o grupo a ser mais um a receber da imprensa inglesa o rótulo de "the next bing thing". O aguardado *100 Broken Windows*, repleto de canções para se ouvir balançando a cabeça e cantarolando junto, excedeu às expectativas. Com um pé ainda fincado no punk e cada vez mais esmiuçando boa parte do frescor melódico do rock britânico dos anos 80, o novo trabalho veio seguido de críticas fervorosas e já tem lugar certo nas listas dos melhores do ano. Mais amadurecida (para mostrar um pouco dessa diversidade, o grupo regravou Echo & The Bunnimen e Bob Dylan no compacto de "These Woodens Ideas"), a banda não tem a pretensão de propalar algo revolucionário ou inovador. Os quatro sujeitos de Edinburgo "apenas" cometem um indie-pop bem bacana. Talvez se o sensível Morrissey deixasse seus elegantes blazers de lado e usasse boné e bermuda, ele soaria hoje como os moleques do Idlewild.

Marco Bezzi

Influenciados por:
R.E.M pré-*Green*, Smiths e Fugazi (só no som, não na postura)

Disco essencial:
100 Broken Windows (2000)

O quarteto tem um pé no funk e outro no bom rock britânico dos anos 80

O lixo e o luxo

Jimmy Pop (de boné) comandou o circo, na seqüência abaixo, cenas de um mundo bizarro

Bloodhound Gang
Credcard Hall – São Paulo, 26/10

"Aposto que se nós fossemos o merda do Enrique Iglesias isso aqui estaria lotado. Mas somos apenas os idiotas do Bloodhound Gang." O vocalista Jimmy Pop veio ao Brasil com seus quatro comparsas apresentar o melhor espetáculo do ano. Encontrou um Credicard Hall quase vazio. De bônus, uma apresentação em Belo Horizonte cancelada e muita gente, incluindo funcionários da própria gravadora deles, que nem sabia qual era a da banda. Mas "The Bad Touch" não foi uma das músicas mais executadas em 2000? Sim, mas nosso país é muito esquisito.

Teoricamente, só gosta desses rapazes da Pensilvânia quem fala inglês fluentemente e manja de cultura americana a ponto de entender as letras sacanas de suas músicas. Teoricamente. Jimmy Pop falava: "Quem subir ao palco e tirar toda a roupa durante a próxima música, leva 20 dólares". O moleque ia, observava os gestos dos integrantes e ainda assim não entendia o desafio. Um que aceitou a aposta passou a metade de "Ballad Of Chasey Lain" se despindo e rebolando ao lado do baterista. Quando estava só de sunguinha, tentou fugir, correndo para um stage dive. Antes de concretizar o salto, foi capturado por um roadie, que lhe aplicou um "cuecão" (um *wedge*, quando o cara é suspenso pela parte traseira do traje íntimo) e deixou o menino sem opção, a não ser tirar tudo.

A platéia era essa, mas os bravos americanos seguiram o roteiro. Fizeram o concurso em que convidam um fã a tomar um engradado de Coca-Cola sem gelo a troco de 100 dólares (*ver Impressões*), tiraram sarro da performance brasileira em Sydney, trouxeram um cara vestido de PacMan para fumar crack no meio de "Mope", chamaram umas 30 ninfetas da platéia para molestá-los durante "Three Point One Four" (dedicada às "gurotas que não gostam de dar o c'"), zoaram com Lou Bega, Rammstein, Blink-182, Depeche Mode e se vestiram de Fred Durst (Limp Bizkit) no bis. Individualmente, os destaques foram o DJ Q-Ball puxando um trenzinho no meio do povo, o baixista Evil Jared cuspindo fogo na primeira fila, o guitarrista Lûpüs Thünder vomitando (de verdade) e Jimmy Pop fazendo sexo oral numa banana, mas se recusando a receber o mesmo prazer de uma garotinha da audiência. Quando percebeu que o menino das Coca-Colas passava mal, ele ofereceu a camiseta para uma golfada providencial.

Há também quem entenda tudo que o grupo canta – em "Fire Water Burn" dava até para ouvir um corinho. Mas esse tem muito dinheiro, é o que faz intercâmbio nos Estados Unidos nas férias. É a minoria da nação, o que justifica o fracasso da passagem do Bloodhound por aqui. Show como pou-cos, apreciado por poucos. Simples-mente um luxo.

José Flávio Júnior

A opinião de quem estava lá

IMPRESSÕES

Cristina Fonseca
13 anos, estudante
"Achei muito divertido, animal. Quando subi ao palco, peguei na bunda do Jimmy Pop."

Alan Greberz
15 anos, estudante
"Melhor show da minha vida. Bebi 20 Cocas, mas o roadie me tirou do palco quando faltava só uma para eu ganhar a grana."

Vicky Meyer
15 anos, quinta colocada no ranking nacional de golfe
"Começou meio devagar, mas foi empolgando. Conheci a banda quando morava na Alemanha."

EMINEM
INCLUINDO "THE REAL SLIM SHADY"

LIMP BIZKIT
INCLUINDO "TAKE A COOK AROUND"

se você ainda não ouviu nada disso
É MELHOR VOCÊ LIMPAR O OUVIDO

PAPA ROACH
INCLUINDO "BROKEN HOME"

BLINK 182
INCLUINDO A INÉDITA "MAN OVERBOARD"

QUEENS OF THE STONE AGE
INCLUINDO "THE LOFT ART OF KEEPING A SECRET"

MÚSICA É UNIVERSAL
A GRAVADORA Nº1 DO BRASIL

Vai acabar ou quer que embrulhe?

Smashing Pumpkins
Wembley Arena – Londres, 4/11

Billy Corgan soube a hora de parar. O líder dos Smashing Pumpkins anunciou o fim da banda no site oficial do grupo dia 30 de maio e, de lá para cá, muitas lágrimas foram derramadas por uma legião de fãs desconsolados. Parece que foi tudo em vão. No último show da turnê européia, e a Melissa Auf Der Maur, James Iha e Jimmy Chamberlin provaram que não vão deixar saudade. Resta torcer para Lou Chico (aquele da *Família Adams*, lembra?) não dar uma de Robert Smith.

A derradeira apresentação da banda que sobreviveu a overdoses, demissões, perdas de cabelo e conseguiu escandalizar até Sharon Osbourne (mulher e empresária de Ozzy, que desistiu de trabalhar com o grupo depois de apenas duas semanas) começou com um Billy Corgan metido num vestidão branco fazendo um set semi-acústico de cerca de 40 intermináveis minutos. Os Pumpkins debandaram para o progressivo e ficaram parecendo com o Genesis (na fase Peter Gabriel) ou, pior, com o finado Yes. Na terceira música já rolou um solo de piano no melhor estilo Jean Michel Jarre, recurso que se repetiu na quinta canção, logo seguida de um enorme solo de bateria. O público, em estado catatônico, parecia não acreditar no que via. Quem estava mais arquibancada procurava a melhor posição na cadeira para agüentar o suplício. O tal solo de bateria foi tão longo que deu tempo do careca mudar o modelito para um vestido igualmente longo, mas, desta vez, preto.

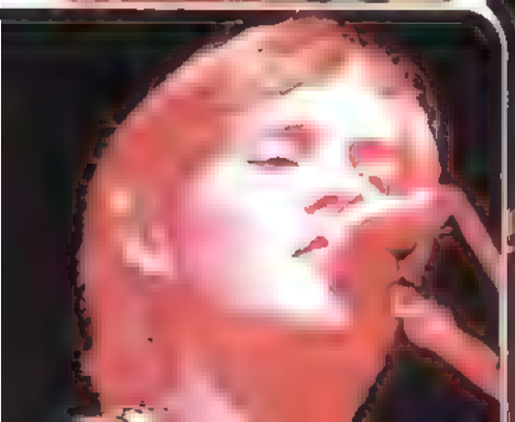
Com Corgan assumindo a sua porção efeminada, o show começou a levantar com as versões mais pesadas de músicas como "Tonight Tonight", "Melon Collie And The Infinite Sadness" e algumas coisas do último disco, *Machina/The Machines Of God*. Só nessa hora os coadjuvantes lembraram a banda de outrora, fazendo o barulho que todo mundo [illegible]. Para não facilitar, todas as músicas foram tocadas em versões alternativas, com o andamento alterado, que é para não dar o gostinho de cantar junto para a platéia. Pouco importava, porque o mal já estava feito e a audiência não dava sinais de recuperação depois do começo desastroso. Nem toda a porrada e luz estrobo do mundo deram jeito.

Corgan, que entrou numa onda progressiva, não definiu se os Pumpkins acabam ou não

Mas para os fãs inveterados resta esperança. Corgan anunciou que o grupo vai lançar um novo álbum (!), exclusivamente pela internet, que vai se chamar *Temple Of Ulysses*, e a faixa inédita que o quarteto tocou ao vivo, "I Of The Mourning", foi indiscutivelmente a melhor da noite. Quem sabe, depois de um tempo de reflexão, os Pumpkins não ressurjam das cinzas e voltem a ser a banda de que a gente sempre gostou.
Valeria Rossi

Rock na veia

Hanson
Credicard Hall – São Paulo, 9/11



Já dá para imaginar. Isaac com a barba por fazer, Zac com um barrigão de cerveja, Taylor viciado em comprimidos antidepressivos. Turnês menores, platéia heterogênea e o espírito do rock'n'roll definindo cada passo dos irmãos Hanson. O fracasso de vendas de *This Time Around* e os muitos espaços vazios dentro do Credicard Hall no primeiro show do trio em São Paulo são fortes indícios. Estão prestes a trocar de audiência – e não se trata de faixa etária. O que se faz necessário agora é um novo tipo de fã.

Ou não. Um colega bem observou que esses grupos que só possuem tietes histéricas em seu público são os que podem realmente fazer obras de arte. Devem aproveitar a falta de sensibilidade da platéia, que os venera só pelas franjas e bumbuns, para fazer boa música. O problema é que, quando se está num esquema megamajor e o primeiro disco atinge 3 milhões de cópias, o sucessor não pode vender menos. Fica difícil arriscar assim.

Só que, para os Hanson, não existe mais saída. Eles são muito bons. Quem gosta de rock blueseiro e foi ao show, ouviu "Sunshine Of Your Love", do Cream, "Piece Of My Heart", de Janis Joplin, o riffão de "In The City" (dos próprios) e "This Time Around" (idem). Os apreciadores de baladas tiveram "Save Me" e um momento acústico em que os irmãos dispensaram seus três músicos de apoio (baixo, guitarra, teclado). Os que admiram melodias à Beach Boys puderam assobiar "Runaway Run", "If Only" e "MMM Bop".

Era um pouco deprimente ver as garotinhas chorando, gritando e se esperneando ao final da apresentação. Elas nem eram muitas (parece que a turnê ter passado pelo Brasil numa época em que todas as escolas aplicavam as provas do quarto bimestre ajudou no semifiasco), mas faziam um barulhão. Devia estar. A situação do Hanson é tão passageira quanto a virgindade delas.
José Flávio Júnior

Carisma de sobra

Magazine
Bier Bier Club – São Paulo, 8/11

A exumação do rock brasileiro dos anos 80 não está aí só para cuspir de volta o lixo em cima da gente. Quem esteve no Bier Bier pôde se deliciar com um retorno dos mais especiais. O Magazine, de sucessos históricos como "Sou Boy" e "Tic Tic Nervoso", justificou a reunião trazendo um artigo em falta no cenário atual: um vocalista carismático e inteligente.

Aos 45 anos, o diretor da gravadora Trama suou cinco litros e deu uma aula de dedicação ao palco. Kid Vinil não teve medo de transformar "Sou Boy" em samba-rock (sensacional, aliás) nem de abrir o microfone para o baixista (e velho colaborador de BIZZ) Antonio Augusto Jr. brilhar, cantando "Rebelde Sem Alça", homenagem a um talento incompreendido do jornalismo musical de Varginha.

Com disco a caminho, o Magazine mostrou novos hits em potencial: uma recriação de "Mamãe Passou Açúcar Ni Mim", sucesso de Wilson Simonal, e a hilária "Gorda". Mas, em matéria de mongolismo musical, nada será capaz de superar "Zeca Baleiro", resposta à bobagem criada pelo maranhense (que, na música "Kid Vinil", perguntou a ele: "Quando é que você vai gravar um CD?"): "Zeca Baleiro, eu vou gravar CD. Agora quero ver você gravar um LP". E isso na mesma melodia de "Marcha Soldado".
Pedro Só

Kid Vinil: agora, ele vai gravar um CD

A QUE NÃO LÊ O FOLHATEEN, que toda segunda traz informação que faz a diferença. Como, por exemplo, que a camisinha pode prevenir a gravidez Só a Folha tem o Folhateen. Nele os adolescentes encontram os principais assuntos de seu interesse: música, cultura, ensino, comportamento, sexo e muito mais. Colunistas especializados respondem às dúvidas e incentivam o adolescente a buscar a informação que vai fazer a diferença em sua vida. Afinal, a vida não é igual nem pra quem é igual.

ASSINE JÁ
www.assinefolha.com.br
FOLHA
Não dá pra não ler.

METAL FAMILIAR

Em contagem regressiva para aterrissar no país, o Iron Maiden esquece as diferenças entre Bruce Dickinson e Steve Harris e promete detonar o Rock In Rio com fogos, efeitos e o diabo a quatro – tudo para brindar os fãs brasileiros com a maior apresentação que a banda já fez por aqui. Quem viver, verá

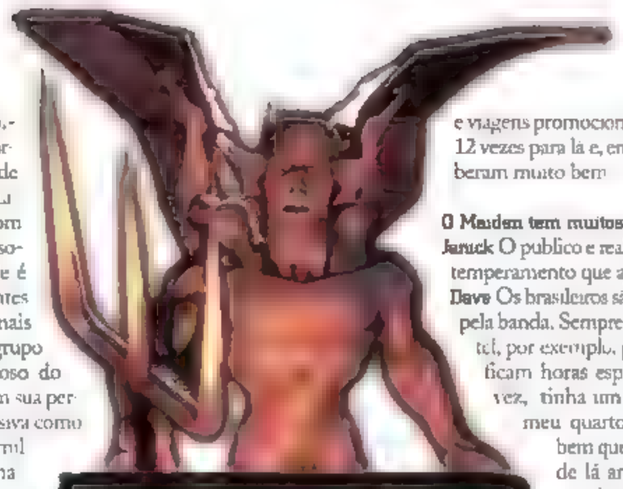
Steve, Bruce, Dave e Adrian: uniões pelo menos na missão de destrancar o pescoço da mulherada

Por Luciano Vianna

Cena 1: A maior banda de heavy metal do mundo faz um show em sua terra natal. No backstage, muitas groupies desfilando com roupas mínimas, bebidas e outros aditivos rolando à vontade. Os músicos, bêbados de não se agüentar em pé, cada um com duas fêmeas a tiracolo, passeiam pela área vip só da cueca, felizes da vida e, de hora em hora, somem no camarim com mulheres diferentes.

Cena 2: A maior banda de heavy metal do mundo faz um show em sua terra natal. No backstage, muitas crianças correndo sem parar e esposas conversando num canto. Os maridos, cada um com sua xícara de chá na mão, quase não trocam uma palavra entre si enquanto entram e saem do camarim esbarrando em crianças brincando de pega-pega no local.

Parece até mentira, mas a BIZZ passou algumas horas nos bastidores da apresentação que encerrava a turnê inglesa do Iron Maiden e, se você pensou que o pano de fundo era o descrito na cena 1... Definitivamente, o heavy metal não é mais o mesmo.



Em vez das groupies e bebidas alcoólicas esperadas, a reportagem encontrou um monte de crianças correndo e muitas, muitas xícaras de chá (pretinho, com leite). Com uma idade total somada de 250 anos, a verdade é que, fora do palco, os integrantes do Iron Maiden parecem mais uma banda gospel do que o grupo de heavy metal mais poderoso do planeta. Não que isso influa em sua performance, que continua explosiva como sempre, conforme quase 5 mil pessoas puderam conferir naquela noite em Birmingham.

Sem trocar uma palavra sequer no backstage, os líderes do sexteto, Steve Harris (baixo) e Bruce Dickson (vocal), procuram se ignorar ao máximo, e até os seus camarins estavam localizados em pontos opostos, para não haver o mínimo risco de eles se cruzarem. Mas o resto da banda, ao que tudo indica, vive um bom momento. Os guitarristas Dave Murray, Janick Gers e Adrian Smith se apelidaram de "Los Tres Amigos" e parecem não ter muito problema de convivência, tanto pessoal como em cima do palco. Mas [illegible] espantou foi [illegible] o baterista Nicko McBrain, mesmo esmurrando sua bateria sem parar durante as quase duas horas do espetáculo, ainda encontra tempo e preparo físico para um aquecimento de meia hora com uma minibateria em seu camarim (devidamente atacada pelas crianças assim que a banda entrou no palco). Haja fôlego.

Com o show da donzela de ferro confirmado para a terceira edição do Rock In Rio, mais uma boa notícia para os fãs brasileiros: o grupo vai gravar um DVD com a íntegra do show na Cidade do Rock e fazer um documentário mostrando sua visita ao Rio de Janeiro. "Essa será a maior apresentação que o Iron Maiden já fez no Brasil. O Rock In Rio é o maior festival do mundo", antecipa o clima o guitarrista Dave Murray, em entrevista exclusiva à BIZZ.

Se os dois chefões não se bicam, os guitarristas não têm problemas de convivência no palco ou fora dele. Dave, Janick e Adrian até se apelidaram de "Los Tres Amigos"

Quais são as expectativas da banda para o Rock In Rio III?
Janick Gers Estamos muito animados para esse show. Será o fecho de ouro para a nossa turnê. Acho que é sempre um tesão se apresentar no Brasil. Tocar no Rock In Rio, então, é melhor ainda. Estamos muito animados em relação a isso. É realmente uma grande honra.
Dave Murray O Brasil é um lugar muito legal. Entre os shows e viagens promocionais, acho que fomos umas 12 vezes para lá e, em todas as vezes, nos receberam muito bem.

O Maiden tem muitos fãs no Brasil.
Janick O público é realmente fantástico, tem um temperamento que ajuda muito num show.
Dave Os brasileiros são apaixonados de verdade pela banda. Sempre é muito difícil sair do hotel, por exemplo, por causa das pessoas que ficam horas esperando pela gente. Uma vez, tinha um fã batendo na porta do meu quarto às 7 da manhã. Ainda bem que os seguranças tiraram ele de lá antes que desse tempo de acordar mais gente (*risos*).

Quais as suas melhores lembranças do Brasil?
Dave O primeiro Rock In Rio foi inesquecível. Um dos melhores momentos foi quando voamos de helicóptero para o show, passando por milhares de [illegible] enquanto seguíamos para o local da apresentação. O Brasil nos traz excelentes lembranças. É difícil falar de algum caso específico. Só o fato de estarmos lá é sempre muito bom. Ainda mais que o festival será em janeiro, em pleno verão. As pessoas no Brasil sabem como amar a vida.

Vocês estão preparando alguma surpresa para o Rock In Rio?
Dave [illegible] um DVD durante essa viagem. Filmaremos o show no Rock In Rio e faremos uma espécie de documentário da banda no Rio. Além disso, vamos levar o nosso show completo, com fogos no palco e muitos efeitos. Essa será a maior apresentação que o Iron Maiden já fez no Brasil. Acho que isso se justifica, pois o Rock In Rio é o maior festival do mundo.

O que mudou no som da banda dos shows com Bruce Dickson e três guitarristas na turnê de 1999 para a *Brave New World Tour*, deste ano?
Janick A *Ed Hunter Tour* era uma turnê só com os nossos sucessos, foi algo pequeno que fizemos apenas para promover o jogo e a coletânea lançados no ano passado e que também serviu para a gente testar realmente como a nova formação soava ao vivo para os fãs. De lá para cá, gravamos um disco novo e, agora, estamos querendo promover esse álbum. Muitas bandas hoje em dia já viraram paródias de si mesmas, tocando apenas uma música do álbum que estão trabalhando e recheando os shows com os hits. Acho que é muito importante mostrar como o grupo está atualmente. É o que estamos fazendo com essa turnê.

Dave Você poderia dizer que isso é uma atitude corajosa de nossa parte
Janick É muito triste tocar os hits o tempo todo. Temos muitas coisas novas para mostrar além disso. Criar um disco é algo muito excitante e você sempre deve querer tocar suas músicas novas.

Como está sendo tocar com as três guitarras?
Janick Está sendo muito bom muito legal mesmo. No começo, ninguém tinha certeza de que a [illegible] mas depois no início isso acabou se adequando de um jeito perfeito ao som da banda. Acabou dando certo também no nosso relacionamento, pois viajando juntos descobrimos que temos muitas afinidades, o mesmo tipo de temperamento .
Dave A gente se chama informalmente de "Los Tres Amigos" Ao vivo, completamos uns aos outros, temos diferentes estilos e cada um vai completando as texturas das músicas do jeito que sabe melhor
Janick Enquanto um pode fazer um solo, o outro esta tocando [illegible] e o terceiro vai seguindo a melodia. Acabamos ganhando a liberdade de ter três diferentes coisas acontecendo nas guitarras ao mesmo tempo.

Como vocês dividem o trabalho nas guitarras?
Janick Na verdade, isso acabou vindo naturalmente. O Adrian é muito ligado no lado rítmico da coisa, o Dave é um guitarrista mais inclinado para o blues e eu gosto de tocar mais pesado. A idéia do solo não é mostrar quem é o melhor ou o mais rápido guitarrista, e sim incrementar o arranjo da música. Então, se o seu estilo se adapta melhor aquele momento da canção, naturalmente você vai fazer esse solo.
Dave Para a gente, os solos são apenas mais uma passagem da música. Enquanto alguém está solando, os outros dois guitarristas também estão tocando, preenchendo a canção com outras texturas.
Janick Às vezes ficam nos cobrando, dizendo que o novo álbum deveria ter muito mais guitarras, mas somos "Los Tres Amigos", não "Los Tres Egos" (*risos*)

Vocês tiveram de mexer em muitas coisas nos velhos hits para os adaptarem a três guitarras ao vivo?
Dave Não, porque quase todas as nossas músicas já tinham muitas guitarras extras e overdubs.
Janick Antigamente se gravavam muitos overdubs, então existem músicas dos trabalhos anteriores com quatro, cinco guitarras ao mesmo tempo.

Como está sendo a receptividade do público à nova turnê?
Janick Temos a lotação esgotada praticamente todos os dias em todos os lugares por onde passamos.
Dave A temporada americana foi muito boa, tocamos para um grande público lá, sempre com grande sucesso.

O grupo vai gravar um DVD com a íntegra de sua apresentação na Cidade do Rock e fazer um documentário com suas andanças pela cidade. Quer mais?

E a reação do público em relação às músicas do novo álbum, como tem sido?
Dave Sempre que fazemos um disco, nossa principal preocupação é saber o que os fãs vão achar das novas músicas. Acredito que a maioria tem gostado, porque o álbum alcançou o primeiro posto nas paradas de diversos países da Europa.
Janick Quando você toca uma nova canção, é claro que não pode esperar que todo mundo tenha uma reação sensacional logo de cara. Quando o Led Zeppelin começou a promover "Stairway To Heaven", ninguém sabia a [illegible] que ao escutá-la rocada por eles anos depois. Mas acho que é sempre importante tocar as músicas novas ao vivo. Esperamos, sinceramente, que essas composições permaneçam por bastante tempo no repertório dos nossos shows.
Dave Tocamos muitas músicas recentes durante o show e a reação chega a ser impressionante, porque em muitos lugares o público canta a letra toda delas
Janick O principal é, além de mostrar as novas canções dar também uma chance para o público poder se divertir com os seus hits favoritos. Acho que encontramos a perfeita divisão entre as novidades e o material antigo com a lista das músicas dos shows dessa turnê

Como anda o relacionamento entre os integrantes da banda?
Janick Essa é uma das bandas mais amigáveis em que já estive (*risos*). Lógico que nem sempre temos as mesmas opiniões, mas acho que isso é muito saudável para o nosso som
Dave Temos os nossos problemas, como todo mundo, mas aprendemos, com o passar dos anos, a nos apreciar como um grupo, a nos divertir juntos e a colocar a música em primeiro lugar. Obviamente, se nos odiássemos, não estaríamos aqui fazendo isso.

TUDO PERFEITO, MAS... CADÊ OS CLÁSSICOS?

O público inglês do Iron Maiden é muito engraçado, para não dizer outra coisa. Enquanto as arquibancadas do pomposo National Exibition Center, em Birmingham, estavam abarrotadas na última apresentação da Brave New World Tour na Inglaterra, a pista estava com apenas metade da lotação. Já não se faz platéias de heavy metal como antigamente... Mas, tirando a apatia característica dos ingleses, em cima do palco o Iron Maiden mostrou sua habitual categoria num show em que não faltaram explosões, Bruce Dickinson berrando "scream for me Birminghaaammm", o [illegible]-monstro Eddie passeando e muitos, muitos solos das três guitarras ensandecidas.

Talvez tenha sido esse o maior problema do espetáculo. Junto com o set list malfeito (privilegiava muitas músicas novas em detrimento dos clássicos da banda que todo mundo estava ali ansioso para escutar), o trio de guitarras foi responsável pelos momentos mais tediosos do show. Com cada música durando 7 minutos em média, Bruce Dickinson pouco cantou, e as partes instrumentais imperaram, com pelo menos solos de dois guitarristas em cada música. Para piorar, mais ou menos de três em três músicas, o vocalista parava a apresentação para falar mal de alguém. Sobrou para o jornalista de revista inglesa *Q* que acompanhou a banda na última excursão americana, para os críticos que falaram mal do novo álbum e para o governo inglês, entre outros alvos do baixinho mal-humorado. O público só não vaiava porque a devoção aos ídolos locais era maior que o marasmo provocado pelos discursos ranhetas.
Já quase no final, o primeiro coro da platéia, em "Fear Of The Dark", e a primeira animada, com a clássica "Iron Maiden", que lechou a noite. Um show medíano, tanto por culpa do público quanto por culpa da banda. Como no Rock in Rio a multidão vai estar bem mais empolgada, tomara que o grupo acerte a mão e mostre, no Brasil, por que o Iron Maiden é o maior nome que vem à cabeça quando se fala em heavy metal.

Música inacabada

Por Alexandre Matias

"Você sabe o que acabou de fazer?" O porteiro Jay Hastings não conseguia traduzir em palavras o sentimento que passava por sua cabeça. O sujeito estava parado na calçada do prédio, calmo e paciente, com o livro *O Apanhador No Campo De Centeio*, de J.D. Salinger, aos olhos, como se sequer soubesse o que havia acontecido há menos de um minuto, diante de seus olhos. Eram 11 da noite de 8 de dezembro de 1980, quando Mark David Chapman, de 25 anos, virou-se para o atordoado Hastings e, entre um sorriso de alívio e um suspiro de desespero, tranquilamente confessou "Eu atirei em John Lennon".

Lá estava o ex-beatle atirado no chão, cinco buracos de bala em seu corpo, drenando sangue e outros fluidos orgânicos enquanto gemia seus últimos suspiros. "Tô baleado" disse pouco antes de perder a consciência, entre as fitas de sua última gravação. Hastings não conseguia acreditar na cena a que assistia. Lennon vomitando sangue ali, na sua cara, dissipando todo o glamour popstar à medida que a morte chegava da forma mais rasteira e ingrata possível.

Lembrava do beat e mais esperto da invasão britânica, do pacifista polêmico do começo da década anterior, do Lennon caseiro que cuidava do Sean e há dois anos o cumprimentava pelo nome: "*Bye, son*, Jay". Tirou o casaco, cobriu o artista ferido. "OK, John, vai dar tudo certo" balbuciava nervoso ao ver o foco de seus olhos sumindo entre lentas piscadas de pálpebras. Tirou a gravata para usá-la como um torniquete, mas não sabia o que fazer com ela, saindo logo em seguida à caça do agressor que apenas esperava parado na mesma rua 22 Oeste em que o crime havia acontecido. Dois carros da polícia ficaram em frente ao edifício Dakota, lar de Lennon e Yoko desde o nascimento do único filho do casal, Sean, e dois policiais saíram encurralando Hastings. "Ele, não", gritou um porteiro. "Foi ele!", apontou Jay para o autor dos tiros.

Chapman conversara com Lennon antes de decidir assassiná-lo naquele mesmo dia. Cinco horas antes, havia cumprimentado o ex-beatle e lhe apresentado uma cópia do recém-lançado *Double Fantasy* para ser autografada. "John Lennon, 1980" escreveu o músico inglês antes de entrar na limusine branca que o levaria ao estúdio onde gravava *Walking On Thin Ice*, seu próximo single. Ele esperou o artista voltar para casa e o abordou ao vê-lo sair do carro. Lennon virou-se para atendê-lo e foi atingido por uma sequência de cinco tiros disparados pelo 38 de Chapman. Mark virou-se e tomou distância, com a sensação de dever cumprido. Poucas horas depois, John Lennon era declarado morto, aos 40 anos de idade.

"Na verdade, eu não queria o autógrafo, queria a vida dele. E acabei ficando com os dois" diz hoje Chapman, de 45 anos, 20 deles de cadeia. O assassino de John Lennon tentou pedir a redução de sua pena por bom comportamento, no mês de outubro (quando o ex-beatle completaria 60 anos), mas o pedido foi negado por Yoko Ono - embora muitos, Chapman inclusive, apostassem na boa vontade da japonesa mais famosa do

mundo. "Acho que ele provavelmente gostaria de me ver livre", disse o assassino. O advogado de Yoko, Robert Gangi, respondeu na lata: "John adoraria estar aqui para falar por si mesmo"

Certamente. Afinal, Lennon sempre foi conhecido por sua língua afiada. Desde que apareceu com os Beatles, era o responsável pelas frases mais sarcásticas, pelas letras mais ácidas, pelas farpas disfarçadas de elogios, pelos trocadilhos surrealistas, pelas canções mais diretas do quarteto de Liverpool. Em pouco tempo, era um dos roqueiros mais respeitados de sua geração, por um motivo simples: não engolia desaforo e cuspia contra quem quer que pudesse vir em sua direção. O ataque verbal era a marca registrada de Lennon, mas, no fundo ele sabia, era só uma forma de defesa.

Porque o mundo, apesar de suas sempre dubias voltas, não conspirava a favor de John Winston Lennon, nascido sob um bombardeio alemão em Liverpool no dia 9 de outubro de 1940. Filho de pais boêmios e artistas (Julia vivia na noite e Alfred – ou Fred – era um marinheiro que tinha famílias de portos em portos), o pequeno John cresceu sob a conduta da irmã de sua mãe, Mary Elizabeth Smith, a tia Mimi, e seu marido George, na pequena e escura casa no número 251 da Menlove Avenue.

A ausência de Julia na vida do jovem Lennon causou-lhe estragos cujas marcas o perseguiram pelo resto da vida. Por mais que seus tios se dedicassem, ele não tinha o conforto dos pais, e isso lhe rendeu conflitos sociais que o tornaram amargo e isolado.

A morte da mãe (atropelada por um policial bebado quando ele tinha 18 anos, na época em que os dois voltavam a se falar com freqüência) e a volta do pai (querendo aproveitar-se da fama do filho no auge da beatlemania) contribuíram para sua degradação individual, sendo cada vez mais corroído por sentimentos egoístas e anti-sociais. Dois gêneros modernos o salvariam do pesadelo/prisão que sua vida aos poucos desenhava: a literatura (representada por Lewis Carroll) e o rock'n'roll (por Elvis Presley).

O NÃO DE YOKO ONO

A íntegra da declaração da viúva de John Lennon à justiça norte-americana, quando da ocasião do pedido de redução da pena de Mark Chapman:

"Não é fácil para mim escrever esta carta, uma vez que ainda é muito doloroso pensar no que aconteceu naquela noite e verbalizar meus pensamentos de uma maneira lógica. Com seu único ato de violência, o 'sujeito' [illegible] de muitas outras vidas além, devastar os filhos (de Lennon) e trazer profunda tristeza e medo para o mundo. Foi, certamente, o poder de destruição trabalhando. Sua sábia dará um sinal verde para os outros que quiserem seguir as pegadas do 'sujeito' para receber a atenção do mundo. Temo que vá trazer de volta o pesadelo, o caos e a confusão. Eu e os dois filhos de John não nos sentiríamos seguros pelo resto de nossas vidas. Pessoas que estão em posição de alta visibilidade como John também se sentirão inseguras."

VIOLÃO E TOPETE

O primeiro surgiu na biblioteca da Dovedale Primary School, quando Lennon descobriu, em um de seus livros de inglês, o poema "Jabberwocky", do livro *Alice No País Do Espelho*. Tinha menos de 10 anos e ficou fascinado com a forma que Lewis Carroll contorcia as palavras, dando-lhes duplos sentidos somente ao trocar letras e combinar conjunções. Um mundo mágico descortinava-se à sua frente e bastava brincar com o idioma para distorcer a realidade a seu bel-prazer.

O segundo veio com a gradual descoberta da música para dançar: inicialmente com a febre do skiffle que tomou conta do norte da Inglaterra em 1956; depois com o filme *Blackboard Jungle*, que lançou a canção "Rock Around The Clock", e, finalmente, a rendição definitiva de "Heartbreak Hotel", daquele caminhoneiro que se tornara a sensação nos Estados Unidos. Elvis Presley também atacou a Grã-Bretanha como um furacão, convertendo milhares de moleques sem rumo na vida à nova religião do rock'n'roll.

John comprou um violão e começou a deixar o topete no cabelo. Descolou uma jaqueta de couro e quase todo dia, à noite, sintonizava a rádio Luxemburgo, para ver se conseguia aprender aquelas músicas geniais que não paravam de vir da América. De lá chegavam navios cargueiros cheios de revendedores de discos, que contrabandeavam os sucessos das rádios americanas para os disc-jóqueis ingleses, criando um verdadeiro mercado negro de LPs americanos. Montou um conjunto com seus amigos Pete Shotton, Nigel Whalley e Ivan Vaughan, chamado The Quarrymen (em homenagem à escola em que estudavam, a Quarry Bank School).

Foi Vaughan quem, em um dos primeiros shows do conjunto – uma quermesse na igreja de St. Paul, no subúrbio de Woolton, entre a apresentação dos cachorros da força policial da cidade e um concurso de tortas –, apresentou Lennon a um garoto mais novo, James Paul McCartney. Ivan convenceu Lennon, que estava bebado, a ir conversar com Paul quando soube que este sabia tocar "20 Flight Rock", de Eddie Cochran. John gostou do que viu e, dias depois daquele lendário 6 de junho de 1957, pediu para Pete perguntar se Paul queria entrar no grupo. Ele aceitou.

PEDIDO DE SOCORRO

Com o rock'n'roll, Lennon conseguia canalizar toda sua angústia adolescente em algo que, ao menos para ele, parecia produtivo. Passou a se dedicar ao grupo que, com a adição do guitarrista George Harrison, o baixista Stuart Sutcliffe e o baterista Pete Best, passou de Quarrymen a Long John & The Silver Beatles ou, simplesmente, Silver Beatles. Originalmente o grupo ira se chamar Beetles (besouros), como os grilos (Crickets) de Buddy Holly ou os próprios Beetles que eram a gangue inimiga de Marlon Brando no filme *O Selvagem Da Motocicleta*. Mas Lennon propôs a troca da segunda vogal repetida por um "a", dando diversos duplos sentidos, que iam da geração literatura beat à palavra inglesa que designa barata, ritmo. Assim viajaram para Hamburgo, na Alemanha, onde passaram a fazer shows de dez horas seguidas em que precisavam tocar qualquer tipo de música que lhes fosse pedido. Ao mesmo tempo que se entrosavam como músicos, aprendiam várias canções novas por dia e pegavam pique de palco. Era inevitável que se tornassem uma boa banda.

Ao voltarem para Liverpool (Stuart ficou na Alemanha com sua namorada, a fotógrafa Astrid Kirchner, e Paul assumiu o baixo da banda), os Beatles eram um grupo em ponto de bala, azeitado para o sucesso. Em 28 de outubro de 1961, o garoto Raymond Jones entrou na loja de discos Northern England Music Store atras de um disco, *My Bonnie*, que um grupo da cidade havia gravado na Alemanha com um cantor chamado Tony Sheridan. O dono da loja ficou intrigado e quis saber um pouco mais sobre o tal grupo. Foi essa curiosidade que levou Brian Epstein a ir à casa noturna Cavern Club no dia 8 de novembro daquele mesmo ano. Quando assistiu a explosão de energia que os Beatles proporcionavam aos 200 adolescentes que se espremiam no local, começou a gerenciá-los.

O primeiro passo foi livrá-los das jaquetas de couro e dos topetes (a contragosto de Lennon) e trocar o baterista (saiu o galã juvenil Pete Best – sob protesto das fãs – e entrava o preciso e pacato Ringo Starr). Depois, era só vendê-los do jeito certo. O resto, como dizem, é história.

Com os Beatles, Lennon atravessou os anos 60 galvanizando uma estranha e carismática personalidade. Parecia objetivo, franco e direto em suas entrevistas cheias de sarcasmo juvenil, porem suas músicas pediam socorro e mostravam um artista inseguro e tímido. "Ajude-me se puder, estou me sentindo mal", cantava com entusiasmo em "Help!". "Ajude-me a pôr os pés de volta no chão." Viver no furacão da beatlemania já era suficiente para deixar qualquer um completamente alheio à realidade, morando em quartos de hotel pelo mundo, entre entrevistas e sessões de fotos. Mas ser um beatle era mais insuportável.

Toda aquela euforia girava em torno de John, Paul, George e Ringo onde quer que eles fossem, não havia descanso. Se,

no começo, era uma felicidade pubere de um sonho impossível realizado, dando motivos de sobra para que eles se especializassem em ser os Beatles (isto é gostar de ficar juntos, brincando o tempo todo e cantando canções apaixonantes), aos poucos foi se tornando a única forma de expressar o desespero de estar em um trem desgovernado.

DESESPERO PESSOAL

"Sou um perdedor e não sou o que pareço", confessava Lennon, o que mais sofria, no disco *Beatles For Sale*, de 1964. "Viver é fácil com os olhos fechados, interpretando mal tudo que se vê", filosofava em "Strawberry Fields Forever", em 1967. "Não consigo dormir nem parar meu cérebro, já são duas semanas e estou ficando louco", desesperava-se em "I'm So Tired", de 1968. A cada oportunidade, Lennon demonstrava quanto aquela vida lhe desgraçava. "Era preciso se humilhar para ser o que os Beatles eram. E é disso que me arrependo, porque eu fiz aquilo", disse, logo depois de sair do grupo em sua histórica entrevista ao editor da revista *Rolling Stone*, Jann S. Wenner, em 1971 (que está sendo lançada na íntegra no livro *Lennon Remembers*). "Não percebi aconteceu pouco a pouco até que essa completa loucura estava à nossa volta. E você estava fazendo exatamente o que não queria fazer com pessoas que não suportava – as pessoas que você odiava quando tinha 10 anos. E é isso que eu estou dizendo nesse disco (*Plastic Ono Band*, seu primeiro solo propriamente dito). Estou dizendo 'Fodam-se todos! Vocês não me pegam de novo!' "

Desde os Beatles, o desespero pessoal era sanado graças a fugas de cunho espiritual, embora sempre embaladas por drogas, religiões, linhas ideológicas, políticas ou individualistas. Foi assim que descobriu acidentalmente a psicodelia beatle entre recortes de jornal e velhos cartazes. Que abraçou a meditação transcendental do Maharishi Maheshi Yogi, a arte de vanguarda, o blues primitivo, o pacifismo ativista, a manipulação da imprensa, a adoração ao rock e o grande amor de sua vida, Yoko Ono.

Com Yoko, a grande paixão da sua vida, o artista descobre o sossego da vida doméstica

Durante toda sua carreira, estava à procura de algo que nunca tivera: amor. Buscava ser amado das formas mais diferentes, cantando sobre o tema com gana e desesperança. Transformou o sentimento numa espécie de verdade absoluta, segundo a convenção básica do cristianismo e a premissa do profeta João, que dizia "Deus é amor". Lennon não acreditava na religião – para ele, o amor universal era uma filosofia pessoal. "Só acredito em mim", pregava quando começou a se ligar em sua própria ideologia.

COMPLETO PELO AMOR

Cantava o medo de não ser aceito, que o perseguiu por toda vida e só se encerrou com o nascimento do primeiro filho com Yoko, na mesma semana em que seu visto de permanência nos Estados Unidos era aprovado. "Dizem que sou louco por fazer o que faço/ Me aconselham de todo jeito para me salvar da ruína", entregava, já sabendo o que precisava para ser feliz. Dedicando-se à vida privada após 1975, Lennon descobriu na própria família tudo que precisava.

Como o melhor rock, ele sabia que tudo que é bom não tem frescura. Direto, com franqueza e transparência, sem segundas intenções ou troca de favores. O amor que passou a viver nos últimos anos de sua vida (deixando os negócios para Yoko, que os tocava à base do misticismo e se saía incrivelmente bem) o tornou completo, fazendo-o descobrir que tudo que sempre procurara estava exatamente dentro de si mesmo.

O jeito com que Lennon expunha sua vida privada e seus conflitos ao público fez com que revelasse a indecisão e a sensibilidade que habitam a cabeça de qualquer pai de família. Ele tornava possível a qualquer um extravasar seu lado infantil, senil, pubere e maduro, sem atrelá-los a faixas etárias. "Nos dias seguintes – sem coragem de dizer adeus a John – percebi uma das razões que me fizeram sentir medo, sozinho e sem acreditar nas notícias. Foi aí que percebi que tornei minha vida adulta em torno deste cara de uma maneira muito séria." Dez anos depois da tal entrevista, o editor da *Rolling Stone*, Wenner, resumia os sentimentos de toda uma geração diante da morte de Lennon. Ela que veio para lembrar como é fácil perder o que se tem, quando não se toma cuidado. Até o amor.

NINGUÉM ME DISSE QUE IA SER ASSIM

Imagine se John Lennon não tivesse morrido

Todo dia, a mesma coisa. Lennon acordava, arrastava-se da cama até a porta de casa, catava o jornal e ia para a copa, onde tomava um café e fumava o baseado que havia feito escondido no banheiro na noite anterior. Goles e tragos após a página de esportes, pegou a seção de entretenimento e teve mais uma vez a nauseante visão dos outros três beatles remoendo a carcaça de seu antigo grupo. "Esses porras precisam de mais dinheiro ainda?", resmungou. Odiava a forma de Paul se referir a pilhagem do arquivo de seu passado como "projeto *Anthology*", como se realmente tivesse alguma coisa a ver com aquela palhaçada. Havia dito não ao Live Aid, ao USA For Africa, à Anistia Internacional, ao Rock n Roll Hall Of Fame, à Hollywood, à MTV (cinco ou seis vezes pelo menos), a todo produtor de qualquer tributo, por melhor que fossem as intenções. E daí que George Harrison estava falido? Ele que arrumasse uma Yoko pra tomar conta do dinheiro.

Mas o que mais incomodava Lennon era o fato de, 30 anos depois de seu fim, os Beatles ainda ocuparam as manchetes dos jornais. Sentia-se preso a uma ditadura que fazia com que qualquer gesto seu parecesse ainda preso aos anos 60.

Era apenas isso que o fazia se enclausurar no caminho entre sua fazenda no norte da Inglaterra e o apartamento no edifício Dakota. Desde que Sean nasceu, gravou apenas cinco álbuns, cada um deles com quatro anos de diferença entre si, todos saudados como "Lennon volta à velha forma". Depois de *Double Fantasy* vieram *Heart And Soul* (de 1984, produzido por Nile Rodgers), *Back Home* (de 1988, nova parceria com Phil Specior), *Road* (de 1992, coletânea de gravações em festas de amigos, seu único vínculo com o palco) e *Closer* (de 1996, gravado apenas ao piano, produzido por Don Was). Estava cansado de ser tratado como relíquia de uma época de ouro, mas não via outra forma de se expressar e não ser envolto em nostalgia. Ainda mais quando observava o que tomava as paradas do ano 2000.

Misturaram o conceito da beatlemania com uma nuance hip-hop e nasceu o pop jeca dos Backstreet Boys, *NSync e quejandos. Diluíram a fase de transição (1965-66) dos Beatles com rock de arena e criaram o britpop de Blur, Oasis, Stereophonics, Travis, Radiohead. A nova psicodelia (Flaming Lips, Mercury Rev, Olivia Tremor Control, Gorky's Zygotic Mynci) nada mais era do que o tratamento épico de *Abbey Road* levado a discos como *Yellow Submarine* ou *Let It Be*. Hits modernos de Beck e Chemical Brothers surrupiavam a base de "Tomorrow Never Knows" na cara dura. Os anos 90 eram uma chatice para ele, que só saiu de casa para assistir a shows de rock", como gostava de enfatizar (a saber: Chuck Berry, Teenage Fanclub, Happy Mondays, Nirvana e Jimmy Page com os Black Crowes – "Pode parecer brega, mas adoro Led Zeppelin").

Agora, chegava novamente o fim de um ano terminado em zero. Lennon costumava duvidar de que seu nascimento fosse mesmo em outubro, uma vez que a cada dez anos, em dezembro, dava um passo decisivo em sua trajetória. Sabia que aquele era um mês importante em sua vida, o que fazia com que se comparasse a Jesus Cristo. Não como o filho de Deus, John nem sequer acreditava nisso ("Deus é um conceito pelo qual medimos nossa dor", compôs), mas como um comunicador, um doutrinador das massas, uma pessoa cujo nível de identidade com o público o tornasse extremamente popular. E lembrou que o dezembro de 1980 foi marcado por dor e sofrimento. Não fosse o pobre guarda-noturno que se jogou em sua frente (Fábio, era esse o nome?), talvez não estivesse mais aqui. Lennon imaginou o que teria acontecido se tivesse morrido quando aquele fã maluco o tornou alvo. Tirando uma ou outra música e uma série de aspas dadas de bandeja à imprensa abelhuda, sua influência nas últimas duas décadas era mínima. As pessoas ainda queriam o beatle John, sem pensar que "Revolution", "Happy Xmas" e "Imagine" eram canções políticas, "Mind Games" falava de amor, "Help!" era um grito de desespero e "Instant Karma" cantava a urgência da vida. Ninguém prestava atenção ao que ele estava dizendo. Nunca. Dias estranhos, de fato. Por isso, ele cogita a hipótese de voltar a aparecer no dezembro do ano 2000. Pessoalmente é uma época crucial, troca de estação e rito de passagem. Para o público, é apenas o mês do Natal em que ele terá 60 anos. Será que valeria a pena voltar? Sim, vale. Canta John, estamos escutando.

Enquanto o Rush não vem

Geddy Lee, a alma do trio canadense mais famoso do mundo, estréia em carreira-solo e promete que, um dia, ainda tocará no Brasil

Quando toca o telefone, a voz de Pato Donald do outro lado não deixa dúvidas: é Geddy Lee, a "bruxa véia", vocalista, multinstrumentista e alma do trio canadense Rush. Descontraído, bem-humorado, nos 40 minutos seguintes ele não só anteciparia seu aguardado disco-solo, *My Favorite Headache*, como repassaria a vitoriosa trajetória de sua banda – 23 álbuns e 35 milhões de cópias vendidas.

Pretensiosa e glacial para uns, apenas rock com tutano para legiões de seguidores, a verdade é que a pomposa fórmula do Rush (hard rock + letras viajantes + rock progressivo + virtuosismo instrumental) já contabiliza quase três décadas driblando punk rock, new wave, thrash metal, grunge e outras correntes que surgiram e sumiram. Atualmente, seus ecos reverberam em várias subderivações do chamado metal progressivo-melódico.

Em 1997, logo após a turnê de *Test For Echo* (o último trabalho de estúdio, que gerou o CD ao vivo *Different Stages*), o trio experimentou um ano trágico: em poucos meses, o baterista e letrista Neil Peart perdeu a mulher para o câncer e a filha num acidente de carro. Com o recesso, o guitarrista Alex Lifeson enveredou por trilhas sonoras e se entregou a jams com bandas de bar de Toronto, onde mora. Lee convocou um velho amigo, o guitarrista Ben Mink, uma espécie de *local hero* canadense ("Na adolescência, tocando em bares, ele lembrava Jeff Beck", exagera), e com ele teceu seu primeiro vôo-solo, o segundo de um membro do Rush (Lifeson puxou a fila em 1996 com o estranho *Victor*).

Espirituosamente intitulada *My Favorite Headache* (*Minha Dor de Cabeça Predileta*), a bolacha chegou às prateleiras em novembro. Lee não fez feio: power pop, brismo e guitarras, muitas guitarras, saciarão a sede dos fãs até a próxima investida da banda, programada para 2001. No final do bate-bola, o músico profetizou: "Ainda iremos ao Brasil". Um dia.

Lee, Peart e Lifeson: há quase 30 anos viajando nas melodias

O Rush tem milhares de fãs no Brasil e é das poucas bandas consideradas grandes que nunca tocou aqui. Por quê?
Primeiro quero pedir desculpas aos nossos fãs brasileiros por nunca termos nos apresentado aí. A verdade é que, quanto mais cresce a demanda, mais fica difícil tocar onde queremos. Nossa última turnê foi há três anos e já vínhamos num crescendo de lugares para nos apresentar. Só estivemos no Japão uma única vez, e faz um tempão que não vamos a Europa. Mas ainda iremos ao Brasil.

Seu vocal é tão marcante que a primeira impressão sobre *My Favorite Headache* é que se trata de um disco do Rush. Está preparado para comparações?
Quando você é um cantor de uma banda por 25 anos, torna-se "a voz" do grupo. Isso não me incomoda, sabia que seria inevitável. Tenho orgulho do meu papel no Rush – foi minha escola, onde aprendi tudo. Cresci nessa banda e é claro que isso afeta meu jeito de escrever e fazer música.

Por que um título tão engraçado?
Porque eu sou engraçado (*risos*)! É um título flexível, único. Ouvi essa frase pela primeira vez do pai de um amigo, chamando sua esposa de "minha dor de cabeça predileta". Caí na risada e achei que era uma grande frase para descrever relacionamentos – por exemplo, o meu com a música é o que mais gosto, mas ele me deixa louco. Isso se aplica à vida em geral, àquela coisa que as pessoas não conseguem parar de fazer, mas que, por outro lado, as deixa malucas.

Por que você optou por estruturas musicais mais simples que as do Rush?
Esse foi um projeto muito estimulante para mim, porque, com o Rush, a espinha dorsal rítmica do som é muito mais complicada. Mas, nesse caso, a complexidade ficou reduzida às melodias e às texturas. Para mim, foi uma mudança radical e uma agradável experiência, aprendi muito sobre experimentação com melodias.

***My Favorite*... está numa direção mais melódica, que muitos sempre quiseram que o Rush desenvolvesse um pouco mais.**
Interessante ouvir isso. Para mim, foi ape-

"Primus, Soundgarden e Pearl Jam já manifestaram admiração pelo Rush. Essa é a maior honra para uma banda: saber que influenciou outros músicos"

nas uma face natural que trabalhei musicalmente. Claro que o rock está presente, mas há muita melodia e passagens evocativas, porque eu estava me sentindo meio assim. Quanto a ter desenvolvido mais isso com o Rush, quando você está no estúdio com mais duas pessoas opinando, tudo é possível. Mas acho difícil comparar esse disco com o que o Rush faz.

O que faz da música do Rush ainda uma experiência única, após todos esses anos?
É uma combinação de fatores. Sempre gostamos de hard rock e de progressivo. É divertido combinar duas coisas diferentes em algo inusitado. Também há o fato de que muitos grupos que faziam um som parecido desapareceram, e nós não. E estar na estrada por tanto tempo com certeza nos deu identidade própria.

O que ainda falta para o Rush atingir musicalmente?
Quando nos juntamos para fazer música, sempre aparece algo diferente. Há sempre o ideal da música perfeita, da performance perfeita. Você sempre descobre uma maneira não necessariamente nova, mas interessante de se expressar.

Muitos criticam a banda por sua suposta pretensão, mas o elemento rock'n'roll nunca deixou de estar presente.
Concordo, não acho que temos algo em comum com o pop, por exemplo. Por outro lado, achamos divertido estruturar nossas músicas de uma maneira mais dramática. Não acho que isso seja uma atitude hermética ou elitista.

Cada um dos quatro álbuns ao vivo da banda encerra um ciclo. Qual o seu preferido?
Boa pergunta. Acho o *A Show Of Hands* (1989) um grande disco e o comparo com *Different Stages* (1998). Gosto de colocar lado a lado o Rush de hoje com o do fim dos anos 70. Colocar os dois lado a lado é importante para mostrar de onde viemos e aonde chegamos. Há também uma certa energia bruta em *Alt*

The World's A Stage, que para meu gosto é um pouco bruta demais (*risos*). Mas ele é o que é, ao menos é um disco honesto.

Entre tantos seguidores, há alguém que o faça sentir-se orgulho em ter influenciado?
Primus, Soundgarden e Pearl Jam são bandas de que gosto e que já manifestaram admiração pelo Rush. Sempre há gente chegando e dizendo: "Olha, sou fã do Rush". Essa é a maior honra para um músico: saber que inspirou ou influenciou outros músicos.

Quando vocês voltam à ativa?
Só no ano que vem. A última vez em que trabalhamos juntos foi em 1997. A época ainda não está definida, mas espero que no fim de 2001 já tenhamos um disco pronto.

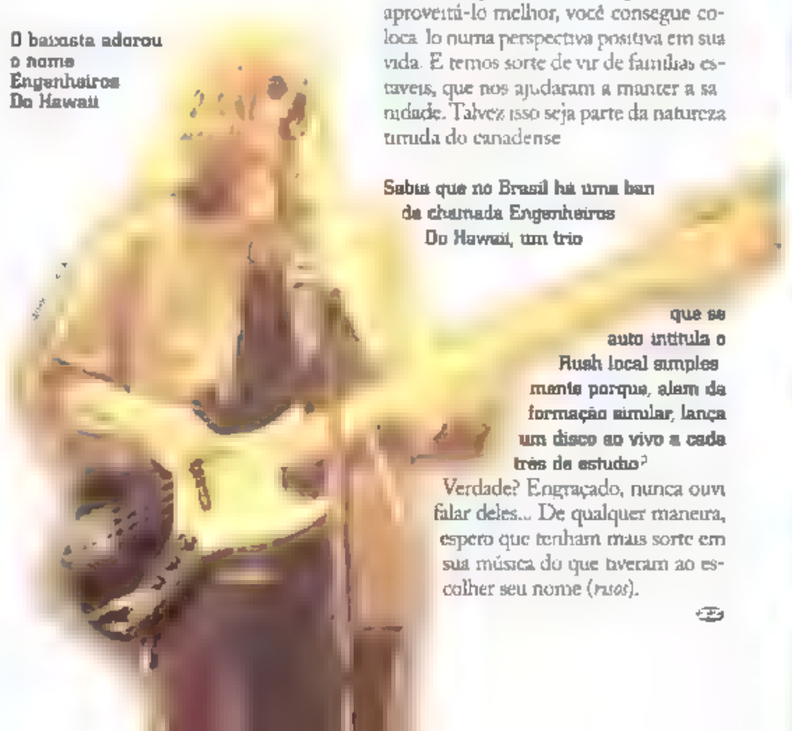
Você, Neil e Alex são amigos ou apenas colegas de profissão?
Acredite, esses caras são meus irmãos de alma. Claro que já tivemos divergências, nos anos 80 a imprensa chegou ao exagero de dizer que a banda ia acabar, mas, se superamos problemas, foi devido à amizade. Alex é um dos meus maiores amigos na face da Terra. Nos falamos direto e, ao menos de 15 em 15 dias, saímos juntos. Com Neil, ainda somos muito chegados, mas não o vejo freqüentemente, porque ele mora na Califórnia. Mas estamos sempre em contato, por carta ou e-mail.

Há algo que o estimule musicalmente no rock hoje em dia?
Bjork, Radiohead, Foo Fighters... Há outros artistas interessantes, mas esses têm uma identidade mais própria.

O Rush é das raras bandas que nunca se meteu em grandes confusões. Ser canadense contribui para uma atitude positiva no circo do rock?
(*Risos*) Por quê? Você acha os canadenses normais demais?

Pelo menos os que conheci eram todos calmos e tranqüilos.
Bem, nosso sucesso não foi da noite para o dia. E, à medida que fomos nos dando bem, nossa atitude nunca era em torno da fama, e sim do trabalho. Quando o sucesso surge de forma devagar, além de aproveitá-lo melhor, você consegue colocá-lo numa perspectiva positiva em sua vida. E temos sorte de vir de famílias estáveis, que nos ajudaram a manter a sanidade. Talvez isso seja parte da natureza turuda do canadense.

Sabia que no Brasil há uma banda chamada Engenheiros Do Hawaii, um trio que se auto intitula o Rush local simplesmente porque, além da formação similar, lança um disco ao vivo a cada três de estúdio?
Verdade? Engraçado, nunca ouvi falar deles... De qualquer maneira, espero que tenham mais sorte em sua música do que tiveram ao escolher seu nome (*risos*).



Cobra Kai

Lutando para não ser conhecido apenas como o ex-guitarrista do Guns N' Roses, Slash retorna com o segundo trabalho de seu grupo e explica por que mandou o vocalista Axl Rose tomar naquele lugar

por Daniel Oliveira , de Los Angeles , EUA

Calça de couro, barba rala, cabelão no rosto, cartola na cabeça e guitarra Gibson Les Paul. Os anos passam, as tendências musicais se alternam, os artistas tentam novos visuais, mas Saul Hudson – ou Slash, como é conhecido mundialmente – não muda um milímetro de sua personalidade. De 1987 a 1994, ele vivenciou a fama numa das maiores bandas da história do rock. Sua guitarra – ora melódica, ora pesada – temperou perfeitamente o canto esganiçado do vocalista Axl Rose. Com shows faraônicos e inúmeros hits nas rádios, o Guns N' Roses atingiu um sucesso mundial extraordinário, ultrapassando U2, Nirvana ou Pink Floyd.

Devido a discordâncias entre Axl e os outros membros, a banda foi por água abaixo após gravar a música "Sympathy For The Devil", dos Rolling Stones, para a trilha do filme *Entrevista Com O Vampiro* (1994). "A pobreza mantinha o grupo unido", disse Axl à revista *Rolling Stone* em janeiro. "Quando ficamos ricos... O Guns N' Roses era como o velho Rolling Stones. Um grupo sem grandes amigos." Hoje, como único membro da formação original, o vocalista tem esperança de manter o nome vivo, trabalhando num disco que só Deus sabe quando sairá.

Slash, por sua vez, retorna com o Slash's Snakepit, o grupo que surgiu em 1995 com o álbum *It's Five O'Clock Somewhere*. Ao lado do cabeludo estão o vocalista Rod Jackson, o guitarrista Ryan Roxie, o baixista Johnny Griparic e o baterista Matt Laug. Fiéis ao hard rock, os cinco amigos acabaram de lançar o disco *Ain't Life Grand*, tendo excursionado nos Estados Unidos com o AC/DC.

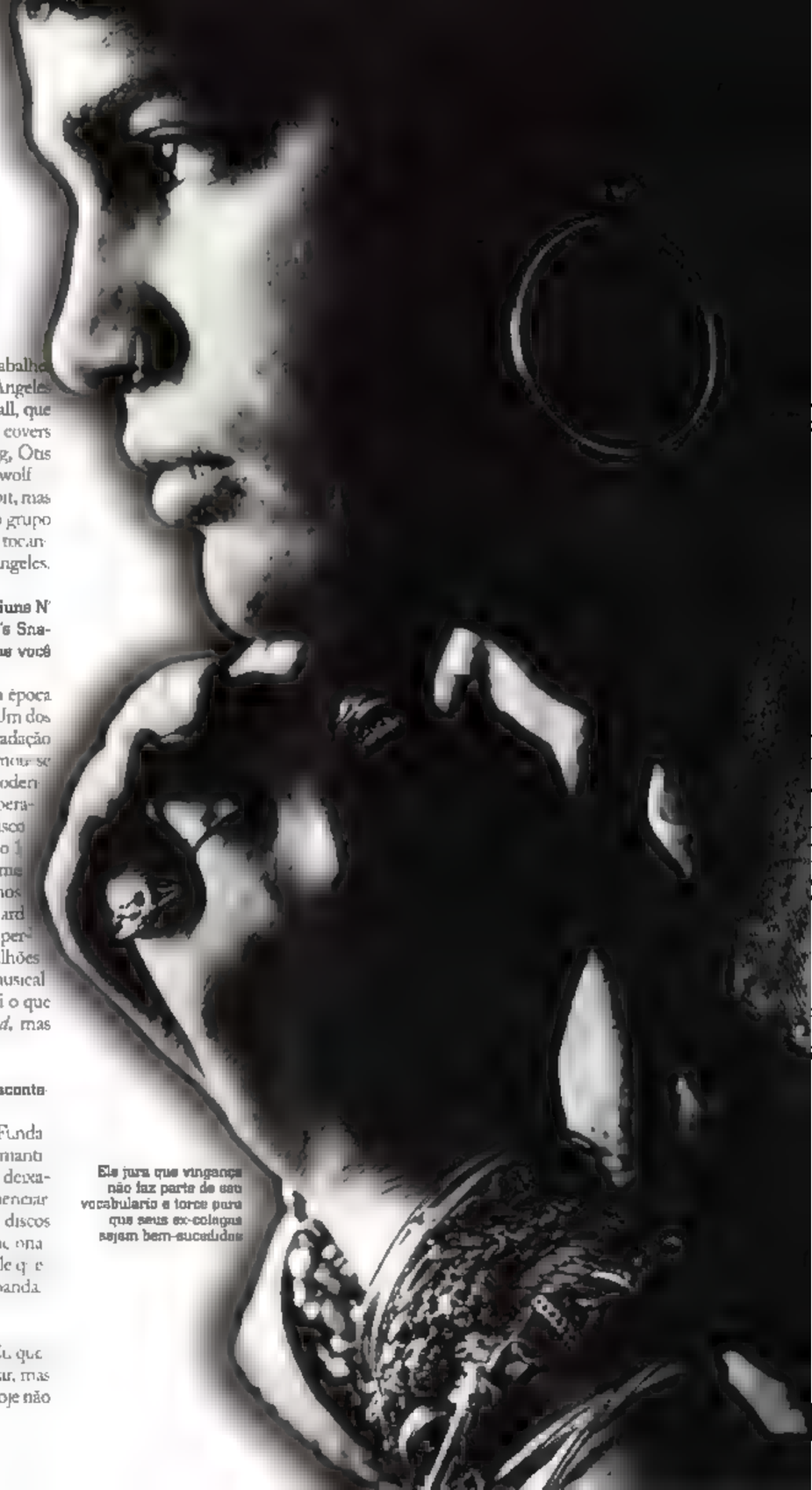
Conversando com BIZZ no escritório de sua gravadora, em Los Angeles, Slash explicou cronologicamente o que ocorreu em sua carreira desde 1995, enfatizando sua saída do Guns N' Roses. Não, ele não falou mal de Axl – inclusive até lhe deseja um futuro próspero. Seu otimismo após momentos tão conturbados provam quanto está feliz com a nova formação e o novo trabalho de sua banda.

Pouco se ouviu falar de você após a turnê do Slash's Snakepit no Brasil, em 1995. O que andou fazendo?
Aquela versão do Slash's Snakepit não era permanente. Fizemos o primeiro disco mais por diversão. Eu e Matt (*Sorum, baterista*) ainda estávamos no Guns N' Roses, Mike (*Inez, baixista*) continuava no Alice In Chains, e Gilby (*Clarke, guitarrista*, tinha sua própria banda. Matt e Mike, inclusive, não participaram da turnê brasileira por causa de tarefas extras. Minha ambição era levar o grupo adiante, mas eu tinha de voltar ao Guns. Voltei e, inevitavelmente, acabei saindo da banda. Precisei, então, lidar com advogados, empresários e assuntos legais. Trabalhei como músico de estúdio em Los Angeles e formei a banda Slash's Blues Ball, que durou uns sete meses. Tocamos covers barulhentos de Cream, B.B. King, Otis Redding, Jimi Hendrix, Steppenwolf. Depois eu quis reformar o Snakepit, mas como algo permanente. Montei o grupo e gravei o disco. Passei esses anos tocando em tudo que é canto de Los Angeles.

Comparado com os trabalhos do Guns N' Roses, o primeiro disco do Slash's Snakepit não fez muito sucesso. A que você atribui isso?
O Guns se deu bem por surgir na época certa e ter os músicos adequados. Um dos motivos de minha saída foi a degradação da formação original. A banda tornou-se algo monstruoso, maior do que poderíamos imaginar. Assim, eu não esperava nada quando fiz o primeiro disco do Snakepit. O fato de ter vendido 1 milhão de cópias mundialmente me surpreendeu. Naquela época, éramos um dos poucos artistas tocando hard rock, estilo que representa minha personalidade. Não tento vender milhões de discos ou mudar a indústria musical. Apenas toco o que gosto. Não sei o que acontecerá com *Ain't Life Grand*, mas sucesso não é o principal.

Agora a pergunta crucial: o que aconteceu entre você e Axl Rose?
O Guns nasceu inocentemente. Fundamos o grupo por amor à música e mantivemos essa mentalidade. Nunca deixamos a indústria musical nos influenciar. No entanto, durante a turnê dos discos *Use Your Illusion I* e *II*, nosso relacionamento com Axl começou a ruir. Ele queria algo diferente da natureza da banda.

Em nível musical?
Sim, em nível musical e prático. Eu queria continuar a gravar e excursionar, mas Axl pretendia outras coisas – até hoje não



Ele jura que vingança não faz parte de seu vocabulário e torce para que seus ex-colegas sejam bem-sucedidos

"Eu queria continuar a gravar e a excursionar, mas ele (*Axl*) pretendia outras coisas — até hoje não sei o quê. Quando ouvi 'Oh My God', entendi pela primeira vez o problema entre nós dois"

sei o quê (*risos*). Durante a turnê do Snakepit, estive perto dos fãs e me diverti tocando ao vivo. Quando retornei, o clima no Guns estava totalmente diferente. A banda era como um jogo: nós contra o mundo, pois trabalhávamos a nossa maneira. Quando a camaradagem entre os membros foi por água abaixo — principalmente entre eu e Axl —, como poderíamos continuar? Se não acredito no que faço, não posso mais brigar pelo grupo. Por isso, saí. Já havíamos perdido Izzy Stradlin (*guitarrista*) e Steven Adler (*baterista*) pelo mesmo motivo.

Vocês não são mais amigos?
Sou amigo de Izzy, Duff, Matt, Steven e dos outros caras. Mas não de Axl.

É uma situação triste.
Não muito. O Guns tornou-se extremamente famoso. *Use Your Illusion I* e *II* representam bem meu estilo musical, mas iniciaram as mudanças no grupo. Pensando hoje, conquistamos demais para uma pequena banda. Meu único arrependimento de ter saído é por desapontar nossos fãs. Eles viam o Guns como um exemplo verdadeiro do rock'n'roll. Porém nunca conseguiríamos entender nossos problemas internos. A banda era para ser divertida. Seria fácil manter o Guns, mas a química deixou de funcionar. Seja como for, ainda curto o mesmo estilo musical. Continuo a trabalhar com animação.

No ano passado, saiu o disco ao vivo *Live Era 87 93*, do Guns N' Roses. Você concordou com seu lançamento?
Houve uma transição de gravadoras: a Geffen foi para a Interscope, e eu fui junto. O Snakepit já estava gravando com o produtor Jack Douglas (*que trabalhou com o Aerosmith*), e a Interscope resolveu lançar o disco ao vivo do Guns. Foi decisão da gravadora, já que a banda ainda deve alguns álbuns à companhia. Achei legal, porque tem saído poucos discos ao vivo de rock. Participei da mixagem para garantir uma boa sonoridade. Esse foi o meu único envolvimento.

Depois, você saiu da Interscope...
A Interscope está totalmente diferente, mais hip-hop. Saí e passei um tempão procurando o selo certo para distribuir *Ain't Life Grand*. O álbum me pertence, pois o gravei na minha casa, no estúdio Snakepit. Como paguei pela fita, não quis vendê-la para uma companhia interessada só em dinheiro. Após muita procura, finalmente encontrei uma gravadora (*a Koch Records, que, até o fechamento desta edição, estava acertando o lançamento do disco no Brasil com a gravadora Sum*). Por isso, *Ain't Life Grand* só saiu em outubro deste ano. Ele já estava pronto há algum tempo.

Além do disco ao vivo, no ano passado saiu a música "Oh My God", na trilha do filme *O Fim Dos Dias*. O que você achou dessa primeira canção do Guns N' Roses sem a sua guitarra?
Ouvi falar do filme e fui vê-lo em Miami. Quando escutei a música, pensei: "Esse é mais ou menos o motivo pelo qual saí da banda". É tudo que posso dizer. Mas quero que Axl seja feliz no que deseja. Depois de ouvir a música, entendi pela primeira vez o problema entre nós dois.

"Oh My God" não fez nenhum sucesso. Você sentiu um gostinho de vingança?
Não, vingança não tem nada a ver comigo. Não tenho um sentimento amargo em relação à direção musical de Axl. Independência é uma de nossas qualidades. Se Axl quer fazer algo, espero que o faça bem, contra todos os obstáculos. A mesma coisa comigo. Gravei meu disco e não me preocupo com modas. Meu gosto e estilo musical continuam iguais. As pessoas sabem o que esperar de mim. Se Axl não mudasse seu gosto musical, talvez o Guns não acabasse. Quanto ao fato de "Oh My God" não ter feito sucesso, é apenas arte a música. Certamente ele ficou preocupado, mas estou feliz que tenha realizado sua vontade.

À medida que envelhecem, alguns músicos diminuem a intensidade de seus discos. O que o inspirou a gravar um álbum tão agressivo como *Ain't Life Grand*?
Curto esse tipo de música. Ouço diversos estilos, mas, quando toco minha guitarra, quero um som alto e energético, que me faça suar. Meu entusiasmo pelo rock não mudou. Não estou prestes a lançar um disco cheio de baladas. *Ain't Life Grand* só tem uma, mas encaixa-se bem no álbum. Não tenho o menor desejo de me acalmar musicalmente.

Você é um cara famoso. Foi difícil encontrar músicos interessados em seu estilo, não em seu sucesso?
A banda surgiu naturalmente. Sempre toco com caras diferentes. Quando encontrei Johnny Griparic, vimos que tínhamos os mesmos gostos musicais. Estávamos juntos no Slash's Blues Ball. Como nos tornamos amigos, eu lhe disse: "O nome Snakepit é legal. Quero recomeçar a banda". Encontramos vários bateristas em épocas diferentes, incluindo Matt Laug. Perguntamos a ele: "Quer levar um som conosco?". A banda formou-se gradualmente. Não teve nada a ver com a minha fama. Apenas queríamos lançar um bom disco. Após encontrarmos Ryan Roxie, começamos a compor as músicas. Depois, achamos Rod Jackson, que também possui os mesmos gostos. Quero enfatizar que esta é uma banda estável, não um projeto. Sempre excursionaremos e já temos material suficiente para o próximo disco.

Alguma chance de levar o Slash's Snakepit ao Brasil novamente?
Certamente estaremos no Brasil. Estamos agendando a turnê agora, mas ainda não sei as datas brasileiras.

Você acha que fará outro disco tão lendário quanto *Appetite For Destruction*?
Se eu pensasse nisso durante a composição de *Appetite...*, talvez ele nunca se tornasse um disco tão lendário. É impossível prever o futuro. A única coisa que posso fazer é tocar para as pessoas que desejam me ouvir. Seja lá o que acontecer, irá acontecer.

Alguns jovens têm hábitos curiosos. Penduram instrumentos no pescoço, dão um nome para sua coletividade, compõem e gravam músicas e saem por aí tocando nos recônditos mais esquisitos. Alf (vocal e guitarra), Biu (guitarra), Beto (baixo) e Bacalhau (bateria) são desses. Nessa história de formar banda, chegam ao segundo álbum, *Exército Positivo Operante* e, apesar do tempo relativamente curto de estrada, já acumulam histórias suficientes sobre esse peculiar modo de vida para dar conselhos e editar o...

Manual Prático Rumbora de Sobrevivência no Rock'n'Roll

Por Fabio Bianchini

R

Alf "Veste O Uniforme", nossa versão de "Born To Be Alive", do Patrick Hernandez, surgiu quando a gente era moleque. Nossos irmãos mais velhos ficavam cantando essa versão, de sacanagem. E aí ficou na nossa cabeça, mais até do que na deles. Tanto que, depois, quando liguei para o meu irmão para saber de quem era a letra, ninguém sabia. Tocávamos essa música logo que a banda começou, mas preferimos não incluir no primeiro disco porque queríamos que ele tivesse nossa marca.

U

Alf Em *Exército Positivo Operante*, a gente conseguiu deixar mais claro o que queríamos desde o primeiro disco. Somos influenciados por esses sons todos, dos mais pop aos mais porradas. E o álbum novo tem mais refrão, que é uma coisa legal, porque a banda gosta de ver toda a galera cantando junto no show.

Biu Nada como a melodia, né? Nesse disco, trabalhamos melhor a dinâmica das nossas músicas.

M

Beto Passamos dois anos morando numa casa em Santo Amaro (*bairro da zona sul de São Paulo*) e agora o pessoal se mudou. A gente não morou junto porque se ama, foi para levar o negócio adiante. É óbvio que, se pudéssemos, moraríamos desde o começo em lugares diferentes, com mais conforto. Foi para viabilizar mesmo. Tem um estúdio lá na casa, onde a gente concebeu o disco todo e ensaiou para os shows, não precisava ficar pagando, tocava na hora que queria, tinha toda essa facilidade. Agora, só quem mora lá sou eu e mais dois amigos da banda, mas o QG continua no mesmo lugar.

Biu E continuamos morando perto.

Beto Até porque o Baca e o Biu são casados. Fico surpreso de uma esposa aguentar morar dois anos com seis malacos. Elas são heroicas. Eu não teria suportado se fosse casado.

Alf Somos amigos desde moleques, mas, quando se mora junto como banda, não é só amizade, é trabalho. É inevitável misturar algumas coisas e criar tensões.

Beto Mistura a linha de baixo com a panela suja e a luz acesa. Então, é mais fácil ficar próximo morando se parado mesmo.

B

Beto Tem várias músicas que a banda toca ao vivo e nunca foram gravadas. Talvez, futuramente, a gente grave só para ter o registro. São músicas que nos amarramos em tocar e funcionam muito bem ao vivo. Mas existem outros trabalhos mais ricos para botar no disco. De vez em quando, encontro algumas delas perdidas no Napster.

O

Alf Nosso show é bem na veia, bem direto. Claro que a gente tem vontade de fazer uma coisa interessante, contar com uma ilum nação legal. Ou, então, botar um sampler com uma batida para a festa não parar, ficar aquela coisa direta enquanto a gente troca as guitarras, por causa das afinações diferentes.

Biu Mas nem sempre dá para fazer a produção que queremos. Tem lugar em que o som não é legal, o equipamento não é bom. Aprendemos a resolver problemas, são coisas que acontecem com a maioria das bandas, principalmente com as iniciantes. Produção legal em todos os shows é o sonho de todo mundo.

R

Biu Uma vez, fomos tocar em Peruíbe (*cidade no litoral sul de São Paulo*) e anunciaram que era show dos Raimundos. Porque estávamos em Maresias (*praia no litoral norte*), o Rodolfo estava conosco e foi junto, e aí misturaram tudo. Fomos passar o som e começou a juntar uma galera. Aí, queima o amplificador de guitarra, não tem banquinho de bateria, precisa ir pegar emprestado na casa do cara que mora na outra praia. Equipamento da pior qualidade. E, mesmo assim, rolou. Quando fomos tocar, havia umas 5 mil pessoas. Era na frente da praia, de graça. Ninguém conhecia a gente e foi ótimo.

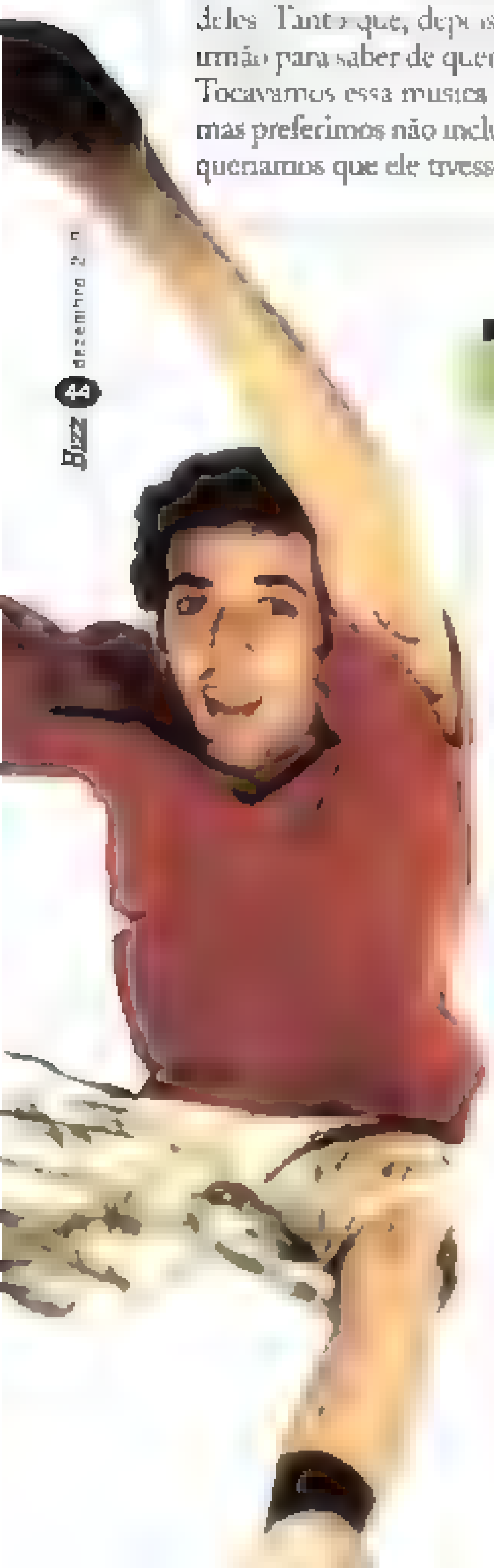
Beto Teve um programa de televisão em Belo Horizonte em que fomos fazer playback. O Zé Ovo (*ex-baixista do Little Quail*), que era nosso técnico de som na época, ligou meu discman na mesinha de som e o apresentador anunciou: "E agora, com vocês, Rumbora". E nada. "Rumbora". Silêncio. Só ouvia voz do Zé Ovo: "Low bat". Tinha acabado a pilha do discman e o programa era ao vivo.

Alf Aí o apresentador começou a explicar o que era playback, mostrou o discman, tipo "esse aqui é o culpado", enquanto a produção ia à padaria comprar pilhas. Foi hilário, um monte de gente ligou na emissora depois pedindo para reprisar.

A

Biu Aqui em São Paulo, quando não estamos tocando nem ensaiando, a gente desce a serra para ir à praia. Vai à casa da namorada, vai correr, fica em casa. O mesmo que todo mundo faz.

Beto Na verdade, nós vamos para a Lua. Pô, isso ia ficar bom. Pode ser a chamada da matéria, ia atrair bastante a atenção.



Beto, Biu, Alf e Baca não [illegible] mais sobre o mesmo teto para manter o grupo unido

Se você guardou direitinho a sua SHOWBIZZ de agosto de 2000 e leu na sequência as iniciais de cada parágrafo da matéria "No Meio do Mundo" sobre Mundo Livre S/A e Nação Zumbi (pág. 55)... Pô, ninguém sacou...

BLAXPLOITATION

Além de muita ação e sa[illegible] para todo os lados, os filmes dirigidos ao público negro como *Shaft* sempre traziam trilhas feitas pelos principais nomes do balanço black. Conheça a saga desses heróis dos anos 70

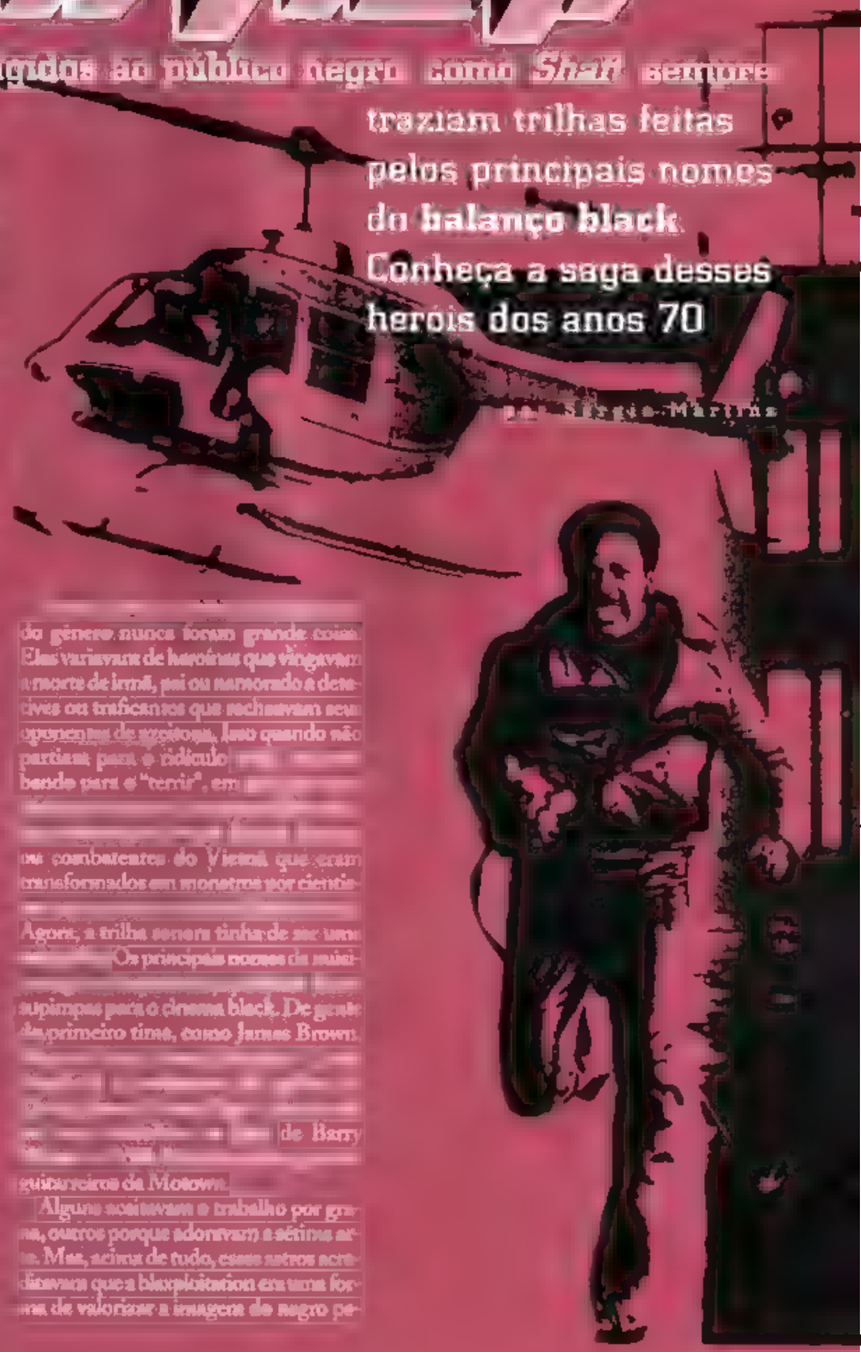
por Sérgio Martins

Shaft, o [illegible] interpretado por Richard Roundtree em 1971 e por Samuel L. Jackson (*no detalhe*) neste ano.

Tiroteios, negros corajosos e deusas de ébano voluptuosas contra brancos racistas e covardes ou traficantes. Esses personagens [illegible] dos durante boa parte dos anos 70. Foi a [illegible] de cineastas, cansa- [illegible] tela apenas como bandidos ou faxineiros, decidiu produzir filmes de ação dirigidos especialmente ao público negro. O sonho durou até o fim da década e gerou pelo menos um grande herói, o detetive John Shaft. Durão com os meliantes e doce com a mulherada, ele estrelou três filmes acima da média do gênero e consagrou o ator Richard Roundtree como um símbolo da beleza negra.

Shaft acaba de ser revivido. A nova versão é interpretada pelo ator Samuel L. Jackson. É ele a melhor coisa de *Shaft Returns*, que chegou às telas brasileiras em [illegible] e história de menos. John Shaft, sobrinho do Shaft original (Roundtree, que [illegible] agüenta mais [illegible]

As cenas de violência são fortes: Shaft mói a cara de um traficante a coronhadas e manda sua assistente (a deliciosa Vanessa Williams) matar dois policiais corruptos pelas costas; um bandido é atirado pela janela e por aí vai. *Shaft Returns* tem ainda dois defeitos sérios. Primeiro, o detetive não traça ninguém [illegible] justa- [illegible] de fazer isso" na canção [illegible]



do gênero nunca foram grande coisa. Elas variavam de heroínas que vingavam a morte de irmã, pai ou namorado a detetives ou traficantes que rechaavam seus oponentes de azeitona. Isso quando não partiam para o ridículo [illegible] bando para o "terrir", em [illegible] os combatentes do Vietnã que eram transformados em monstros por cientis- [illegible]

Agora, a trilha sonora tinha de ser uma [illegible] Os principais nomes da músi- [illegible] supimpas para o cinema black. De gente do primeiro time, como James Brown, [illegible] de Barry [illegible] guitarreiros da Motown.

Alguns aceitavam o trabalho por grana, outros porque adoravam a sétima arte. Mas, acima de tudo, esses astros acreditavam que a blaxploitation era uma forma de valorizar a imagem do negro pe-

OS REIS DO SWINGUE NAS TELAS

Roy Ayers Cantor e vibrafonista, ele faz trabalhos calcados no jazz e no funk. Sua canção "Everybody Loves The Sunshine" é considerada precursora do acid jazz. Disco Essencial: *Evolution – The Island Anthology*.

James Brown Basta dizer que ele é pai da soul music e do funk. E nem as aparições micadas desse senhor – que já cantou até em *Rock IV* – diminuem a sua importância para a música negra americana. Brown foi o responsável pelas trilhas de *Slaughter's Big Rip-Off* e *Black Caesar*, repletas de funkaços para rachar o assoalho. Disco essencial: a caixa *Star Time*

Marvin Gaye Cria da Motown, Marvin Gaye se arriscou na blaxploitation apenas uma vez. Ele fez a trilha de *Trouble Man*, disco repleto de baladas instrumentais. Cantor e compositor de primeira, influenciou grande parte da nova (e boa) geração de artistas de R&B. Morreu no dia 1º de abril de 1984 baleado pelo próprio pai. Discos essenciais: *What's Going On* e *Let's Get It On*.

Herbie Hancock Tecladista revelado no selo Blue Note, ele já tocou de tudo: bebop, funk, rap e até música do Nirvana (!!). Sua fase jazz-funk, no entanto, é a mais celebrada. Compôs a trilha de *Desejo De Matar* ritidamente influenciado pelo chacundum da blaxploitation. Está na ativa até hoje. Disco essencial: *Headhunters*.

Isaac Hayes Cantor, pianista e compositor, revelou-se na gravadora Stax. Escrevia músicas para artistas como Sam & Dave e Carla Thomas. Alcançou o estrelato em 1969, com o álbum *Hot Buttered Soul*. Além de *Shaft*, o cantor compôs os temas de *Three Tough Guys* e *Truck Turner*. Hoje Hayes empresta seu vozeirão ao seriado de animação *South Park*, onde interpreta o libidinoso personagem Chef. Discos essenciais: *Hot Buttered Soul* e *Black Moses*.

Willie Hutch Cantor e guitarrista, tinha um trabalho-solo de respeito até ser contratado pela Motown em 1969. Entre suas obras-primas na gravadora estão os discos *Got To Be There*, de Michael Jackson, e *Quiet Storm*, de Smokey Robinson, onde fez arranjo e produção. Disco essencial: *The Best Of...*

J.J. Johnson É considerado o maior trombonista de todos os tempos. Formado na escola do hard bop, tocou com feras do naipe de Charlie Parker e Miles Davis. Foi responsável pela trilha de quatro filmes black, entre eles o clássico *Cleopatra Jones* (1973). Disco essencial: *Trombone Master*.

Quincy Jones Compositor e maestro, tem um currículo de respeito. É o autor de "Soul Bossa Nova" (a canção-tema de *Austin Powers*) e o produtor de *Thriller*, de Michael Jackson. Disco Essencial: *In The Heat Of The Night/ They Call Me Mr Tibbs*.

Don Julian Cantor e guitarrista, começou fazendo doo-wop e R&B ao lado do grupo Meadowlarks, depois rebatizado como The Larks. Com eles, Don Julian caiu de cabeça no funk, como atestam as trilhas de *Shorty The Pimp* e *Savage*. Morreu em 1998. Disco essencial: *Jerk – Golden Classics*.

Curtis Mayfield Soulman de Chicago, foi um dos primeiros artistas a cunhar letras politizadas no terreiro black. Canções como "People Get Ready" – na época em que integrava o grupo Impressions – e "Choice Of Colours" batem fundo na questão do racismo. Das trilhas que compôs, nenhuma delas supera a de *Superfly*. Mas vale a pena dar uma conferida nas baladas soul de *Sparkle* e *Let's Do It Again*, interpretadas por Aretha Franklin e Staple Singers. Em 1990, ficou tetraplégico em um acidente besta – foi atingido por uma torre de iluminação durante um show. Com a saúde cada vez mais debilitada, morreu em 26 de dezembro do ano passado. Discos essenciais: *Curtis* e *Superfly*.

Johnny Pate Produtor e arranjador, trabalhou com os Impressions (antigo grupo de Curtis Mayfield), Herbie Hancock e Ron Carter. Também ajudou a compor os temas de *Superfly*, o clássico de Mayfield. Disco essencial: *Shaft In Africa*.

Norman Whitfield Produtor da gravadora Motown, teve seu período de glória no fim dos anos 60. Whitfield transformou o grupo vocal The Temptations nos bambas do "soul psicodélico" – uma canção black mais agressiva, com guitarras empapuçadas de wah wah e luxuosos arranjos de cordas. Na década seguinte, mergulhou no funk ao produzir a trilha de *Car Wash* (1976). Discos essenciais: *All Directions* (com os Temptations) e *Car Wash*.

rante a sociedade americana. "As grandes indústrias cinematográficas nunca se tocaram de que havia um público enorme para esse tipo de filme", denuncia o cantor e compositor Isaac Hayes. A principal preocupação dos artistas era criar letras que louvassem a raça negra, como se pode notar nas letras de *Shaft*. Ao mesmo tempo que Hayes fala das qualidades sexuais do protagonista, deixa claro que Shaft faz qualquer coisa por seu irmão de cor – "que poderia arriscar seu pescoço por seu brother", mesmo que esse parceiro seja um perigoso meliante.

Em *Superfly*, que teve assinatura do soulman Curtis Mayfield, a preocupação dos produtores era mostrar que a vida de um traficante não era moleza. E Curtis capricho fez um retrato tão detalhado sobre o tráfico que suas letras foram objeto de estudo em algumas escolas americanas no início dos anos 90.

DESCONFIANÇA DA ACADEMIA

O primeiro cineasta a perceber essa mancada de Hollywood foi Mario Van Peebles. Ex-pianista frustrado, ele produziu em 1970 o filme *Watermelon Man (O Homem Melancia)*. A produção misturava comédia e drama social ao contar a história de um branco racista que se transformava em negro e sentia o preconceito na pele. O golaço do produtor, no entanto, veio no ano seguinte. Auxiliado pela gravadora Stax (o lar de Isaac Hayes, Sam & Dave e Otis Redding, entre outros), Van Peebles escreveu, produziu e compôs a trilha sonora de *Sweet Sweetbacks Baadasssss Song*. O filme era uma ofensa aos padrões albinos de qualidade. O herói era negro e dava uma aula de malandragem na polícia. "Eu queria fazer um filme em que a gente fosse vitorioso", explicou Van Peebles.

Para interpretar os temas musicais, ele recrutou o grupo Earth Wind & Fire. Era o início da blaxploitation. O sonho de Van Peebles rendeu alguns dobrões e despertou, enfim, a atenção das companhias de cinema para o público negro. Naquele mesmo ano foi lançado *Shaft*. A produção custou miseros 1,5 milhão de dólares e arrecadou mais de 7 milhões. O música-título de Isaac Hayes faturou o Oscar de Melhor Canção no ano seguinte, apesar de todas as carantonhas da Academia. Desconfiados de que ele tivesse mesmo composto a trilha de *Shaft*, eles chegaram a exigir do músico as partituras originais da canção. Foi preciso que o maestro Quincy Jones, um músico respeitado entre brancos e negros, intercedesse a favor de Hayes.

O cantor gostou tanto da experiência que resolveu ir para a frente das telas. Isaac Hayes protagonizou e fez as trilhas – sons de entortar o esqueleto – de *Three Tough Guys* e *Truck Turner*. Nosso amigo Shaft também não ficou sozinho. As continuações das aventuras do detetive tiveram um bem-cuidado tratamento sonoro. Os temas de *Shaft's Big Score* foram cunhados pelo diretor Gordon Parks e pelo cantor de jazz O.C. Smith. Para *Shaft In Africa*, os produtores chamaram o maestro Johnny Pate, que rezou pela cartilha groove de Hayes.

PREDILETA DE TARANTINO

Richard Roundtree transformou Shaft em modelo de beleza masculina. Mas os homens também não ficaram chupando o dedo. As deusas da ocasião atendiam pelo nome de Tamara Dobson e Pam Grier. Esta última possui a vantagem de ter estrelado filmes mais cult e ter ganho trilhas sonoras muito melhores. As aventuras de Pam Grier – que sempre estava às voltas com vingança – foram sonorizadas por Roy Ayes (*Coffy*), Willie Hutch (*Foxy Brown*) e Solomon Burke (*Cool Breeze*). A fama de Grier vai além das fronteiras da blaxploitation. Nos anos 70, ela foi cortejada por John Lennon e na década passada caiu nas graças do diretor Quentin Tarantino. Ele deu a Grier o papel principal de *Jackie Brown*, filme levemente inspirado no cinema black.

A época de ouro da blaxploitation terminou nos anos 80. O público já havia se cansado dos caras durões do cinema negro. Além disso, os heróis do gênero partiram para ganhar outras plateias. Só que o estrago já estava feito. Hoje, o público negro é responsável por uma boa parte do faturamento do cinema americano – vide a comédia *Não Entre Em Pânico* e o próprio remake de *Shaft* – e artistas da categoria de Wesley Snipes, Denzel Washington e o próprio Samuel L. Jackson não estão restritos a papéis secundários. A música é que precisa de um cuidado maior. Em um terreiro que já foi cuidado por Isaac Hayes e Marvin Gaye, é duro agüentar um bando de rappers fala-mansa detrás besteira.

TRETAS MUSICAIS Dez trilhas fundamentais

Sweet Sweetback's Baadassss Song (1971)
Concebida por Mario Van Peebles, diretor do filme. Pianista frustrado, ele chegou a classificar sua obra como "um disco de Thelonious Monk em formato soul". Traduzindo: as canções – interpretadas pelo então estreante Earth, Wind & Fire – são cheias de grooves tortos, solos de saxofone fora do lugar e funks à James Brown.

Shaft (1971)
A obra-prima do gênero. Da faixa-título, com sua guitarra empapuçada de pedais wah wah, ao pseudolounge "Cafe a Reggio" – o disco não tem uma canção descartável.

Superfly (1972)
A grande trilha do cinema negro, ao lado de *Shaft*. Em seu melhor momento artístico, Curtis Mayfield desfia seus maiores hits, como "Freddie's Dead", "Pusherman" e a faixa-título.

Trouble Man (1972)
Marvin Gaye criou essa trilha no intervalo dos clássicos *What's Going On* e *Let's Get It On*. É repleto de baladas bacanas e funks de entortar as cadeiras, como a instrumental "T Plays It Cool".

Across 110th Street (1972)
O cantor Bobby Womack e o jazzista J.J. Johnson se encarregam de musicar a história que envolve uma treta entre delinqüentes negros e mafiosos italianos. Difícil dizer quem se sai melhor. Womack cantou o tema principal com tanta alma que a música foi reaproveitada em *Jackie Brown* (1997), de Quentin Tarantino. Outro destaque é a balada "If You Want My Love" Johnson, por sua vez, recheia a trama com soul jazz de boa cepa.

Blacula (1972)
Uma das produções mais risíveis da história da blaxploitation, este abacaxi tem uma trilha suprimpa, toda instrumental. Cortesia de Gene Page, colaborador de Barry White e arranjador do Chic. "Good To The Last Drop", além de ter um título brilhante, é ideal para a festa.

The Mack (1973)
Willie Hutch foi guitarrista da banda da Motown, a casa da música negra norte-americana. Em *The Mack*, ele coloca a munheca a serviço do sacolejo. Preste atenção na introdução falada de "Brother's Gonna Work It Out" (um proto-rap?) e a funkeada "Vampin'".

Black Caesar (1973)
James Brown tinha uma maneira toda peculiar de compor suas trilhas: colocava nos filmes todas as canções que não entravam em seus discos de carreira. Felizmente, ele ainda criava coisa que prestasse no início dos anos 70. Só o funkão "Down And Out In New York City" já vale o investimento.

Shorty The Pimp (1973)
O filme nunca chegou a ser lançado nos cinemas (dizem que sua única cópia está nas mãos de Quentin Tarantino) – mas sua música feita por Don Julian & The Larks, é coisa fina. Funks pesados e versões pouco ortodoxas para "Papa Was A Rolling Stone", dos Temptations, e "The Look Of Love", de Burt Bacharach.

Coffy (1973)
A cargo do jazzista Roy Ayers, a trilha da obra que marcou a estréia da deusa Pam Grier é inesquecível. "Coffy Is The Colour" tem guitarras turbinadas por wah wah e "Brawling Broads" é perfeita para chacoalhar o esqueleto.

Coletâneas

Funk On Film (1998)
Essa é a minha idéia para você conhecer os temas mais manjados da blaxploitation (e ir atrás dos álbuns originais). Tem os obrigatórios "Shaft", "Across 110th Street" e "Foxy Brown", além de gemas como "Let's Do It Again" (das Staple Singers) e "Car Wash", do grupo Rose Royce.

The Best Of Shaft (1999)
As pedradas dos três filmes do maior detetive do cinema negro norte-americano. Tudo bem que o tema de *Shaft* está em qualquer coleção furreca. Bacana aqui são as canções dos Four Tops ("Are You Man Enough", de Shaft na África) e os funks instrumentais de Johnny Pate – um imitador de respeito de Isaac Hayes.

Fiel aos clássicos

Você percebe que está prestes a falar com uma estrela quando gente da gravadora de quatro cidades fica mandando e-mails e deixando mensagens na sua secretaria eletrônica. Com Lenny Kravitz foi assim. Depois de cinco recados (de cada um) para acertar o horário, funcionários da Virgin de São Paulo, Nova York, Londres e Miami me ligaram para dizer que a entrevista seria de 15 minutos, cara a cara, às 12h30, no hotel Tribeca Grand. O gancho da entrevista era o lançamento de *Greatest Hits*, com os 14 maiores sucessos de sua carreira, mais a balada inédita "Again" (bem mais ou menos, por sinal).

Pois lá estava eu, no estiloso hotel, às 12h15. Um funcionário de Miami, um de Nova York e uma de Londres ficaram "fazendo social" comigo, com um jornalista da Argentina e uma do México. Fui a primeira e, com quase duas horas de atraso, Lenny entrou no quarto do hotel com um segurança gorilão branco enorme (que ficou dormindo no sofá do quarto). Momento descrição: ele é baixinho, vestia um casaco de camurça marrom com pele na gola e nas mangas, um suéter de cashmere vinho, calça jeans, bota marrom de couro velho e os indefectíveis óculos escuros (Gucci, que foram tirados no meio do papo).

Eu tinha levado o vinil *João Gilberto – Brasil*, com participações especiais de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethania, para dar de presente no final da entrevista. Mas, quando ele sentou na poltrona em minha frente (tipo joelho a joelho), de cara, mandou.

"Que disco é esse aí?"

"Um presente que trouxe para você, mas é para o final da entrevista."

"Ah, não, quero ver agora!"

"Só se você prometer que vai ouvir!"

"É bom?"

"É maravilhoso, senão eu não maria!"

Quando pegou o vinil na mão, imediatamente perguntou:

"Quem é o Gilberto Gil?"

"O único negro da capa."

"Ah, sou fã desse cara."

Resultado: tive de perder cinco minutos dos preciosos 15 explicando quem era quem e qual era a do disco! "Sempre ouvi bossa nova, Tom Jobim e João Gilberto, com meus pais. Mas, por causa do David Byrne (*ex-Talking Heads e dono da gravadora Luaka Bop, que editou discos de Tom Zé e Mutantes nos Estados Unidos*), passei a escutar coisas novas do Brasil. Realmente é uma música maravilhosa!"

VISUAL DE BRECHÓ

Lenny nasceu há 36 anos, no bairro do Brooklyn (Nova York), filho de mãe negra atriz e de pai branco judeu produtor de TV. Passou a adolescência assistindo a shows de Duke Ellington, Sarah Vaughan, James Brown e Jackson 5 (o primeiro que viu na vida). "Tenho pena dos jovens de hoje que ficam sujeitos à segmentação que as rádios fazem. Cresci ouvindo gospel, soul, reggae, funk, rock, música clássica, bossa nova... Hoje as rádios só tocam Eminem, Backstreet Boys, *NSync, etc. Nada contra eles, mas cadê outro tipo de música?", questiona.

Geralmente, as gravadoras lançam compilações de hits quando os artistas já estão em fim de carreira, o que não é o caso do germaniano em questão. "A princípio, achei meio estranho, mas depois vi que o momento não poderia ser mais oportuno, pois estou na área há 11 anos e a minha nova geração de fãs me conheceu com o disco 5. Tem adolescente que me parabeniza por 'Are You Gonna Go My Way', como se fosse uma música nova!", admira-se, explicando que a idéia de lançar essa coletânea foi da gravadora.

O cantor, compositor, produtor, guitarrista, baixista, baterista e tecladista surgiu no mercado com *Let Love Rule*, em 1989, depois de passar a via-crucis normal de um iniciante: várias demo tapes, social em backstages (onde conheceu a atriz Lisa Bonet, com quem se casou depois) e tentativas frustradas. O disco era um caldeirão de referências, psicodelia, funk, soul, gospel e o tradicional rock, com uma pitada de atitude punk. Nada de novo no front, mas tudo muito bem executado, além de uma performance impecável nos clipes e palcos. O visual, brechó puro. "Sempre me vesti assim, desde criança, pois via minha mãe usando essas roupas e já achava o máximo", orgulha-se o filho único.

Mama Said, de 1991, o segundo álbum, foi composto pós-separação de Lisa (com quem teve uma filha, Zoe, hoje com 12 anos) e fez dois hits, as músicas "It Ain't Over Till It's Over" e "Always On The Run". Apesar da atestada musicalidade e do múltiplo talento, a imprensa continuava duvidando de sua criatividade. Problema da crítica, pois o mundo inteiro comprava a imagem e o som retrô do rapaz.

Apenas com o terceiro disco, *Are You Gonna Go My Way*, lançado em 1993, Lenny passou a receber resenhas mais consistentes. A faixa-título ganhou o prêmio da MTV de melhor videoclipe masculino e dois Grammys (Melhor Música Rock e Melhor Performance de Rock Masculino). "Quando olho para minha carreira não tenho nenhum arrependimento, pois mesmo os erros me ensinaram muito. Acredito em Jesus Cristo acima de tudo e ele está no controle", diz.

Lenny Kravitz sempre foi muito explícito em suas letras, sua vida sentimental está toda lá. As dores, principalmente. *Circus*, de 1995, foi todo composto quando sua mãe estava morrendo de câncer. O clima "paz e amor" cedeu espaço a músicas como "Rock And Roll Is Dead". Três anos depois, veio *5*, e o resto é história...

Ele insiste em se manter fiel aos clássicos. Não está ouvindo nada de novo – no momento, Miles Davis não sai da vitrola. O melhor guitarrista atualmente? Jimi Hendrix, ontem, hoje e amanhã. Remixes? "Não estou muito ligado em mexer nas minhas músicas, só passei a autorizar remixes depois do meu quinto álbum. Antes, nem pensava nisso."

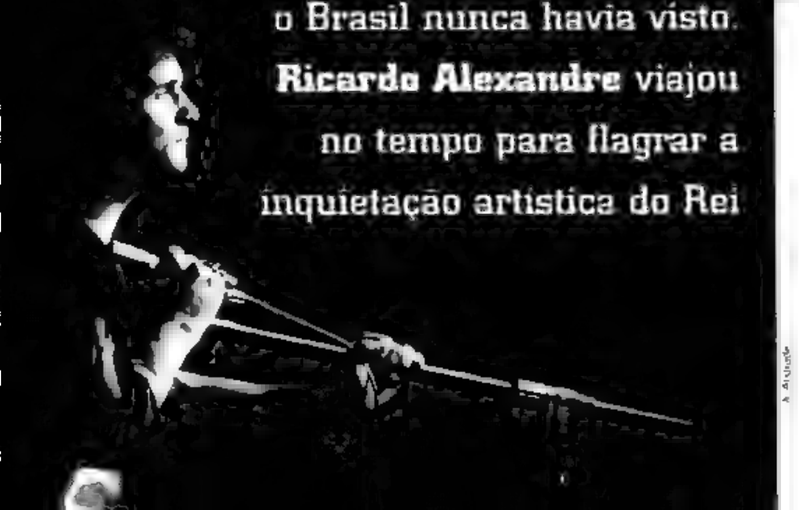
E o futuro? "Cada disco meu é um novo passo, um novo momento em minha vida. Não acho que essa coletânea vá marcar o fim de uma fase e o início de outra, pois a vida está em constante movimento, tudo muda, sempre."

"A princípio, achei estranha a idéia de lançar uma coletânea. Depois, vi que o momento era oportuno, pois estou na área há 11 anos e minha nova geração de fãs só me conheceu com o disco 5"

A 200 kms por hora

Há 30 anos, Roberto Carlos dava adeus à Jovem Guarda e estreava seu mais ambicioso show, uma produção grandiosa como o Brasil nunca havia visto. Ricardo Alexandre viajou no tempo para flagrar a inquietação artística do Rei

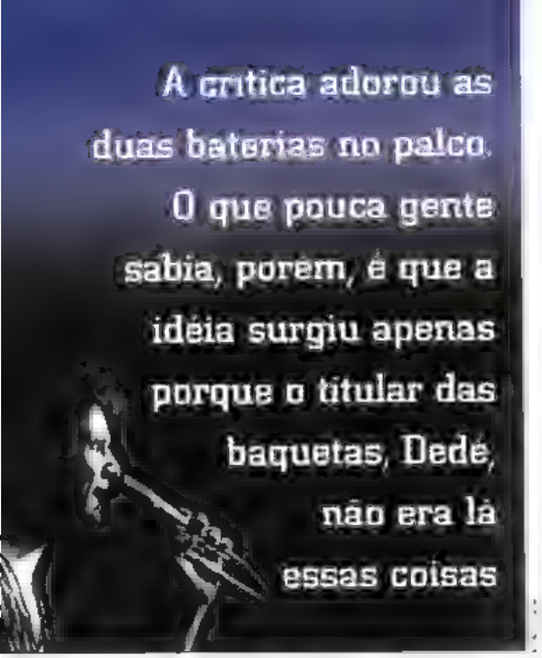
Mitologia, pioneirismo e golpes de sorte cercam a história do espetáculo que capturou o artista em plena fase de transformação



Quando, no fim de dezembro de 1970, Roberto Carlos curvou-se para agradecer os aplausos da plateia, ele sabia que o artista que o Canecão ovacionava pouco tinha a ver com aquele que estreara a temporada três meses antes. O último acorde de "120, 150, 200 Km Por Hora" ainda reverberava e já era passado o "rei da juventude", o ídolo teen do programa *Jovem Guarda* e das revistas de fofocas. Era a última noite do show *Roberto Carlos A 200 Km Por Hora*, a primeira superprodução de um artista brasileiro, com direito a cenografia, merchandising cultural, orquestra de 20 músicos, dois grupos de apoio, duas baterias, cachê milionário e direção da conceituada dupla Miele & Boscoli. O show era a exibição pública da vida adulta de Roberto, aos 28 anos um artista completo, showman vitorioso, compositor maduro, mais popular do que nunca, refinado como jamais se imaginou, influenciado pela "ameaça" tropicalista, fascinado por soul music, escrevendo sua própria MPB.

Como tudo que diz respeito a Roberto, também sua "fase soul" e o próprio show *A 200 Km Por Hora* são cercados de mitologia, pioneirismo e golpes do acaso. A começar pela direção do humorista Luis Carlos Miele e pelo roteiro do compositor e jornalista Ronaldo Boscoli, dois egressos da bossa nova, que imprimiram credibilidade e sofisticação à carreira do Rei, levando-a do circuito de shows da época – pequenas boates, teatros, clubes e eventos no interior – para uma grande casa como o Canecão. "Todo mundo ligado à bossa nova achava que os jovem guardistas eram pessoas de menor nível artístico e cultural", admite Miéle. "Roberto Carlos era visto como um mero cantor de versões de sucessos internacionais. Eu não tinha muitas posições filosóficas sobre esse debate, era um homem de televisão e a bossa nova era simplesmente meu assunto. Me interessava por tudo o que desse bons resultados como espetáculo", assegura.

Apesar da distância artística, Miéle e Roberto dividiam o mesmo empresário, o poderosíssimo Marcos Lázaro, que também agenciava as carreiras de Elis Regina, Wilson Simonal, Chico Buarque e praticamente todos os outros artistas da TV Record da época. No entanto, em 1970, Miéle foi convidado pela ascendente TV Globo para substituir Agildo Ribeiro no programa *Muster Show* e, na hora de acertar as contas com Lázaro,



descobriu que lhe devia o equivalente a mais de um ano de trabalho. "Quer um jeito rápido de saldar essa dívida?", provocou o empresário. "Dirija com Bôscoli o próximo show do Roberto."

Miéle topou na hora. Foi procurar Roberto e, logo na primeira conversa, explicou ao cantor que seu grupo, RC7, não preenchera, nem cenica nem musicalmente, um palco como o do Canecão. Propôs algo com orquestra, com arranjos do maestro Chiquinho de Moraes – um nome que, para o roqueiro Roberto Carlos, não significava absolutamente nada. Ele já havia trabalhado com Elis Regina, mas a referência que lhe valeu o emprego foi como arranjador do LP *Erasmo Carlos & Os Tremendões*, de 1969.

Ronaldo Boscoli batizou o show de *Roberto Carlos A 200 Km Por Hora*, inspirado pela paixão do artista por carros velozes, e sugeriu um terceiro grupo para acompanhar o cantor, o Quinteto Villa Lobos (uma excêntrica formação instrumental carioca surgida em 1962, célebre por juntar música erudita a choro e samba, que existe até hoje). Roberto concordou e a idéia foi crescendo. Miéle e Bôscoli resolveram convidar o sócio de Ricardo Amaral na boate Sucata (lendária casa carioca decorada com ferro-velho, onde Caetano e Gil foram presos no ano anterior) para fazer o cenário.

Marco Antônio Pudney produziu uma enorme colagem de displays coloridos unindo odômetros gigantes a placas de trânsito, plataformas quadriculadas, letras desconexas e até um carro de Fórmula 5, emprestado pelo piloto Norman Casari. Para criar um moderno efeito de iluminação, Miele encomendou pequenas caixas com interruptores de luz que eram comandadas por ele próprio manualmente, disparando fachos coloridos de acordo com as canções. A coreoplastia contava com possantes ruídos de automóveis ecoando na abertura. Para completar o clima, todos os músicos, incluindo o maestro, ganharam roupas de piloto carioca, como se fossem uma legítima equipe fazendo o melhor para a "máquina" sonora de Roberto Carlos funcionar.

Logo que começaram os ensaios, ficaram evidentes as deficiências musicais do RC7 – na época, formado pelo baixista Bruno, o guitarrista Gato, o baterista Dedé, o tecladista Wanderley, mais o naipe de metais de Raul, Nestico e Maguinho. Chiquinho de Moraes pediu que ao menos Dedé fosse substituído. Roberto, seu amigo de adolescência, recusou-se terminantemente. A solução foi das mais surreais: o superbaterista Wilson das Neves foi recrutado e Dedé ficou incumbido de somente marcar o ritmo, numa segunda bateria. "A crítica achou a idéia fantástica e arrojada, mas ninguém nunca soube que a intenção foi apenas suprir nossa deficiência musical", diverte-se Miéle.

CHOQUE NO PÚBLICO

No roteiro, Roberto fez questão da presença de seus sucessos dos tempos do iê-iê-iê. Seria a abertura: "Eu Sou Terrível", "Mexericos da Candinha", "Lobo Mau", "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno" e "Namoradinha De Um Amigo Meu". Aí entrava o bloco soul, com "Eu Te Amo, Eu Te Amo, Eu Te Amo", "Não Vou Ficar", "As Flores Do Jardim Da Nossa Casa" e "Ciúme De Você". Em seguida, um bloco de inspiração americana, com o fox "Oh, Meu Imenso Amor" e as covers de "Turn Fruni" e "Laura". Na sequência, o samba "Ai, Que Saudade da Amélia", a baladaça "Não Quero Ver Você Triste" e o encerramento temático, com "O Calhambeque", "As Curvas da Estrada de Santos" e "120, 150, 200 Km Por Hora".

A estréia de *Roberto Carlos A 200 Km Por Hora*, no primeiro fim de semana de setembro de 1970, foi um choque. Uma superprodução como o show biz brasileiro nunca sonhara, um artista nacional com uma roupagem "de primeiro mundo", um ídolo pop em arranjos mais complexos e bombásticos que qualquer vanguardista de roupa de plástico. "Roberto passou a receber, além de seus fãs tradicionais e de frequentadores de shows, a alta sociedade da época e a crítica especializada, o que acabou formando um novo público para ele", acredita Miele. "No entanto, por melhor que o show estivesse ensaiado, o que fez a diferença não foi previsto por nenhuma pessoa. Ninguém contava com o engajamento de Roberto no palco. Durante os ensaios, ele falava pouco, às vezes nem cantava, ficava parado ao lado do maestro. Na noite de estréia, ele se tornou um leão, bom pra cacete, um puta charme."

OPERAÇÃO SALVAMENTO

Na verdade, *Roberto Carlos A 200 Km Por Hora*, além de seu pioneirismo em diversas áreas, tornou-se mitológico por capturar o maior astro do pop brasileiro em plena fase de transformação, em seu momento mais inquieto e inspirado artisticamente – bem diferente do artista de hoje que canta às gordinhas e recebe o Só Pra Contrariar em seu show anual. Se, para o ouvinte atual, a Jovem Guarda soa ingênua e pobre e o recente período romântico-religioso é desinteressante, a "fase soul" de Roberto, entre 1968 e 1972, nada envelheceu, mantendo-se como polêmica e inesgotável fonte de referência para o pop brasileiro.

Durante a década de 60, Roberto consagrou-se como o primeiro ídolo musical da era da TV, ditando moda, criando gírias, emprestando sua imagem a produtos, influenciando jovens em todo o Brasil. No entanto, em meados de 1967, o programa que apresentava, líder de audiência nas tardes de domingo, passou a despencar no ibope. Era preciso agir rapi-

ROBERTO RADICAL Oito discos para entender a mutação do Rei

O Inimitável (1968)
As canções de amor da Jovem Guarda continuam mas as letras que rimam "mim" com "assim" e "enfim" vão dando lugar a temas mais elaborados. Os arranjos, repletos de metais e com baixo e bateria à frente, marcam o início do namoro black, especialmente nos souls "Eu Te Amo, Eu Te Amo, Eu Te Amo" e "As Canções Que Você Fez Pra Mim" e nos funkões "Ciúme de Você" e "Não Há Dinheiro Que Pague".

Roberto Carlos (1969)
Considerado seu melhor trabalho, este LP inaugura as letras confessionais ("As Flores Do Jardim Da Nossa Casa" sobre a doença do filho), as baladas orquestrais maduras ("Quero Ter Você Perto De Mim" e "Aceito Seu Coração") e os funks enxutos e agressivos ("Nada Vai Me Convencer", "Não Vou Ficar", "As Curvas Da Estrada De Santos"). Até as músicas românticas soam violentas ("Sua Estupidez").

Pedro E O Lobo (1970)
O raro registro do flautista Roberto Carlos com a música erudita. Trata-se do clássico "Opus 67 Para Narrador E Orquestra", composto pelo russo Sergey Prokofiev em 1936. A Filarmônica de Nova York é regida por Leonard Bernstein e o Rei faz o papel de narrador da peça.

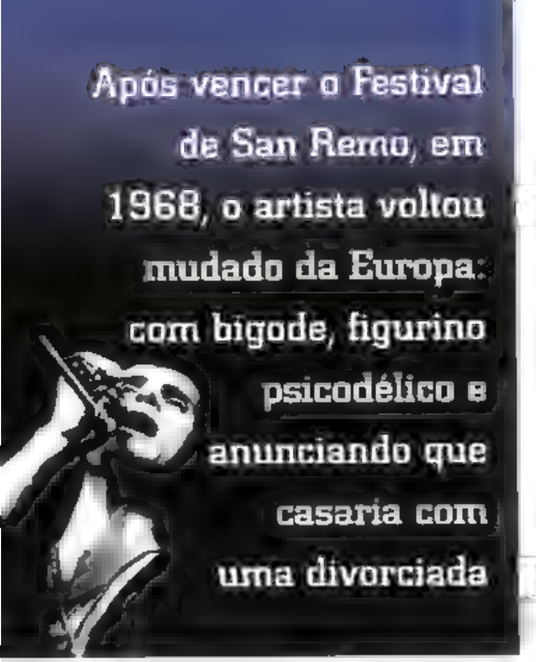
Roberto Carlos (1970)
Disco calcado nos arranjos de cordas de Chiquinho de Moraes, soa, às vezes, como um precursor MPB de *Hunky Dory*, de David Bowie. É um disco adulto, tanto nas preocupações sociais ("O Astronauta") quanto no saudosismo latente ("Vista A Roupa Meu Bem", "Ana", "Se Eu Pudesse Voltar No Tempo"). A fixação black segue para o gospel ("Jesus Cristo") e para o soul desesperador ("120, 150, 200 Km Por Hora").

Roberto Carlos (1971)
Menos pesado e mais seguro que o LP anterior, o álbum, todo gravado nos Estados Unidos, é farto em brilhantes arranjos de cordas easy listening de Jimmy Wisner. As influências negras atingem seu auge (no gospel de "Todos Estão Surdos", e "Eu Só Tenho Um Caminho" ou no blues "Traumas") e vão cedendo espaço à uma concepção particular de MPB ("De Tanto Amor" ou a gloriosa "Detalhes").

O Bôfe (ao vivo, 1972)
Antes mesmo da experiência de Roberto e Erasmo em direção às raízes black. Repleta de sambas-rock e baladas soul, a trilha da novela *O Bofe* foi composta e gravada em 15 dias, com 12 temas inéditos de dupla. Embora as interpretações (a cargo de artistas inventados pela TV Globo) não sejam lá essas coisas, as composições mantêm e ampliam o padrão Roberto/Erasmo de qualidade.

Roberto Carlos (1972)
Talvez o disco mais soturno e sombriamente belo da história da música brasileira, este é o trabalho mais confessional de Roberto. Se no LP anterior havia "Traumas", desta vez há o adeus à rebeldia juvenil em "A Janela..." e a dolorosa "O Divã", em que ele trata, de forma cifrada e confusa, do mitológico acidente que lhe teria amputado a perna. Ouça acompanhado por uma caixa de lenços.

San Remo 68 (1976)
Coletânea de singles, covers, lados B e raridades, *San Remo 68* reúne boa parte das experiências sonoras de Roberto, mesmo as malsucedidas, e a sua busca por renovação no fim dos anos 60. Inclui o clássico "Canzone Per Te", sua versão de "Ai, Que Saudades Da Amélia" e os hits "Eu Disse Adeus" e "Custe O Que Custar".



da a sua corte: vivendo de eventos flash-back, cantando para sempre canções de amor compostas no biênio 1965-1966.

Assim, o artista passou a gravar sambas como "Ai Que Saudades da Amélia", e até se inscreveu no Festival de MPB da emissora, com a fracassada "Maria, Carnaval E Cinzas" – justamente no ano em que Caetano e Gil surgiram com, respectivamente, "Alegria, Alegria" e "Domingo no Parque". Para forçar a dissociação de Roberto com o *Jovem Guarda*, a direção resolveu afastar o apresentador do programa no início de 1968. Erasmo e Wanderléa ficaram comandando o barco furado por poucos meses, enquanto Roberto buscava novos caminhos como cantor "adulto" no programa *Roda Viva*, depois no show hippie *Todos Os Jovens Do Mundo* e até numa atração de música erudita, o *Opus 7*, em que cantava ao lado de orquestra regida pelo maestro vanguardista Julio Medaglia e arriscava "Romeu E Julieta", de Tchaikovsky.

A grande guinada em sua carreira, no entanto, começou a ser arquitetada em março de 1968, quando Roberto ganhou o primeiro lugar no celebrado Festival de San Remo, na Itália, vencendo gente como Louis Armstrong, Sacha Distel e Eartha Kitt. "Quando voltamos, parecia que havíamos ganhado o campeonato mundial de futebol.

Era uma multidão incalculável esperando o cantor", lembra o empresário Marcos Lázaro. Roberto desembarcou ostentando um bigode à moda *Sgt. Peppers*, vestindo roupas compradas nas butiques psicodélicas da Europa e anunciando que se casaria com uma mulher divorciada, Cleonice Rossi, de 24 anos, mãe de uma menina. Após o casamento (em maio, na Bolívia, já que não existia lei do divórcio no Brasil), Roberto mudou-se para uma mansão em São Paulo.

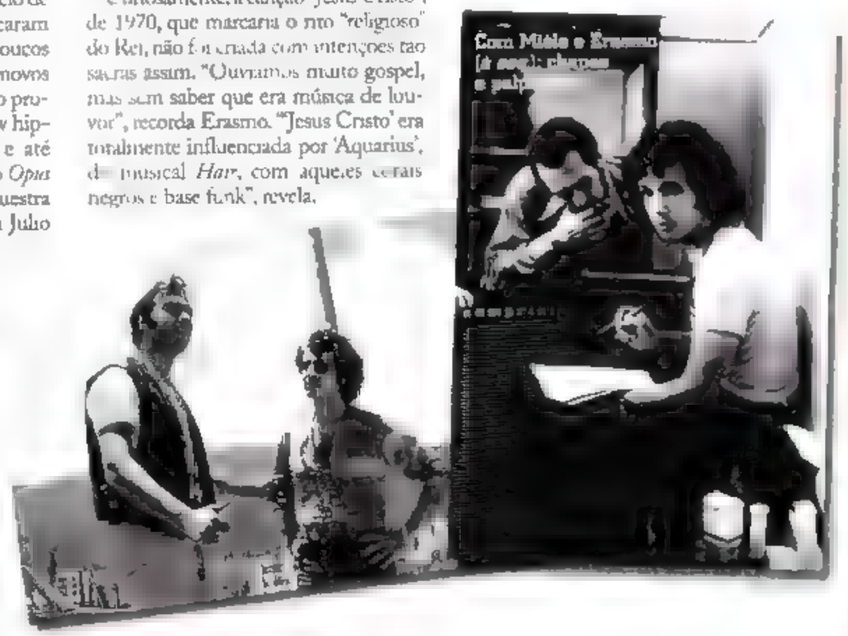
NAMORO BLACK

"Nesse período, duas influências começaram a ser sentidas. Primeiro, a da soul music. "A gente ouvia muito soul na boate Cave, em São Paulo. Adorávamos Marvin Gaye, Otis Redding, Sam Cooke, James Brown, Supremes", conta Erasmo, que, com o fim do *Jovem Guarda*, voltou ao Rio. Lá, reencontrou Tim Maia, que tinha retornado dos Estados Unidos por conta de drogas. Tim introduziu o funk na jovem guarda. "Passamos a usar metais e a prestar no ritmo para conduzir a música", lembra o Tremendão. A partir daí, ele gravou com Tim a fama "Baby, Baby" em 1968 e, no ano seguinte, Roberto registrava "Não Vou Ficar", do síndico, consolidando o namoro black.

Curiosamente, a canção "Jesus Cristo", de 1970, que marcaria o mito "religioso" do Rei, não foi criada com intenções tão sacras assim. "Ouvíamos muito gospel, mas sem saber que era música de louvor", recorda Erasmo. "Jesus Cristo' era totalmente influenciada por 'Aquarius', do musical *Hair*, com aqueles corais negros e base funk", revela.

Outra influência marcante vinha do tropicalismo. Apesar de, historicamente, a intelectualizada turma da jovem geral ter enterrado o ingênuo iê-iê-iê, Caetano nunca escondeu que um de seus objetivos era emular a agressividade lírica de Roberto e Erasmo – latente em "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno" ou "Sua Estupidez". Em 1969, no auge da ditadura, Roberto e Nice visitaram Caetano em Londres. O Rei tocou, ao violão, sua nova canção, "As Curvas Da Estrada De Santos", e, sensibilizado com o exílio, compôs para o amigo "Debaixo Dos Caracóis Dos Seus Cabelos". A troca de informações vanguardistas dos tropicalistas pelo know-how de Roberto e Erasmo produziu alguns dos momentos mais memoráveis da música brasileira. "A grande lição do tropicalismo foi a de que a gente se deixasse crescer", lembra Erasmo. "Aprender novas formas de compor, abrir horizontes, buscar novos temas, novas sonoridades."

E assim foi feito. Até 1972 – quando, influenciado pelo argentino Marcos Lázaro, passou a encarnar o cantor romântico e olhar para o sedutor mercado latino –, Roberto deixou sua marca no pop feito no país. Uma música moderna, inquieta, ousada e, como sempre lhe foi característico, absolutamente sintonizada com os mais profundos sentimentos do público brasileiro. Um reinado que, para sempre, lhe valeria a majestade.



Os americanos do Offspring não deixam o espírito 77 morrer

★★★★☆

Mais punk do que nunca

The Offspring
Conspiracy Of One
Sony Music

Quem ouve o single "Original Prankster" (algo como o "engraçadinho original") do novo disco do Offspring, *Conspiracy Of One*, pensa: tentaram repetir "Pretty Fly (For A White Guy)" e não conseguiram. Verdade. A música é boa e o clima – batida latina atrás das guitarras –, o mesmo, mas não chega aos pés da obra-prima do CD anterior, *Americana*. Não tem problema. Faixa a faixa, Dexter Noodles, Ron e Greg mostram que compuseram um álbum à altura de seu sucesso. Por incrível que pareça, a banda está mais séria. Os problemas de sempre estão nas letras, mas dessa vez sem o bom humor de "Why Don't You Get A Job" por exemplo. "One Fine Day" fala da violência nos estádios, com direito a ilustração de bola de futebol (o nosso, da pelota redonda) no encarte. "Special Delivery" aborda a violência paranóia das grandes cidades, na história de um entregador assassino. Nada de brincadeiras como a versão galhofeira de "Feelings", do brasileiro Maurício Alberto, metamorfoseado em Morris Albert, que, aliás, processou a banda.

Além de menos piadas nos versos, o instrumental também traz poucas gracinhas. Sempre criativos, os quatro varam nas palhetadas das duas guitarras, nos bons licks de Noodles (solar mesmo ele não sola, até porque sena trair o movimento). Raramente produzem algum acorde que não tenam a manha de reproduzir ao vivo, com apenas o grupo em cima do palco. Uma exceção é a própna "Special Delivery", que leva uma batida sincopada mais dançante e uns barulhinhos. Não faltam punk rocks retos, ao estilo do velho Offspring, como "Come Out Swinging" e "All Along". Ah, e tem uma balada romântica, "Denial, Revisited". Uma banda que tenta colocar seu novo CD inteiro a disposição para download (a gravadora não deixou) e dá 1 milhão de dólares a um fã em uma promoção, não precisa provar a ninguém o quão rebelde é o sangue que corre em suas veias. Pois o Offspring está mais punk do que nunca, em todos os aspectos.

Bernardo Araujo

★☆☆☆☆

Fernanda Abreu
Entidade Urbana
EMI

Tente ouvir sem destroncar as mandíbulas de tanto rir

Regina Casé, essa lenda do humor silvícola, que se cuide. Em seu quarto disco, *Entidade Urbana*, Fernanda Abreu tem tudo para lhe tomar o título de carioca mais engraçada do Brasil. Ha detalhes tristes: funkinhos chochos usando lugares do Rio de Janeiro, clichés como "umbigo tropical" ou "urbano canibal" e a palavra "cidade", que aparece 43 vezes ao longo do álbum –, mas, no geral, o saldo é hilário. Apesar das parcerias com os pandegos Lenine e Lucas Santanna, são com Fausto Fawcett os momentos mais gozados. Primeiro, com "Zona Norte-Zona Sul", tão cômica que até o nome dos instrumentos utilizados (glockenspiel, flex-a-tone) provoca risadas. Segundo, com "São Paulo-SP", capaz de causar falta de ar com os versos "Ta tudo engarrafado como cão engambelado/Pela chanfra da inocência fulminante do olhar que vê São Paulo" e "Passando pelo Minhocão/No brega-runner de edifícios paredão". Quer dizer, além de espirituoso, o CD é psicodélico, porque ninguém sobre entende suas letras. Fernanda também aproveita para lançar sua filha, Sofia, uma das autoras de "Eu Quero Sol", com as lúdicas linhas "Eu quero S/Eu Quero O/Eu Quero L/Eu quero Sol" (isso é da criança, né?). Ah, não? *Identidade Urbana* é para ser levado a sério? Gente.

Emerson Gasperin

★★½☆☆

Wallflowers
(Breach)
Interscope/Universal

Quatro anos após estouro o bonitão manda mal

Que pena. O terceiro álbum do grupo liderado pelo boa pinta Jakob Dylan, talvez por ter criado uma expectativa exagerada, pode fazer os mais exigentes torcerem o nariz. Há tempos se esquivando da sombra de seu pauzão famoso, um tal de Bob, Jakob atrouxou um pouco a guarda e fez do novo CD aquele com as maiores pitadas de seu progenitor e, por tabela, seu documento mais pessoal. Com discretas colaborações de Frank Black (ex-Pixies) e Elvis Costello nos vocais de apoio, o álbum peca por conter passagens tediosas. Destaque para músicas como "Some Flowers Bloom Dead" e "Hand Me Down", que fomentam um gostinho de "quero mais", e para a participação do primoroso baterista Matt Chamberlain, acostumado a emprestar seus dotes para divas como Tori Amos e Fiona Apple. Pregado entre o alt-country e o folk-pop, *(Breach)* não chega a ser um incômodo (quase um mento num ano bem insosso para a música pop) e pode até servir bem para quem consegue encarar a fase dietética de Bruce Springsteen. Quem sabe daqui a mais quatro anos, o Wallflowers nos brinde com um álbum que não dê a sensação de querer voltar a ouvir o excepcional antecessor *Bring Down The Horse* no "repeat" do CD-player.

Marco Bezzi

★★★★★

Cassiano
Coleçao
Dubas/Universal

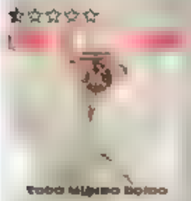
Soul music de dobrar joias e manieris envergonhados

No mundo do futebol, sempre que um jogador se destaca, surgem histórias sobre um ex-companheiro de equipe que era melhor do que o craque em questão. Poucos viram o tal gênio jogar, mas todos sabem a razão de sua derrocada – o temperamento difícil, as más companhias, a falta de oportunidades, etc. Genival Cassiano dos Santos pode nunca ter chutado uma bola na vida, mas se incluiu perfeitamente na descrição acima. Amigo de Tim Maia e um dos ícones da soul music nacional, nunca obteve o sucesso merecido. Por duas razões simples: pertence a essa classe dos talentos de comportamento complicado e sua discografia é tratada como lixo pelas gravadoras que o acolheram na década de 70. Dai a importância de *Coleção*. São 14 faixas, punçadas dos trabalhos que o cantor gravou entre 1970 e 1976. Seu conteúdo é uma lição de soul para os eds, jotas e manieris que tentam, em vão, incrementar o sacolejo nacional. Os que gostam de um arranjo mais complicado irão babar com as mudanças de ritmo de "Cedo Ou Tarde", os romantícos se deliciarão com gemas da qualidade de "A Lua E Eu", e quem gosta de chacoalhar o esqueleto pode fazer a festa com "De Bar Em Bar" e "Ana". Clássicos de um compositor de mil e uma utilidades.

Sérgio Martins

Novidade na fábrica

★☆☆☆☆



Surto
Todo Mundo Doido
Virgin

Quantas vezes você já ouviu falar que rock "é atitude"? É verdade. Veja o caso do Surto: por trás de todas as tatuagens, cabelos cuidadosamente desgrenhados, caras de malvados e guitarras pasadíssimas, nada há senão um grupo de axé. A atitude é a mesma, a diferença está meramente nos acessórios. Enquanto os produtores dos "axexelentes" acreditam que todo brasileiro é incapaz de gostar de músicas com mais de três versos e adora louras esfregando as entranhas nas câmeras, os produtores do Surto devem partir da premissa de que todo jovem usa bermuda abaixo dos joelhos, é espinhudo, tosco, machista, só conhece uma mulher de ver a Feiticeira na tevê e vai aos shows apenas para ficar se socando na frente do palco. Se rock já significou inconformismo algum dia, a gravadora não avisou o Surto. Em seu disco de estréia, ora eles se conformam ao Planet Hemp (cantando a maconha em "Hempadura"), ora aos Raimundos (misturando hardcore e regionalismos em "Hip-Hop Repente"). Ora fazem versão acústica porque toca na rádio ("Hempadura Light") ora fazem rock pesadão com letra "de amor" porque foi isso que deu fama ao Los Hermanos ("A Cêra" e "Zaróia"). E, porque, oh Deus, alguma coisa tem de dar certo, apelam até para o pop dos anos 80, gravando Kiko Zambianchi em "Tudo É Possível". Trata-se de mais um grupo a sair da linha de montagem de Rick Bonadio, um produtor que, num rasgo de genialidade, resolveu canibalizar seu próprio original, o Charlie Brown Jr., inventando os clones Osteobaldo, Tihuana e o próximo candidato a fiasco, o Surto. *Todo Mundo Doido* não é apenas um disco ruim. É um disco triste, retrato de uma geração criada pelo *Xou Da Xuxa*, incapaz de se rebelar, de surpreender, de acrescentar, de ir além das regras do mercado. E que ainda se acha muito malandra.

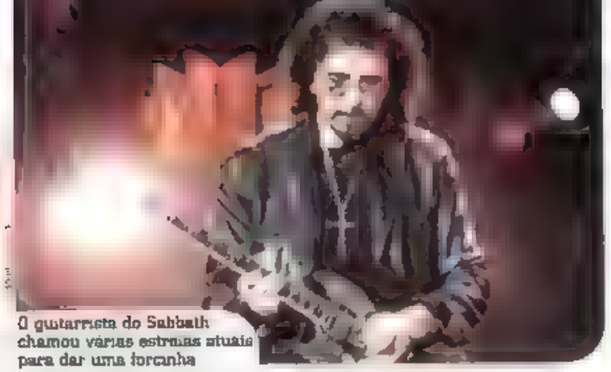
Ricardo Alexandre

Os cearenses que são de pirar o cabeção

Balaio de feras

★★★★☆

Tony Iommi
Iommi
Virgin


O guitarrista do Sabbath chamou várias estrelas atuais para dar uma forcinha

Nos anos de baixa do Black Sabbath, Tony Iommi cometeu muitas heresias usando o santo nome da banda em vão. Aqui, ao reunir um verdadeiro *dream team* do rock a acompanhá-lo em trabalho solo, reforça as suspeitas de picaretagem. Jogada de marketing ou não, desta vez ele acerta. Ao todo, são dez convidados que dão voz – literalmente – a letras niilistas assinadas a quatro mãos com o guitarrista. A melhor delas é "Who's Fooling Who", feliz reencarnação do Sabbath trazendo os compadres Ozzy Osbourne no vocal e Bill Ward na bateria – não por coincidência, o sino, logo na abertura, é referência explícita ao hino "Black Sabbath". Não faltam pedradas de responsa: os brucutus Phil "Pantera" Anselmo e Henry Rollins unem suas tradicionais lunas verbais a "Time Is Mine" e "Laughing Man", respectivamente, enquanto (olha a surpresa!) Dave Grohl injeta Nirvana em "Goodbye Lament". Peter Steele se dá bem em "Just Say No To Love" – fácil, já que Black Sabbath é a alma por trás de seu Type O Negative. Ian Astbury, do Cult, em "Flame On", e um redivivo Billy Idol, em "Into The Night", cumprem tabela sem derrapar. O único senão é "Black Oblivion", que mostra um Billy Corgan (aquele) pouco à vontade, ainda que o solo final de guitarra compense o tom "climático" meio forçado. Mas, em meio ao brilho dos coadjuvantes, show mesmo são os riffs densos, pesados e obscuros das seis cordas de Iommi. Prova de que a "velha-guarda" ainda tem muito que ensinar à gaiera do tal new meta.
Carlos Eduardo Oliveira

★☆☆☆☆

Cidade Negra
Enquanto O Mundo Gira
Columbia/Sony Music
Quatro caras com muita força de vontade e algum talento

Bob Marley, mesmo em seus discos mais combativos, cunhou lendárias pérolas do xaveco. Afinal, o que é o Cidade Negra? São quatro rapazes com muita força de vontade e algum talento. Quando acertam o alvo, saem coisas interessantes como *Lute Para Viver* (reggae-samba de primeira qualidade) e o genial *Duas Contado*, quando eram na nuvem origem nulidades como esse *Enquanto O Mundo Gira*. E reggae ficado com a competência da banda "jamaicana" do navio "Eugênio C" e letras primárias. Como em "Na Moral", em que eles clamam "Há de se respeitar a minha moral/O meu visual/E tudo que eu digo/Para alguém me escutar/Mesmo a mal cibernética/ Ah ah ah e ser imortal". Ou, então, "Favela", em que Toni Garrido resmunga "As roupas na corda/ Representam a bandeira da favela, é/ São os termos dos burgueses/ Dependurados, secando ao sol do subúrbio". Falta cultura para cuspir na estrutura.
Sérgio Martins

★★★½

Collective Soul
Blender
Atlantic/WEA
Falsa *boy band* atira para todos os lados

Uma olhada superficial e vem aquela má vontade: outra banda de garotinhos bonitinhos para encher o saco. O visual clean-futurista-bonita reforça a impressão. Mas, por sorte, trata-se de um engano: o Collective Soul é um grupo de verdade, liderado pelo cantor Ed Roland, que, no melhor estilo Noel Gallagher, se encarrega de todas as composições (afora uma, "Speak My Language", de Mark Sandman, falecido líder do Morphine). O quinteto americano completo por Ross Childress e Dean Roland nas guitarras, Will Turpin no baixo e Shane Evans na bateria – usa guitarras saturadas de efeitos e uma afiada sensibilidade pop, que chega ao auge na melodia de "Perfect Day", com participação do tio Elton John, um dos ídolos de Ed. No geral, o Collective mostra nesse *Blender* uma espécie de industrial-pop, onde as programações imperam, mas a atitude e as guitarras são roqueiras. Os momentos mais propícios a uma boa batida de cabeça são as três primeiras do disco, que, no entanto, também não fariam feio em uma pista de dança. Perto do fim, o álbum vai ficando mais calminho, em canções como "After All" e "Over Tokyo". O resultado é bom, mas o excesso de informações (ou seria melhor chamá-las de tentativas?) acaba cansando o ouvido.
Bernardo Araujo

Para quem gosta de:
Matchbox Twenty, Pearl Jam, Third Eye Blind, Vertical...

★★★☆☆

Stereolab
The First Of The Microbe Hunters
Motor/Alternet Music
Modernice para agradar à filhinha e à mamãe

Quem ainda não ouviu o culto do Stereolab tem uma chance com a chegada do novo EP em terras brasileiras. Como grande parte de sua obra, *The First Of...* deve agradar tanto à adolescente que adoraria ter vivido nos anos 60, como à mãe dela. A primeira faixa, "Outer Bongolia", quase um mambo se tocado pelo Tortoise, ultrapassa os nove minutos e pode deixar impacientes os mais desavisados. Nas outras seis, a banda do casal Tim Gane e Laetitia Sadier desfere ingredientes que vão desde os "plins plóins" da eletrônica até a falsa alegria tropicalista. "Baroque Plastik", que abusa de ótimos grooves, e "I Fell The Air" (sobra de *Dots And Loops*), atestam que a banda não pretende trazer nada de que não fez antes. Talvez aí esteja o segredo de toda essa adoração: o Stereolab, assim como o Belle & Sebastian, possui identidade – basta meio segundo para matar quem é.
Marco Bezzi

★★★☆☆

Hootie & The Blowfish
Scattered, Smothered...
Atlantic/WEA
Banda da situação em álbum de boas covers

O Hootie & The Blowfish sempre foi legal. Eternamente, será identificado com o próspero governo americano de Bill Clinton. De seus álbuns é fácil pescar um punhado de boas canções pop, que ora se aproximam do hard rock, ora caem para o country/folk. A novidade é esse disco de versões em que grandes artistas que inspiraram o grupo são homenageados. Algumas das 15 músicas já haviam aparecido em tributos e trilhas sonoras, mas foram reunidas num só álbum para facilitar o trabalho do fã que não tem Napster. Muita coisa boa na seleção: "Driver 8", de R.E.M., "Gravity Of The Situation", do sempre genial Vic Chesnutt, "Hey Hey What Can I Do", do Led Zeppelin e "Please, Please, Please Let Me Get What I Want", dos Smiths, foram tratadas com carinho. Mas o roteiro não fica preso só a bandas superpopulares. "I Go Band", por exemplo, é de um tal 54-40. Já ouviu falar?
José Flávio Júnior

Monte sua rave

A essas alturas, todo mundo já deve ter ouvido falar de loucas como "rave country", "rave de Carnaval", "rave junina" e outras empulhações que promotores de baladas oligados e pulhas usam para dar um caráter moderno a seus eventos. De uma vez por todas: rave é uma festa ao ar livre ou fechada e exclusivamente dedicada à música eletrônica. Aqui vai um microguia de discos lançados pela Trama para você montar uma em sua casa, sem DJ e sem passar vexame.
Emerson Gasperin

★★★☆☆

Tenda Drum'n'Bass

No espaço mais "negão" de sua festa dedicado aos ritmos invertebrados e graves vindos diretamente das profundezas, bote para rodar *Audio Architecture*, do DJ Marky, o brasileiro que está quebrando as cadeiras dos ingleses. Em seu segundo disco contendo preciosidades de seu set, ele recorre às melhores matrizes do estilo, como faixas da Dillinja e EZ Rollers – todas com a habitual maestria nas mixagens e com os malabarismos que fizeram a fama de Marky. Levadas pesadonas, alongamento garantido.

★★★½☆

Recheie o número de Marky com *Ai, Maluco*, do Drumagick, mais leve e ideal para a audiência respirar um pouquinho. A dupla paulistana investe em cadências mais moderadas e porque não dizer, ecléticas, como "Funquiada", com violão e voz de Max de Castro. Outras faixas lançam mão de sax, piano, trompete e vocais. Isso também é drum'n'bass.

★★★

O trance é o ritmo "oficial" das raves. Portanto, não pode faltar na sua. Não se importe se alguém falar que isso é coisa de maurício e destrua dos climas proporcionados pelo DJ Rica Amaral em *Rave Xxxperience*, mesmo nome que batiza as célebres festas nas quais ele se apresenta. Preste atenção na energética sequência "Tromesa", "Cosmosis" e "GMS", que só não mexem com quem está morto. Esse não tem erro: é pôr e deixar rolar.

★★★★☆

Aí o lance já começa a engrossar. *Rave Trip 2*, do DJ Camilo Rocha, apesar do astral quase didático que o norteia, pega melhor com os iniciados nas subversões do som digital. Linhas como "Soundsystem" e "Disturbance", que de algum jeito envolvem o mago Dave The Drummer (quem viu o cara no Brasil sabe) asseguram a desidratação, mas não dá para ignorar "Station", composição dos 2F reais, projeto de Camilo com o DJ Yahl. Se não tivesse o nome no encarte, passava por gringo na boa.

★★★★½

Bombação é com ele mesmo, Chris Liberator, com *Set Fire*, veio do underground para fazer rachar até os assoalhos mais comportados. Já tocou várias vezes em São Paulo, sempre com resultados acachapantes. Seu disco não poderia ser diferente: tecnão porreta, evidente logo na faixa-título, que abre o disco, e no single "The Heart Of Trance". O homem não é fraco, não.

★★★☆☆

U2
All That You Can't Leave Behind
Universal
Novo dos irlandeses só emociona um pouquinho

Vinte, vinte e poucos anos é idade complicada. Para bandas de rock, complicada mesmo. O Who preferiu morrer antes. Led Zeppelin e os Beatles também: sozinho, Paul cruzou a linha fazendo o pálido *Tug Of War* (1982). Os Stones soltaram o tísico *Undercover* em 1983. Entre os companheiros de geração, o U2 é praticamente o último dos pós-moicanos, segurando a peteca com o R.E.M. Agora, em busca da essência perdida – evaporada em trabalhos menos inspirados e manobras mercadológicas tolas –, os quatro milionários irlandeses tentam reviver os tempos em que faziam canções sinceras e idealistas. Como aquele seu velho amigo dos tempos de guitarrista, o U2 pode ser embaraçoso ou emocionante. Para cada letra constrangedora falando em "nova mídia" e outros temas de validade descartável, há uma grande canção como "Walk On". Pode ser impossível acreditar neste U2 "vurgem again", novamente puro após tanto cinismo, mas ainda dá para se emocionar um pouquinho. Os dias de hoje não permitem grandes arroubos e as trajetórias dos ídolos deixam o coração da gente arrombado demais. Aquelas ondas de quando você tinha 16, 17 anos, pode esquecer. É complicado, meu chapa.

Pedro Só

O inimigo do pop

★★★★☆

Tom Zé
Jogos De Armar (Faça Você Mesmo)
Trama

A reputação de Tom Zé parece sempre trombar no dilema de ser alternativo demais para a MPB e MPB demais para os alternativos. Pobres dos que ainda se atêm a tal picuinha.
A música desse mestre da canção popular está além dos rótulos que amarram o gosto pessoal a correntes e especializações. Estamos falando de grandezas históricas, do velho e épico contra-ataque risonho e ácido do oprimido contra o opressor. Como universalistas individuais do porte de Fela Kuti, James Brown, Manu Chao, Bob Marley e milhões de anônimos que mantêm a força da cultura folclórica a todo vapor, Tom usa a música como veículo principal para seu ataque verbal contra a atual máquina opressora chamada capitalismo. Mas, ao contrário dos acima citados, não fala de libertação nem de se entregar ao ritmo, mas da própria música. E transforma o inimigo num vilão chamado pop que prendeu o ritmo brasileiro na camisa-de-força do 4 x 4: "Chegou um chamego chamado pop/Bate funk, bate *fuck*/ Bate-estaca, bate rock", e depois conta, divertindo-se, como Raul Seixas e Lampião "cortaram os culhões do rock e enrabaram o iê-iê-iê". Sobram para a dívida moral externa ("O PIB da PIB"), São Paulo ("Rock'n'roll", "Jim Renda-se"), preconceito social ("Desafio"), anglocracia ("Peixe Viva") e recriações com os já típicos arranjos tortos de dois alicerces da cultura nordestina ("Pisa na Fulô", de João do Vale, e "Asa Branca", de Luiz Gonzaga), para demarcar território. Ironiza a falta de participações especiais ("contém: quem tem"), que tanto ofuscam o principal mérito deste genial Zé: um arremedo infantil que desconstrói os parâmetros europeus da academia e ciência com contra-exercícios de linguagem, ritmo e melodia, uma ciência tão particular quanto única. A sabedoria popular tem formas irônicas de manifestar seu poder e certamente Tom Zé é uma delas.

Alexandre Matias

Muito alternativo para a MPB, muito MPB para os alternativos

★★★★☆

Maybees
Picture Perfect
Polythene Pam/BMG
Promessa do cena paulista evolui em segundo trabalho

Sabe o *The Bends*, do Radiohead? O Maybees fez o seu. Depois da estréia, que rendeu boa exposição e alguma popularidade no cenário alternativo, o quinteto paulistano foi fazer o disco decisivo. Com muita astúcia e bom gosto, Mauro (o guitarrista e principal compositor), Habacuque (outra guitarra), Ldu (baixo), Falcão (bateria) e Vanessa (voz) adicionaram metais, cordas e muito teclado no pop rock simples que fez a fama do primeiro álbum. Para marcar o passo além, *Picture Perfect* abre com a belíssima "Chord Of Life". A partir do segundo minuto, trompete, sax e trombone invadem o recinto e, aos poucos, são deixados sozinhos, protagonizando uma batalha que conclui a canção. Coisa fina. A balada "Leave Me In Bed (I Don't Want To Argue)" possui encantos diferentes. O principal é a citação à "God Only Knows", dos Beach Boys. As 14 faixas deixaram o disco grande demais (teve de agregar as participações de Fernanda Takai, Edgard Scandurra, uma faixa-bônus e a vontade de cada um dos cinco). A primeira metade, que tem "Rain" e "Understand You're Tired", é superior à segunda. Mas a banda segue no caminho. Só que para fazer um *OK Computer* e agradar a gregos e troianos, vai ter de começar a cantar em português.

José Flávio Júnior

★★★★½

The Band
Greatest Hits
EMI
Patronos canadenses do country/folk são revistados

R.E.M., Lambchop, Replacements, Cowboy Junkies, Violent Femmes, Jayhawks e Wilco. Todas essas bandas têm uma dívida musical com os vovôs do grupo canadense The Band, que fizeram a transposição das raízes musicais americanas (country, gospel, rhythm'n'blues, blues) para a esfera do rock'n'roll. Em 1965, deixaram o Canadá e foram para Nova York. Atraíram a atenção de Bob Dylan, que os convidou para tocar em sua primeira turnê com instrumentos elétricos. Essa colaboração iria florescer ao longo de uma década, ao mesmo tempo que a banda começaria a desenvolver uma carreira própria paralela. Quase metade das 18 faixas (remasterizadas) de *Greatest Hits* saíram de *Music From Big Pink* (1968) e de *The Band* (1969), os dois primeiros álbuns. Há desde verdadeiros hinos ("The Night They Drove Old Dixie Down", "The Weight") até magníficas extensões dylanianas ("Tears Of Rage", "I Shall Be Released"). Mas não pense que o resto da produção do grupo não merece o devido valor, em uma tajetória que se encerrou em 1976. Basta ouvir faixas como "Life Is A Carnival", "Stage Fright" e "It Makes No Difference" para se perceber que os velhinhos eram mesmo poderosos.

Caíso Pucci

★★★☆☆

De Menos Crime
Rap Das Quebradas
Sky Blue/BMG
"Diambistas" continuam rapeando sobre tradição

"E aí? Como é que é? Fogo na bomba!" Os autores do hit chapado de 1999 retornam em seu terceiro disco depois de serem alçados à condição de cults pelo refrão que ultrapassou as fronteiras do rap e conquistou bandas como Charlie Brown Jr. e Raimundos. O disco traz a continuação do hino maconheiro deste ano. "Só Quem É Louco" ("...Se identifica/Acende um do bom. Fumaça proibida"), além de crônicas do dia-a-dia de São Mateus, extrema zona leste de São Paulo. A indigência da sintaxe e a insistência nas auto-referências e citações aos Racionais até definem o estilo do grupo, mas, às vezes, dão a impressão de que não há muita novidade para cantar. O De Menos Crime, que começou como ícone do batecabeça, consolida nesse disco um gênero no rap nacional. A insistência em cantar a maconha é criticada por setores militantes do hip-hop, mas é bom lembrar que, ao contrário do que pensa muito maluco, a erva não chegou ao país com os hippies, e sim com os escravos africanos, há 400 anos. Assim, não se pode negar a força de uma tradição secular por trás do grupo.

Spensy Pimentel

Para quem gosta de:
Cypress Hill, Planet Hemp, House Of Pa...

Olimpo britânico

★★★★★

Blur
The Best Of
EMI

★★★★★

Oasis
Familiar To Millions
Epic/Sony

Liam (*acima*) e Damon capitalizando o sucesso

Lá se vai quase uma década desde que o britpop tomou de refém muitos moleques que tinham na franja comprida sua marca registrada. O gênero que já agoniza há algum tempo parece querer pegar carona no término do milênio para selar de vez o seu reinado. E já que ele está próximo, por que não um duplo ao vivo (para manter a tradição dos "dinossauros" do rock) e uma coletânea dos dois maiores divulgadores?

O circo dos irmãos Gallagher, já comparado ou até colocado num degrau acima dos quatro de Liverpool, pode-se orgulhar de um título: o de última grande banda de rock'n'roll do século. Para provar, documentou um concerto histórico para mais de 70 mil pessoas no já demolido estádio de Wembley. O CD traz a ótima "Supersonic", passa pela doce "Don't Look Back In Anger" e culmina nas canções de seu último trabalho. E não faltam as homenagens: a soberba cover de "Hey Hey, My My", de Neil Young, e "Helter Skelter", daquela "bandinha" de nome Beatles. Mais Beatles do que o Oasis são os eternos rivais, os intelectuais do Blur. Em seis álbuns, Damon Albarn e seus colegas de universidade fizeram seu flerte com a indie-dance, caso do single "There's No Other Way", seu lado Bacharach com "The Universal", e nos dois últimos discos, seu som globalizado pelos americanos – uma prova de versatilidade. Exceto um deslize ou outro, os 17 singles mais a inédita "Music Is My Radar" são itens obrigatórios para quem quer dissecar os vários hinos que serviram de trilha sonora para uma imensa geração. Com essas duas jóias em mãos é difícil não concordar com o refrão de "Hey Hey, My My": "o rock'n roll nunca poderá morrer".

Marco Bezzi

DISCOFAGIA

★★★½

Vários

Brazilian Pebbles

Baratos Afins

Som garageiro encontra tradução no português

Com seus acordes simples, porém experimentais e criativos, as bandas de garagem dos anos 60 foram um fenômeno frutífero que conseguiu condensar toda a essência do rock'n'roll, lançando bases para estilos como punk, power pop, grunge e até mesmo tecno. A compilação em questão agrupa bandas brasileiras atuais que resgatam a linguagem garageira. Grupos com estilos e origens diversas, indo do vibrante rock instrumental à Link Wray dos paulistanos do Gasolines ao folk místico do duo gaúcho Os The Darma Lóvers, passando pela bossa "inglesa" do Monokini. Um tanto irregular, funciona mais como um curioso registro da produção oriunda das garagens lisérgicas do país. Skywalkers e Nihilo não fariam feio numa coletânea estrangeira.

Sergio Barbo

★★★★½

Tony Touch

The Piece Maker

Roadrunner

DJ cucaracha respeitado nos Estados Unidos faz a festa

O porto-riquenho Joseph Anthony Hernandez é uma lenda viva do hip hop. Foi dançarino de break no início dos anos 80. Como Tony Touch, tornou-se um virtuose das pickups. Seu novo disco confirma o respeito que ganhou da cena, gravando com alguns dos maiores nomes do rap atual, de Eminem a Wu-Tang Clan. Mas ao lado dos hermanos latinos é que a coisa fica boa, como em "U Know The Rules (Mi Vida Loca)", com o Cypress Hill. A produção é outro talento de Touch, que costura com habilidade os diferentes estilos dos MCs. Ele vai do rap *old school* ao raggamuffin sem perder a base. Mais do que um produto destinado à posse latina, trata-se de um dos melhores lançamentos de rap do ano. Hey, señor DJ!

Luciano Marenglia

O melhor do mês passado

IDÉIA

***MTV Ao Vivo*, Ira** Esqueça "Vida Passageira" e se delicie com os hinos "Núcleo Base", "Pobre Paulista" e "Envelheço Na Cidade"

***Dis Ritmia*, Jarzinho Oliveira** Sim, ele foi do Balão Mágico. E daí? Apesar de algumas cabeçadas, o cara sabe o que está fazendo.

***The Early Years*, Roxy Music** Só pelo valor histórico do grupo, já valeria a pena. Ainda por cima é uma compilação dos três primeiros discos, ou seja, só entraram os biscoitos finos. Sensualidade para neófitos

★★★★

Virgulóides

As Aventuras Dos.

BMG

Deliciosa viagem samba-rock a bordo de um Chevette velho

Quem diria que, após um sucesso na estréia (o clássico "Bagulho No Bumba") e um segundo disco que ninguém viu passar, os Virgulóides ressurgiriam impávidos das cinzas? O trio de Cidade Dutra, nos intestinos da periferia paulistana, encontrou sua cara com o produtor galês Paul Ralphes (Cidade Negra, Skank, Biquíni Cavadão). Em vez da guitarra distorcida com pandeiro e cavaco, agora Henrique Rato (voz e guitarra), Beto Demoreaux (baixo) e Paulinho Juraya (bateria, percussão e cavaquinho) usam todos esses elementos de forma coesa, num balançado samba-rock, sem restos de Jorge Benjor, turbinado por hilárias letras autobiográficas como as de "Chevette Velho", "Maria Lóca" e "Cidade Dutra". O único escorregão é o samba-reggae "Reggae De Bamba" (apesar da boa letra), largamente compensado pelas boas canções, sem invencionices nos arranjos.

Bernardo Araujo

★★★½

Demolition Doll Rods

TLA

Matador/Trama

Mais uma podridão vinda da capital da sujeira, Detroit

Danny, Margaret e Christine levam ao pé da letra a máxima do arquiteto Mies Van Der Rohe. Para esse grupo de Detroit, o menos é mais, definitivamente. O trio toca em trajes sumários nos shows e em sua formação constam apenas duas guitarras e duas peças de bateria (surdo e caixa). Sem bumbo, pratos, ton-tons, baixos e roupas... Nas 15 faixas do segundo álbum, o grupo não esconde o motivo de ser apadrinhado por Jon Spencer. Afinal, não só os riffs escancaram a veia bluesy, como Christine La Thumper manda marcações malemolentes, capazes de fazer mexer qualquer banda. Há muitos resquícios da parte billy dos Cramps, tanto nas guitarras como na produção drag de Danny. Mas é mesmo a aura trash que brilha sobre a banda. A partir do momento em que Margaret abre o disco languidamente, querendo levar você a um "lugar secreto", não há mais maneira de escapar.

Abonico R. Smith

Marcelo Camelo, do Los Hermanos, explicita sua latinidade

O ANDA

***Máquina De Escrever Música*, Moreno + 2** "Sou fã há um tempão. O Kassin, do Acabou La Tequila, é o baixista e o Domênico, do Mulheres Que Dizem Sim, é o baterista. E eu gosto muito desses caras como músicos, assim como gosto das bandas deles. As mais calmas são as melhores do disco

***Muy Divertido! (Very Entertaining!)*, Marc Ribot Y Los Cubanos Postizos** "Ribot faz parte da famosa vanguarda nova-iorquina. Grava com Marisa Monte, Arto Lindsay. É um guitarrista que se preocupa com a parada dos timbres. Nesse projeto, ele faz uma espécie de música latina de araque."

***La Marcha Del Golazo Solitario*, Los Fabulosos Cadillacs** "É um dos melhores álbuns que ouvi em minha vida. Plural, dinâmico, versátil. Os argentinos dão uma aula de como um grupo pode envelhecer com dignidade, evoluindo. Esse álbum é um achado

★★★★

The O'Jays

Live In London

Epic/Sony Music

Ao vivo do grupo que entendeu a revolução black dos anos 70

Batizada como "som da Filadélfia", a estrutura sonora criada pelos produtores Kenny Gamble e Leon Huff revolucionou a black music nos anos 70 e abriu espaço para a febre disco. Eles basicamente suavizaram a proposta sonora de gravadoras como a Stax – que tinha uma sonoridade mais crua. Na fórmula da dupla, a sessão rítmica era mais acelerada, o naipe de metais foi suavizado e as canções foram turbinadas por uma caprichada sessão de cordas. Muita gente boa gravou sob essa receita – leia-se Michael Jackson, Billy Paul e o grupo Spinners –, mas ninguém aproveitou melhor as dádivas do "som da Filadélfia" quanto os O'Jays. Formado por Eddie Levert, Walter Williams e Billy Powell, o trio registrou hinos como "For The Love Of Money" e "Love Train". Este CD ao vivo, gravado em dezembro de 1973, captura os O'Jays na ponta dos cascos. Após uma vibrante apresentação de Billy Paul (era norma... na gravadora sair em turnê com seus principais artistas), eles se divertem os preceitos de Gamble & Huff, interpretando versões mântricas de seus principais sucessos. Os destaques são os oito minutos de "Back Stabbers" e a releitura acelerada de "Love Train"

Sergio Martins

★★★

Bjork

Selmasongs

One Little Indian/Universal

Cantora islandesa chega ao limite da "malice" total

O flerte com os antigos filmes musicais foi muito além do festejado clipe de "It's Oh So Quiet". Agora, Bjork resolveu fazer cinema (*Dancer In The Dark*, do diretor dinamarquês Lars Von Trier), interpretando uma jovem checa que faz do seu ... sonhos ... perfeito ... clássicos de Hollywood. *Selmasongs* ... pseudodisco de carreira, é na verdade a compilação das seis músicas compostas pela islandesa para a trilha sonora de Trier. Com a ajuda do maestro Vincent Mendoza, ela apresenta as belas orquestrações do passado às esquisitices eletrônicas que deram o tom de seu último álbum, *Homogenic*. Há até espaço para um dueto como nos velhos tempos, ao lado do mais novo mito do rock, Thom Yorke, do Radiohead. Quem gosta da cantora e se encanta com a sua graciosidade e o inconfundível sotaque da geleira pode até se derreter. Entretanto, esse álbum revela a estagnação criativa. Bjork se prendeu nas amarras do "moderno" e do bizarro. Precisa urgentemente se reinventar, livrar-se sobretudo dos repetitivos maneirismos vocais (*N. do E. Talvez, a participação num filme do movimento* Dogma 95 *inspire a tenha*). Se *Selmasongs* é apenas um intermezzo, o próximo álbum será decisivo. **ARS**

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO

Depois de ter sido editado pela gravadora Paradoxx, o ... da americana Epitaph sai agora pela Sum (antiga Roadrunner) Discos com a fundamental coletânea *All Ages*, do **Bad Religion**, voltam a estar disponíveis para o mercado hardcore. No pacote ainda tem **NOFX**, **Agnostic Front**, **All**, **Madball** e as compilações ***Punk-O-Rama***, que sempre serviram para dar uma mapeada na cena. No meio de tanto disco, talvez o mais interessante seja *The Band Geek Mafia* do **Voodoo Glow Skulls**. Não é o melhor disco dos californianos, mas vale uma ouvida para descobrir onde o Los Hermanos se inspirou para misturar ska com harcore ● **Você já viu o disco novo da Tribo de Jah? Nem eles. Essa piada com os maranhenses pode ter ficado velha, mas os reggaes de *Além Do Véu De Maya* (Indie/Universal) ainda vão ecoar por muito tempo na cabeça dos fãs do estilo. Dá para prever que a versão para o sucesso do Sublime, "Santeria" – que virou "Uma Onda Que Passou" –, será um grande hit no verão** ● Aproveitando o clima do Free Jazz, *Do You Like My Tight Sweater?* e *Things To Make And Do* (Sum), do **Moloko**, chegam ao Brasil trazendo aquele drum'n'trip pop moderno e descolado, aquela trilha do vernissage, o popular som de publicitário ● **Quem gosta de humor negro e tem estômago forte precisa escutar Gil & Milton (WEA). Os MPBestas gravaram "Something", dos Beatles. Em versão reggae. Com sotaque baiano!** ● **Moby** ... artistas que mais aumentou seu público no hemisfério Norte em 2000 por ser simpático, fazer ... ter parido *Natural Blues*, começa a ... singles lançados por aqui: "Porcelain", "Why Does My Heart Feel So Bad?", "Natural Blues" e "Bodyrock" (Sum), todos devidamente remixados ... ● **O picareta mais gente boa que existe está de volta. É ele, o Vanilla Ice tupiniquim, Vinny! Junte os amigos, ponha *Quando O Tempo Para* (Indie/Universal) e faça uma gincana para adivinhar de onde ele surrupiou cada riff. É bacana** ● **Melanie B**, a Spice Girl mais caliente, saiu com seu esforço solo pouco antes do terceiro álbum de seu grupo chegar às lojas. *Hot* (Virgin) pode ser considerado um dos maiores fracassos do ano, mas tem alguns R&Bs decentes e o belo peitoral da moça na capa ● **Um grupo que chamou a atenção da crítica britânica neste ano foi o Echoboy. *Volume One* e *Volume 2* (Sum) juntos trazem cerca de uma música que presta, que é "Kit And Molly", do primeiro disco. O resto não tem vocal e dá aquela sensação de que foi "pensado" para ser esquisito** ● Estranhamente, fomos inundados com cartas ... o comentário sobre a obra-prima do **Colapso**. Afirmar que a banda é lamentável nem ... os missivistas. O que machucou ... foi o texto não estar assinado. Está dado o recado

Swing balanço jazzy

★★★★★

Squirrel Nut Zippers
Bedlam Ballroom
Mammoth

Este é o SNZ que não saiu do bucho da Baby

Bedlam Ballroom, quarto disco do Squirrel Nut Zippers (excetuando-se dois EPs e um álbum de canções natalinas), tem como função primordial abrir novas trincheiras. Se *The Inevitable* e *Hot* se pareciam entre si e foram responsáveis por uma "popularização" do swing no circuito alternativo, *Perennial Favorites* e o novo rebento mostram a superbanda da Carolina do Norte buscando saídas musicais mais ousadas. Em *Perennial*, a paixão por ritmos latinos (rumba, chá-chá-chá, salsa) aflorou, enquanto a melancolia ficou mais latente, provavelmente por causa da morte por overdose de heroína do trompetista Stacy Guess meses antes do lançamento do álbum. Sem esse integrante, sem Tom Maxwell, que era um dos principais compositores do grupo e saiu em carreira-solo, e sem o sax e a guitarra de Ken Mosher e o baixo de Don Raleigh, que estavam desde o princípio e debandaram, o casal fundador Jimbo Mathus e Katharine Whalen reestruturam o combo, que virou um octeto na nova empreitada. O espectro ampliou-se ainda mais e faixas que seriam hits em clubes de jazz americanos dos anos 30 agora dividem espaço com, por exemplo, um soul esquisitão ("Do What?") ou uma bossa adulterada ("It All Depends"). Mas nada que vá fazer quem já gostava do Squirrel torcer o nariz. Porque o termo certo aqui é bom gosto. Sem falar no capricho com que a banda trata seus CDs. Desta vez, a capa foi feita em 3D e o "brinde-rom" é o ótimo clipe de "Ghost Of Stephen Foster", que emula os desenhos animados em preto-e-branco do começo do século. E o Squirrel foi o grupo escolhido por Al Gore para tocar numa festa pós-debate eleitoral do Partido Democrata americano. Um pistolão imbatível.
José Flávio Júnior

★★★★½

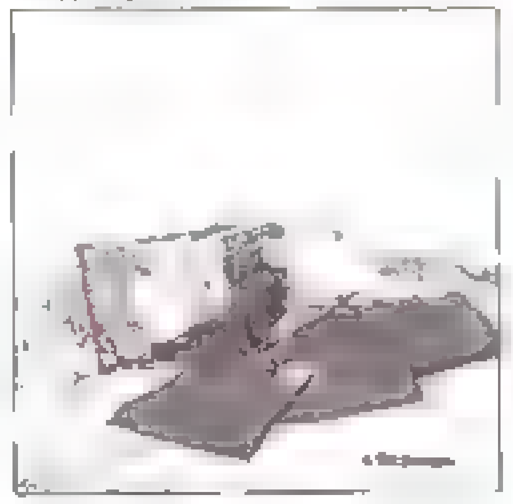
J Mascis + The Fog
More Light
City Slang

Lenda viva do indie rock em projeto novo, mas igual

Junto com Pixies e Sonic Youth, o Dinosaur Jr. formou a trinca máxima do rock de guitarras esporrentas e distorcidas que tanto influenciou toda uma geração de adolescentes no fim dos anos 80 e começo dos 90. Com oito álbuns na bagagem sob a alcunha de Dinosaur Jr. (tirando discos ao vivo e trilhas sonoras), o líder J Mascis resolveu acabar com o grupo depois do último disco, *Hand It Over* (1997), receber péssimas críticas da imprensa e pouca aceitação entre os fãs. Após um tempo sem gravadora, o guitarrista encontrou refúgio na City Slang, lar de grupos maravilhosos como Lambchop e Calexico. Com a ajuda de Kevin Shields (My Bloody Valentine), que passou sete semanas num estúdio caseiro produzindo e tocando guitarra, e de Robert Pollard (Guided By Voices), que fez backing vocals em três faixas, Mascis criou um álbum com gana de adolescente, daqueles que soam vitais como nunca para o rock'n'roll atual. Experimente escutar a seqüência matadora das quatro primeiras músicas: "Same Day", "Waistin", "Where'd You Go" e "Back Before You Go", esta a faixa-título. Todas elas remetem aos clássicos primeiros trabalhos do finado Dinosaur Jr. Só resta desejar longa vida a J Mascis + The Fog.
Luciano Vianna

Para quem gosta de:
Neil Young & Crazy Horse
Sebadoh, Mercury Rev

★★★½



Gomez
Abandoned Shopping Trolley Hotline
Virgin

Raspas e restos dos sensacionais britânicos

Pare para pensar nas bandas de rock que possuem três vocalistas. Agora, elimine Beatles e Kiss e diga qual tem os três mais impecáveis. Se a resposta não for Gomez é porque você nunca ouviu uma música desse quinteto inglês. Depois de dois álbuns lançados, a peneira já foi feita. Quem se interessou pela banda por causa do hype inicial, hoje a chama de hippie e "americana demais". Mas, numa avaliação sem preconceitos, fica difícil não se render aos encantos vocais de Ben Ottewell, Tom Gray e Ian Ball. Sem falar no mix de folk, reggae, hard rock setentão, experimentalismo e r&b tradicional, que, de tão bem feito, é capaz de angariar fãs que não curtam nenhuma das praias citadas. *Abandoned...* oferece sobras de estúdio de *Bring It On* e *Liquid Skin*, além de versões diferentes de músicas desses discos. Lógico que é meio estranho um grupo com menos de cinco anos de carreira sair com uma compilação desse naipe. Mas basta uma escutada na rejuvenescida leitura de "Getting Better" (Lennon e McCartney) para a aquisição do biscoitinho fazer sentido. Ela soa mais familiar do que o normal, pois fez parte de uma campanha publicitária da Philips. Correndo, ainda dá para encontrar a primeira edição americana do álbum, que traz de presente o ótimo *Machismo E.P.*: cinco canções no padrão Gomez de qualidade. O destaque fica para "Waster" e seu tributo a Jorge Ben. **JFJr**

★★★★★

Teenage Fanclub
Howdy!
Columbia

Puro, simples e perfeito para salvar sua vida

Música pop, lição 1: refrão. É aquele pedaço mais pegajoso da canção, geralmente repetido várias vezes. Coisa que gruda na cabeça e todo mundo canta junto. A explicação é imprecisa e complica ainda mais, porque muita gente nunca escutou um. Sabe como é, do jeito que o pessoal anda compondo, parece que refrão é uma lenda urbana, uma coisa que só o primo do amigo ouviu. E o tal primo do amigo deve ter ouvido em um disco do Teenage Fanclub. Quem? Uma banda escocesa liderada por três compositores de primeira (Norman Blake, Raymond McGinley e, principalmente, Gerard Love) que não têm vergonha de cantar "o céu na minha mente é sempre azul". *Howdy!*, o novo álbum, é uma continuação mais grudenta do anterior, *Songs From Northern Britain*, apesar da mudança de pessoal – o baterista Paul Quinn foi substituído por Francis McDonald e o tecladista Finlay McDonald foi adicionado. Manteve-se a queda por melodias country rock com sabor de FM setentona, sem escorregar para os Eagles. Guitarras moderadamente distorcidas, backing vocals em profusão, teclados discretos, exceto pelo Hammond de "Straight & Narrow"; enfim, pop puro, simples e perfeito. É pouco provável que esse disco vá figurar em alguma lista dos melhores do ano. Equívoco imperdoável, mas não importa. *Howdy!* é muito mais: é daquela estirpe rara de discos que salvam vidas.
Fábio Bianchini

★★★★½

Craig David
Born To Do It
Wildstar

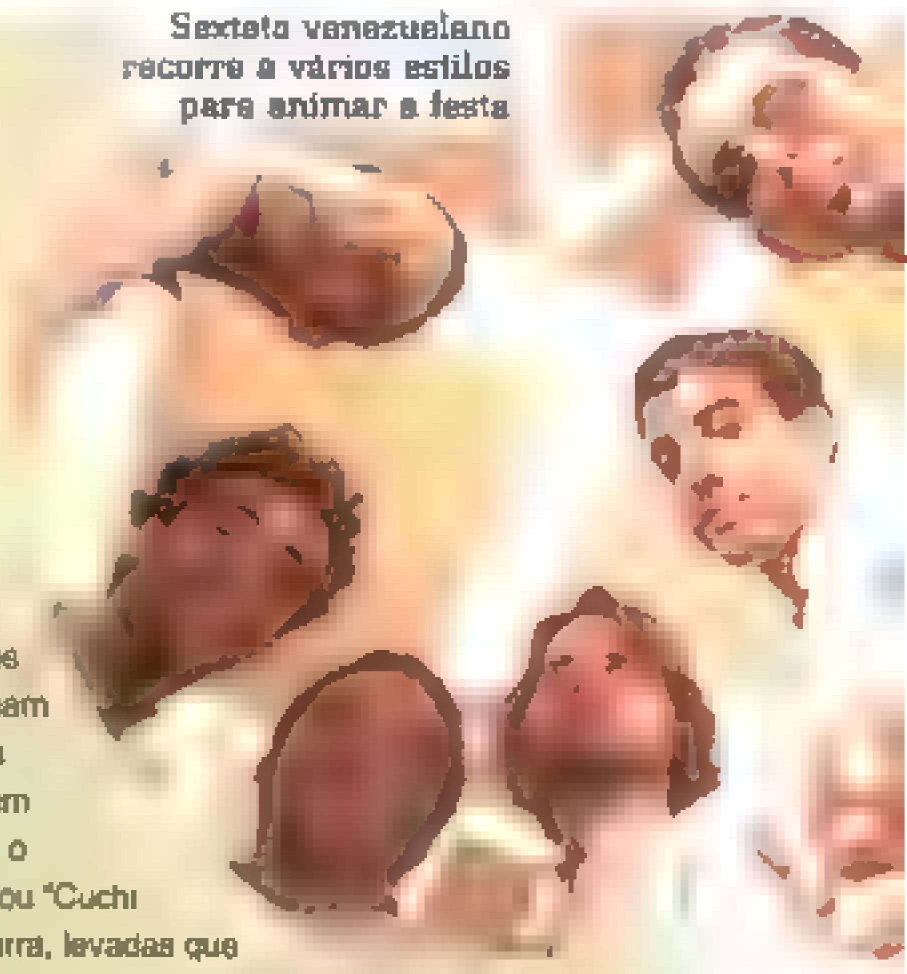
Melodias para levar ao prazer (e às paradas)

Você podia até fazer uma aposta: ligar o rádio em Londres neste verão e garantir que pelo menos uma estação estaria tocando "7 Days", de Craig David. Era batata: em algum momento, você sabia que iria ouvir o irresistível refrão que conta como um romance evoluiu de segunda-feira a domingo. Por enquanto, ele ainda é um segredo guardado na Inglaterra, mas já é possível imaginar o estrago que ele faria, por exemplo, na parada americana. Pobre Britney... Pobres BSB... Aliás, a comparação é injusta. O que David faz é música (sim, como Madonna). Por isso, é até estranho reconhecer algo tão longe do pop atual como uma melodia diferente em cada faixa do seu primeiro CD, *Born To Do It*. Ao chegar a "7 Days", a quarta faixa, você já é apresentado a pelo menos três estilos distintos: a convidativa "Feel Me In", a estranha batida de "Can't Be Messing 'Round" e o "charme" de "Rendezvous". Outra surpresa é "Booty Man", de uma musicalidade rara, mesmo entre os artistas do gênero, o soul. "Last Night" espanta as últimas dúvidas – e, para os difíceis de convencer, a recomendação é ouvir com atenção "Once In A Lifetime", que lhe vale o elogio de "o novo Lionel Ritchie" (da fase em que, claro, ele próprio merecia ser elogiado).
Zeca Camargo

Para quem gosta de:
Jericho Trent D'Arby
D'Angelo, Babyface, Cherry

Pense e dance

Sexteto venezuelano recorre a vários estilos para animar a festa



★★★★½

Los Amigos Invisibles
Arepa 3000
Luaka Bop

Quem procura sabe da dificuldade que é encontrar algum nome contemporâneo que ainda faça som festeiro sem recorrer somente a efeitos eletrônicos, scratches ou batidas sintéticas. Los Amigos Invisibles é para esse tipo de gente. Em seu segundo disco, o combo venezuelano mostra novamente que sim, é possível ser balançante (no sentido James Brown da coisa) e atual ao mesmo tempo – basta ter tino para dosar os ingredientes. *Arepa 3000*, como a estréia da banda (*The New Sounds Of Venezuelan Gozadera*, de 1997), explora à exaustão várias vertentes musicais dançantes – lounge, funk, ritmos latinos, house, disco music. Tal versatilidade, somada ao capricho maior que o sexteto dedicou aos refrãos dessa vez, torna o álbum um deleite do início ao fim. É tamanha a maestria do grupo de fazer o povo se mexer que até parece que há um DJ na formação. Uma hora, teclados ordinários e astral de boate dominam o cenário, como em "La Vecina" ou "Caliente"; em outra, quem dá o tom é o suingue de "Qué Rico" ou "Cuchi Cuchi". Recheando a farra, levadas que remetem a Chili Peppers fase *BloodSugarSexMagik* ou a Santana envelhecido em marimi ("Fonnovo", "Mujer Policia", "Si Estuvieras Aquí", "Domingo Echao"). Fica a reflexão: quando até a Venezuela esfrega na nossa cara uma banda para representá-la com louvor na cena pop mundial, é porque a situação anda desesperadora.
Emerson Gasperin

OS MAIS

Será que é isso o que eu *necessitava*?

Embarque na cápsula do tempo em direção à fria e chuvosa Seattle, responsável pelo som que revolucionou o rock na década de 90

Diário de bordo: a brava Aliança Rebelde do Rock'n Roll decidiu dar um basta à urania de mais de 20 séculos de mau gosto musical imposta pelo Império que, desde 1990, sob o comando dos clones de "Lord" MC Hammer e sua esposa, "lady" Mariah Carey, detém o monopólio mercado de entretenimento. Para lutar contra as tropas do Império, enviaremos você, bravo cadete, numa viagem de volta ao passado, mais precisamente ao ano de 1983, em Aberdeen, nos Estados Unidos, onde sua missão terá início. Você será exposto a primitivas condições climáticas, ao abuso de cafa, cerveja e drogas para, como diziam nessa época, "afastar o tédio", e a boa música dos anos 70, como Cheap Trick e Kiss.

Lá, você deverá montar uma banda e entrar em contato com o comandante Buzz Osborne, líder do Melvins, que lhe transmitirá mais detalhes sobre sua missão e lhe apresentará o cadete Dave Grohl para se integrar a seu grupo recém-formado. O bom desempenho dessa etapa da jornada será de extrema importância, pois deverá incentivar outros a seguir seu exemplo e estimular os pequenos focos de rebeldia já existentes.

Pela cápsula temporal, lhe enviaremos 600 dólares – moeda corrente da época – para ousadamente gravar um disco intitulado *Bleach*, em 1988, que ficará conhecido como o marco zero da nossa missão. Seu poder de persuasão e talento ímpar convencerão Bruce Pavitt, dono da gravadora Sub Pop, a lançar esse álbum, que deverá arrebatar um bom número de novos legionários. Mais tarde, não será difícil alcançar o epicentro da indústria do entretenimento, Hollywood, e detonar a arma secreta projetada pelos nossos cientistas no século 45: *Nevermind*, de 1991, que você levará escondido em sua bagagem.

Depois dessa etapa, consideramos nossa missão parcialmente cumprida. Você terá total liberdade de escolher se deve dar prosseguimento a ela ou retornar a seu tempo. Apenas uma dica: evite contato demasiado com a civilização após a detonação da bomba. O choque cultural e as consequências de nossa arma poderão avariar seu senso de raciocínio e os danos serão incalculáveis.

Nós, da Aliança Rebelde, esperamos que você retorne são e salvo de sua difícil missão de alterar o rumo da história e manter viva a chama da esperança no rock'n'roll em nosso tempo futuro.

Boa sorte, cadete.

Renato Yada

Nirvana
Nevermind (1991)
Apesar de ser um dos últimos discos do grunge original, *Nevermind* é de vital importância para a história da música (tanto que poderia estar em várias listas) e o ponto de partida do estouro do "som de Seattle" em escala mundial. Com tiragem inicial de 10 mil cópias, teve de ser reprensado às pressas para atender aos zilhões de admiradores que se impressionaram com a crueza de "Smells Like Teen Spirit", uma vez citada como a versão anos 90 de "God Save The Queen".

Soundgarden
Louder Than Love (1989)
A banda do vocalista Chris Cornell em sua versão mais primitiva, muito mais poderosa que em sua estreia, *Ultramega OK*. É algo como Black Sabbath tocado em câmara lenta. O reconhecimento do público, porém, só aconteceria com o lançamento de *Badmotorfinger*, que emplacou os hits "Outshined" e "Rusty Cage". Sem o peso arrastado de *Louder Than Love*, no entanto, não haveria o hoje tão comentado stoner rock do Queens Of The Stone Age.

Mudhoney
Superfuzz Bigmuff + Early Singles (1988)
O nome do primeiro álbum do grupo, que remete aos poderosos pedais de efeito usados por Jimi Hendrix, MC5 e Stooges, já diz tudo. Protopunk dos anos 70 elevados à enésima potência. De "Touch Me I'm Sick" à versão de "Halloween", do Sonic Youth, a trupe de Mark Arm e Steve Turner fizeram tudo perfeito. Mas só com *Piece Of Cake*, de 1992, é que o Mudhoney saiu do underground, impulsionado pela toscueira de "Suck You Dry".

Screaming Trees
Uncle Anesthesia (1991)
O grunge mal nasceu e começou a perder suas características. O bom trabalho em conjunto de músicos *low-profiles* estava sendo esmagado pela busca incessante de ícones, geralmente boas-pintas e expressivos. Aconteceu também com Mark Lanegan, do Screaming Trees. *Uncle Anesthesia*, com um capricho especial nas letras e vocais, mostra virtuosismo e poesia onde, em princípio, não teriam de existir. Exemplos: "Beyond This Horizon" e "Bed Of Roses".

Pearl Jam
Ten (1991)
O fato de usar camisa de flanela e frequentar os mesmos lugares em Seattle nunca fizeram dos membros do Pearl Jam legítimos representantes do grunge. Isso até a Sony tentar investir em mais um "novo Nirvana". E, com o carisma de Eddie Vedder, as coisas ficaram muito mais fáceis para o grupo se tornar o maior clone do estilo em atividade. "Alive", "Even Flow", "Jeremy" e "Once", desse disco, são músicas que a banda deve tocar onde quer que se apresente.

Vários
SubPop 200 (1988)
Coletânea essencial para entender os primórdios do grunge – e que teve seu valor multiplicado depois que o gênero conquistou o planeta. Todo mundo está lá. O açougueiro Tad, The Fluid, Nirvana tocando "Spank Thru" com o produtor Jack Endino nos vocais, os pioneiros Green River com "Hangin' Tree", um irretocável Soundgarden em "Sub Pop Rock City", Beat Happening, Fastbacks e mais um monte de gente, que na maioria não deu em nada.

Melvins
10 Songs (1986)
Gravado em dois canais e ao vivo no estúdio, a estréia dos Melvins não poderia ser menos influente do que sua própria existência. Mais conhecido por deixar Kurt Cobain dormir na varanda de sua casa e ensiná-lo a tocar guitarra, Buzz Osborne e seus comparsas Dale Clover e Matt Lukin (que mais tarde entrariam para o Mudhoney e seria homenageado pelo Pearl Jam, em "Lukin") plantaram a sementes do grunge. Agora, Buzz também integra o Fantomas.

LV
Smell The Magic (1991)
Mais uma obra-prima do artesão que deu a cara e o corpo ao grunge, Jack Endino. Só que dessa vez em versão feminina. Chamadas de "Motorhead de saias", Donita Sparks, Suzy Gardner, Jennifer Finch e Dee Plakas capturaram o espírito porra-louca de Seattle e o misturaram com o metal que imperava em Los Angeles no início da década de 90. O resultado pode ser conferido em petardos altamente letais, como "Shove", "American Society" e "Deathwish".

Beat Happening
Jamboree (1988)
A razão desse grupo singular estar presente nessa lista se deve ao fato de que é necessário mostrar o que aconteceu no submundo gelado de Seattle para que grupos como Nirvana estourassem feito pipoca. A despretensão musical de Calvin Johnson, dono da representativa gravadora K Records e líder do Beat Happening fez com que qualquer adolescente entediado acreditasse que poderia montar uma banda sem ao menos saber o que era uma guitarra.

Black Flag
Damaged (1981)
Os punks californianos podem não ter nada a ver com os cabeludos vestindo xadrez das florestas de Seattle, mas Henry Rollins e o Black Flag marcaram tanto quanto Sabbath, Big Black e Kiss juntos. *Damaged* podia ser encontrado até em supermercados da região e todos os roqueiros locais têm em sua coleção. Além disso, "Six Pack" e "TV Party" só não teriam influência sobre uma cidade fria, chuvosa e modorrenta habitada por garotos completamente surdos.

MINHA COLEÇÃO

Uma vasculhada no arsenal de sons de gente famosa

Vivendo e perdendo vinis

Boa parte da discoteca de Edgard Scandurra teve vida passageira. Mas os classicos estão protegidos pelo carinho

O melhor guitarrista (não-virtuo-se) brasileiro em atividade tem uma relação simples com sua coleção de discos: só guarda o que sabe que vai querer ouvir para sempre. "Ainda tenho um monte de disco cujo fim será a prateleira de uma loja. Ou vai virar presente", explica Edgard Scandurra, do Ira!, que também não se preocupa em recomprar, em CD, os sons que fizeram sua cabeça na adolescência prática comum entre aficionados por música. Não se importa com a conservação dos vinis, nem os organiza em ordem alfabetica. Nao sabe quantos tem e há tempos parou de frequentar sebos atrás de bolachas empoeiradas.

Mas praticamente só existem classicos na coleção de Scandurra. Sao discos tão queridos, que resistiram a várias mudanças de endereço, a algumas separações e àqueles amigos que pedem emprestado e nunca mais devolvem. Se ele perdeu itens bacanas com o passar dos anos (dentre os mais sentidos estão obras de Jimi Hendrix e Led Zeppelin), preservou a discografia do Jam, os melhores do Style Council, os historicos do Who e vários projetos paralelos e discos-solo de Paul Weller e Pete Towshend.

Outra particularidade de seu acervo são as preciosidades que jornalistas e amigos de profissão lhe deram de presente. Gente como Thomas Pappon e Camilo Rocha são responsáveis por apresentar novos caminhos sonoros ao guitarrista. O regalo de Renato Russo se destaca: um álbum dos Small Faces, com explicações do finado no encarte ("São um tanto orelhudos, mas sao super!"), encerrando com a famosa saudação: "Força sempre".

José Flávio Júnior

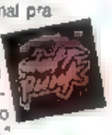
Scandurra exibe seus favoritos de Style Council, Angelo Badalamenti, The Jam e Led Zeppelin

Prateleira Especial

O que marcou um romance "Foi no meu primeiro namoro sério, aos 15 anos. Eu já estava impregnado de punk rock, mas tinha esse passado progressivo muito próximo. E a menina era de Alfenas (MG), tinha uma coisa meio hippie de ver gnomo, ler Carlos Castañeda. *Aqualung*, do Jethro Tull, era perfeito para isso."

O predileto dos Beatles "*Revolver*, pois é o primeiro deles com elementos indianos, psicodelicos, com solos de guitarra invertidos. Tem muitas musicas do George Harrison, o meu beatle favorito. Ouvi muito quando era moleque, de tabela, por causa do meu irmão, que era fanático."

Melhor de música eletrônica "*Homework*, do Daft Punk, deu uma porrada. Minimal pra caramba, supereconômico. Me identifico porque parece que esses caras têm uma visão geral de música. Um pouco de eletro, bastante funk, house, rock, tecno. O *Timeless*, do Goldie, também é uma obra de arte."



Trilha sonora favorita "*Twin Peaks*, de Angelo Badalamenti, tem um lado roqueiro nas composições, mas sempre para o lado subversivo, meio garagem, underground. E é um senhor de idade! O estilo parece até Nick Cave. Tons menores, guitarras com trêmulo, que dá aquela sensação de deserto."

O melhor do ano 2000 "*Folklore Nuts*, do M4J é chocante. De uns quatro, cinco anos para cá, só tenho ouvido musica eletrônica."

Estranho no ninho "*Surprise*, Crystal Waters, lembra de "Gipsy Woman"? Laren, larirau...) Ela cantava tudo semitonado, fora do tom. Eu gostava muito. Tinha até um lance meio jazzistico. Vou colocar para a gente ouvir (Ai...)."

Pete Towshend é Deus

***Quadrophenia*, The Who** "É o disco mais importante que tenho em casa. Talvez o mais importante da minha vida. A edição que tenho (*vinil duplo*) é a nacional, da época. Anos depois, consegui o livro com as fotos do filme com um amigo."

***Who Came First*, Pete Townshend** "Esse faço questão de mostrar. Se não for uma raridade, pelo menos é difícil de se arrumar." (*A curiosidade dessa edição nacional é a frase "Líder do conjunto The Who" abaixo do nome do guitarrista*)."

Paul Weller também

***In The City*, The Jam** "É o disco de punk rock que mais gosto, apesar de não ser o melhor da carreira da banda. Não tenho nada de Ramones, nada de Clash. Mas é porque já conheço tudo. Ouvi muito na adolescência."

***Café Bleu*, Style Council** "Paul Weller assumiu que estava ficando adulto. A tematica mudou. O álbum é sofisticado, tem piano, baterista de jazz, o vocal da garota. Mas continuou super mod, elegante. É chocante."

motor music

temperos exóticos

guarias e gostos nada usuais

confira os lançamentos no brasil do selo

calpirissima

man or astro man?

pat c

stereolab
the first of the microbe hunters

em breve

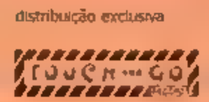
calexico

rachel´s

delta 72

R. Pernambuco, 1000, lj. 10 - Savassi - BHZ - MG
Info: (31) 3261 9509 moto@motormusic.com.br

distribuição exclusiva



Compre, grave, roube: o importante é ter esta obra em casa

Melodias para seduzir até o mais raivoso punk

Contraponto para o turbilhão que varreu o mundo em 1977, *My Aim Is True*, de Elvis Costello, mantinha um pé nos anos 50 e 60 e apontava para a new wave e para o ska two-tone

Ano de lançamento: 1977
Produção: Nick Lowe
Músicas: "Welcome To The Working Week" • "Miracle Man" • "No Dancing" • "Blame It On Cain" • "Alison" • "Sneaking Feelings" • "Red Shoes" • "Less Than Zero" • "Mystery Dance" • "Pay It Back" • "I'm Not Angry" • "Waiting For The End Of The World" A edição americana saiu com as seguintes faixas-bônus: "Watching The Detectives" "Radio Sweetheart", "Stranger In The House", "Imagination (Is A Powerful Deciever)" "Mystery Dance (acoustic version)" "Cheap Reward" "Jump Up", "Wave A White Flag", "Blame It On Cain (acoustic version)" e "Poison Moon"

A virada na sorte de Declan McManus veio ao cruzar com um maluco de carteirinha de nome Jake Riviera, produtor da banda pre-punk inglesa Dr. Feelgood. Riviera abriu em sociedade com o amigo David Robinson um selo independente chamado Stiff. Com conceitos um tanto ortodoxos do que deveria ser o rock'n'roll (cabe aí a influência de nomes americanos selvagens como Iggy Pop e Ramones), ele levou para o elenco artistas considerados malditos – como Graham Parker e o também produtor Nick Lowe – e algumas bandas do então crescente levante punk londrino, entre elas o Damned.

A grande zebra do Stiff, porém, foi a figura tímida, nerd e desengonçada de McManus, um misto de Buddy Holly e Hank B. Marvin, líder dos Shadows. Melodista de mão cheia, o azarão rebatizado como Elvis Costello (homenagens ao rei do rock e ao comediante gordo da dupla Abbott & Costello) não só passou a perna em todos os companheiros de selo, como acabou no mesmo bolo da pulverosa instalada pelas músicas de protesto e anarquia de Clash e Sex Pistols. Em 1977, McManus, que só queria ser baladeiro na vida, entrou para a história como um dos pilares do punk rock. Muito por culpa de seu primeiro single, "Less Than Zero", cujos versos punham em xeque ideais fascistas.

O comportado McManus: revolta, sim, mas com baladas apaixonadas

O álbum de estréia, *My Aim Is True*, foi o grande contraponto para o turbilhão que varria a Inglaterra de xingamentos contra a família real, a decadência política e a desesperança socioeconômica. Acompanhado pela banda Clover (que não recebeu os créditos por questões contratuais) e produzido por Lowe, Costello destilava pérolas melódicas de extrema beleza. Mantinha um pé na tradição dos anos 50 e 60 (não à toa, o maestro Burt Bacharach, com quem gravou um álbum em 1998 e o seu maior ídolo) e, ao mesmo tempo, traçava conexões com dois movimentos que estavam por vir: a new wave e o ska two-tone.

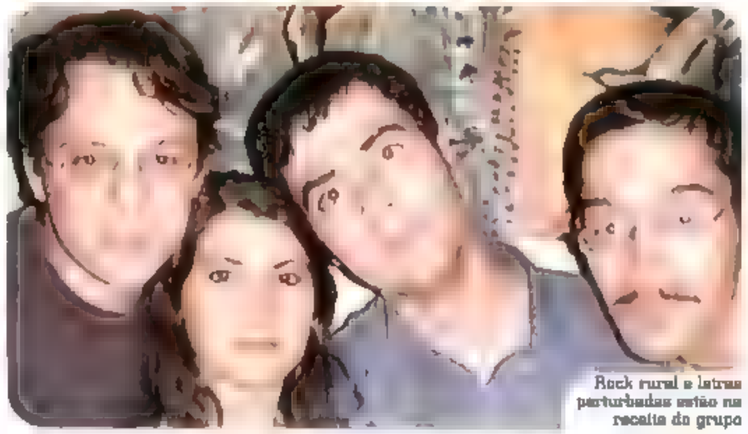
Modestas 24 horas de estúdio, entre gravação e mixagem, acabaram sendo o suficiente para que fosse reunido um punhado de riffs, melodias e refrãos poderosos. Doze faixas entraram na edição original. No entanto, sobras, demos, gravações para rádios e o hit "Watching The Detectives" foram incluídos na edição destinada ao mercado americano. Puxado por esse sucesso, um irresistível ska com órgãozinho adicionado por Steve Nieve, o álbum apontava para baladas escancaradamente apaixonadas ("Alison"), flertava com as cordas country ("Stranger In The House"), estilizava o pop do começo dos anos 60 ("Miracle Man") e também trazia um pouco da fúria do espírito daquela época ("Mystery Dance"). Essa combinação explosiva fez com que *My Aim Is True* fosse eleito o álbum do ano pela revista *Rolling Stone*.

No ano seguinte, já como músico 24 horas por dia e na companhia daquela que viria a ser por muitos anos sua banda de apoio (o trio The Attractions), Costello aperfeiçoaria em *This Year's Model* a semente plantada em *My Aim Is True*. Até que, em 1979, explodiria para o estrelato com o estouro do álbum *Armed Forces* e os hits "Oliver's Army", "Peace, Love & Understanding" e "Accidents Will Happen". Depois de experimentar trabalhos mais intimistas e gravar outros menos inspirados, Costello só voltou a repetir a popularidade do fim dos anos 70 quando regravou, em 1999, a balada "She" (do francês Charles Aznavour) para a trilha sonora do filme *Um Lugar Chamado Notting Hill*, estrelado por Julia Roberts e Hugh Grant.

Abonico R. Smith

Por Fabiana Batistela
Discos independentes, demos e fanzines
envie para Caixa Postal 66157 CEP 05315-970 São Paulo, SP

Caipiras como Neil Young



Rock rural e letras perturbadas estão na receita do grupo

Em 1996, o Motorcycle Mama, alem de ter participado da coletânea *Brasil Compacto*, lançada pelo selo Rock It!, do ex-Legião Urbana Dado Villa-Lobos, esteve em pauta em varias publicações de música e cultura do país, inclusive em SHOWBIZZ, que chamou o trio de Ribeirão Preto (SP) de "perturbado". Eles eram. Quatro anos depois, algumas coisas mudaram. A banda terminou, mas dois dos integrantes, Regis Martins (guitarra e vocal) e Joca (baixo, programação e vocal), ambos já na casa dos 30, continuaram compondo e resolveram, no começo deste ano, retomar as atividades de músicos profissionais. Nasceu, assim, o **Motormama**, que tambem conta com Gisele Z (vocal) e Gustavo (teclados), dez anos mais jovens. "Além de enxergarem o rock de maneira diferente, por causa da idade, acrescentaram elementos novos", diz Joca, sobre ter uma voz feminina e toques eletrônicos nas novas composições. O grupo, agora, é mais pop, dançante e experimental. Traz a sonoridade do rock psicodélico dos anos 60 e da música caipira, influencia tanto do lugar onde moram quanto do ídolo canadense Neil Young. Tudo com bandas eletrônicas que foram buscar no pós punk do começo dos anos 80 – uma mistura muito bem-feita. O que ficou do Motorcycle Mama foi o sotaque interiorano e o tom cínico das letras, quase "perturbado". Vale a pena conferir a primeira demo do quarteto, *Mestiço*, lançada em outubro.

Contatos: (16) 9135-9158.
e-mail: jcvita@ig.com.br

Baianidade punk

A vocalista Pitty não quis ser mais uma Ivete Sangalo

Salve Salvador e as poderosas vozes de suas cantoras, que nem só de axé vivem! Priscila, a Pitty, uma baiana de 23 anos, em vez de seguir os passos de Ivete Sangalo e cia., resolveu honrar o hardcore com seu dom. Uma das fundadoras da banda **Inkoma** e responsavel pela composição das letras, a vocalista da personalidade ao som do quarteto soteropolitano. "Canto desde pequena e me preparo para a faculdade de musica. Além de cantar, toco bateria e percussão. Quero ser profissional", diz a fã de Elis Regina. A cozinha fica a cargo de três garotos: Grasso (guitarra e barulhos), Misterio (baixo, atrasos e aluguéis) e Thiago (bateria, grooves e pressão psicologica). Fãs de Dead Kennedys, Sick Of It All e grupos nacionais, como Ratos de Porão, Mukeka Di Rato e Devotos, a banda procura por inspirações entre dois extremos: da música regional e MPB de Zé Ramalho ao heavy metal do Sepultura. "Ha uma preocupação com a consistência do trabalho, tanto que toda letra precisa ter uma mensagem, qualquer que seja, de paz ou de revolta", comenta Pitty. O Inkoma lançou uma demo, *Pulha Pura*, em 1996, que chegou a vender 2 mil cópias. O primeiro album, *Influir*, saiu em julho pela Tamborete, gravadora independente carioca que lançou Jason e Gangrena Gasosa.

Contatos: (71) 341-8276.
e-mail: inkoma@usa.net

Vermelho: rostos bonitos fazem som bubble gum

O que as bandas Daisy Down, Mary Help, Elegia e Plastic possuem em comum? Alem de serem de São José dos Campos (interior de São Paulo), todas têm pelo menos um integrante no **Vermelho 40**. Desde 1995, cinco amigos – cada um já há mais de dez anos no underground paulista – começaram a se encontrar para tocar sem compromisso e se divertir. "Era tudo uma grande festa", lembra Débora Moraes (26 anos, vocal). "E só no começo deste ano é que pensamos: por que não transformar essa festa numa banda?" O rock-pop que fazem, muito influenciado por B-52's e cheio de referências no punk do NOFX e ao grunge do Nirvana, é reflexo dessa descontração toda. Até agora, lançaram uma demo com sete músicas e um album com o apropriado título de *Playground*, pelo selo independente Airplane Of Noise! Records. Em clima de brincadeira, a regra é aproveitar o momento. "Desfrute desta canção/Pois ela só vai durar/Poucos minutos... Quem canta os males espanta/E ainda cria uma dança", abre o disco a bem-humorada "Um Pingo". O nome da banda vem da paixão de Débora e Tonunho Ribeiro (30 anos, baixista e compositor de todas as músicas) por balas de goma. "Entre uma bala e outra", explica a vocalista, "lamos os rótulos das embalagens e lá estava ele, o corante artificial Vermelho 40, na composição dos docinhos."

Contatos: (12) 323-7525
ou (12) 9125-7868,
e-mail: www.vermelho40.cjb.net

Xô, vodu!

Na base do avanço, sacode a poeira e dá a volta por cima

A historia do **Vicios Da Era** é cheia de imprevistos, contratempos e falta de sorte. Desde 1989 – quando, ainda adolescentes, formaram uma banda para participar de um festival de colegio –, os irmãos e compositores Fabius Augustus, o "Smooth" (guitarra/vocal) e Bruno Bonfá (baixo/vocal) sabem que, para conseguir o que querem, é preciso muita luta e força de vontade. Nesta última década, enfrentaram varios tipos de problemas. Fabius quebrou o mindinho esquerdo, o que o impediu de tocar por um bom tempo e, há dois anos, tornou-se pai e teve de se dedicar ao sustento da família. Alem disso, em 1994 o trio perdeu seu baterista e ainda teve todos os seus instrumentos roubados. Mas nenhuma pedra no caminho foi grande o suficiente para impedir o progresso dos goianos. "Por causa disso tudo, só agora conseguimos nos organizar para gravar um album e começar a tocar fora do estado", diz Smooth, cheio de energia e vontade de fazer a banda crescer. O disco de estreia foi lançado em outubro e esta redondinho para as FMs do pais. Influenciados por Led Zeppelin e outros grupos ingleses da década de 70, pelo rock nacional dos anos 80 e pela MPB de Jorge Ben, Gil e Caetano, o Vicios Da Era faz um pop acessível, cheio de declarações de amor e questões existenciais, que eles proprios chamam de "rock-canção".

Contatos: (62) 242 2979
e-mail: viciosdaera@cultura.com.br

Zines, selos, festivais e o escambau

UDI

Nos dias 14 e 15 de [illegible] aconteceu em São Paulo a **1ª Mostra de Cultura Independente**. Segundo uma das organizadoras, Deborah Cassano, "expositores, bandas e publico saíram satisfeitos". A Funarte recebeu nos dois dias cerca de 1.100 pessoas, que participaram de debates, conferiram videos e assistiram aos shows de **Grenade, Hang The Superstars, Sala Especial Dominatrix, Thee Butchers' Orchestra** e **Fish Lips**. Mais de 400 títulos de fanzines do Brasil todo foram expostos, e os selos independentes bateram recorde de venda. ● **Em outubro, saiu pelo selo americano Drive-In Records um EP com quatro musicas do quarteto brasiliense Postal Blue (confira o Democracia da edição 179). Uma delas é a inédita "I Know Where Your Dreams Go". No Brasil, o disco saiu pela Slag Records: http://slag.sekure.org** ● O **Pin Ups**, uma das [illegible] mais respeitadas do underground paulista, está de cara [illegible] verdade, de cara velha. A [illegible] Alê deixou o grupo para se dedicar à sua vida pessoal e quem tomou seu lugar foi o antigo vocalista Luis Gustavo, que, segundo Zé Antonio (guitarrista e líder da banda) deve deixar o Pin Ups mais agressivo por causa de sua voz. "O tom da Alê exigia um som mais calmo, mais suave", explica ele. Os outros integrantes também mudaram. O grupo conta agora com Ramon (ex-guitarrista do Strada) e Pedrinho (baterista do finado Killing Chainsaw). Eles já estão se apresentando ao vivo, mas um novo trabalho só deve sair em abril de 2001 ● **Na edição passada, o endereço do site dos Tamborines não saiu por um erro de edição. Agora os fãs de Belle & Sebastian podem entrar em contato com a banda paranaense através do www.tamborines.cjb.net** ● Saudade do **R.I.P. Monsters**? O apresentador do Musikeos Gastão torrou suas economias numa coletânea dupla do período em que esteve na banda (1991 a 1996). São quase 50 músicas, incluindo algumas versões e faixas ao vivo. Para bater um papo com o baixista e vocalista Johnny Monster e fazer sua encomenda, ligue para a loja Disconcert (11) 3871-2544. Lá você também encontra o último lançamento do novo grupo dele, o **Estranhos**. Trata-se da trilha sonora da peça de Gabriel Villela, *Alma De Todos Os Tempos*, gravada ao vivo. Para quem não sabe, o vocalista da Estranhos é Enrique Leão, namorado da Tiazinha.

Hello Kittie

Conheci a banda Kittie no programa *Garagem*, da Brasil 2000, e gostaria de saber mais sobre essas meninas, quantos discos elas têm, se há previsão de lançamento no Brasil, etc. Queria ver uma reportagem com elas. Poderia se chamar: "Kittie, o Sepultura de saias".

Marcos Henrique Lauro – São Paulo, SP

O Kittie é um quarteto metal-gotico-glam canadense formado por quatro ninfetas de 17 anos em média: as irmãs Morgan Lander (guitarra/voz) e Mercedes Lander (bateria), Fallon Bowman (guitarra/vocal) e Talena (baixo). Mercedes e Fallon se conheceram em 1997, em uma aula de ginástica, e descobriram que tinham um gosto musical bem parecido. Resolveram montar uma banda para fazer covers de Silverchair e Nirvana e depois de pouco mais de um ano, já haviam assinado com uma gravadora. Até agora, gravaram apenas um disco, *Spit* (1999), e, no momento, estão excursionando pelos Estados Unidos com o Pantera. Não há nenhuma previsão do álbum ser lançado no Brasil. Mas convenhamos, Carlos, apesar do som pesado, elas ainda precisam comer muito arroz com feijão para chegar perto do Sepultura.

Em cima do muro

A música "One Of These Days", que aparece no vídeo *Pulse*, do Pink Floyd, é de que álbum da banda?

Edgleidson Pereira – João Pessoa, PB

A faixa que você procura está em um disco de 1971 chamado *Meddle*.

Remixes em profusão

Kylie Minogue acabou de lançar um novo álbum, então vocês poderiam me dar a discografia dela, né?

Andrey Santos – Porto Alegre, RS

Ok, Andrey. Já que você pediu, aqui vai. *Kylie* (1988), *Kylies Remixes* (1988), *Enjoy Yourself* (1989), *Rhythm Of Love* (1990), *Let's Get To It* (1991), *Kylie's Remixes Vol. 2* (1992), *Kylie's Greatest Hits* (1992), *Kylies Non Stop History 50 + 1* (1993), *Kylie Minogue* (1994), *Impossible Princess* (1998), *Greatest Remix Hits Volume I* (1997), *Greatest Remix Hits Volume II* (1997), *Greatest Remix Hits Volume III* (1998), *Greatest Remix Hits Volume IV* (1998), *Mixes* (1998), *Intimate And Live* (1998) e *Light Years* (2000). Nenhum tem versão nacional e poucos deles ganharam edição nos Estados Unidos. O álbum ao vivo e todos os de remixes só foram lançados na Austrália, a terra natal de Minogue, e, no máximo, no Japão.

Preciosidades do rock

Adoro o som do Fleetwood Mac, principalmente após a entrada da vocalista Stevie Nicks. Admiro também a maneira virtuosa de tocar do guitarrista Lindsey Buckingham. Gostaria de saber de que país eles são e quando a banda nasceu, a data de nascimento e parentesco dos integrantes atuais e se eles ainda estão na ativa.

Inraso Aparecido da Conceição – Diadema, SP

A banda foi formada em Londres em 1967, mas se mudou para a Califórnia em 1974. Da formação original, apenas o baterista Mick Fleetwood (24/6/1947) e o baixista John McVie (26/11/1945) permanecem. A tecladista e vocalista Christine McVie (antes Christine Perfect – 12/7/1943) é esposa de John. Os dois se casaram no começo da década de 70, quando Christine oficialmente se juntou à banda. Lindsey Buckingham (3/10/1947) e Stevie Nicks (26/5/1948) são americanos e entraram para o grupo quando os ingleses se estabeleceram nos Estados Unidos. O último lançamento foi *The Dance* (1997), álbum ao vivo gravado em um show especial para a MTV. Em outubro, Mick apresentou um programa de entrevistas da TV americana para promover seu site de compra e venda de preciosidades do mundo do rock (www.fleetwoodnwen.com). Quando perguntado sobre uma possível nova turnê do Fleetwood Mac, o baterista respondeu: "A boa notícia é que vai haver uma. Stevie está lançando um álbum-solo, como também Lindsey, e, por causa disso, ficaremos provavelmente uns 18 meses sem gravar ou excursionar com a banda". É só aguardar. Inraso.

Bush doctor

Tenho 17 anos e estou começando a curtir o Bush. Por isso, queria saber a discografia deles.

Luana Silva de Souza – Novas Paulista, SP

Gostaria de pedir mais matérias sobre a banda Bush e sua discografia.

Mirella Pelegrino – Jardim Paraná, RO

O Bush é uma banda nova e sua discografia não é muito extensa. Os três álbuns do quarteto inglês são: *Sixteen Stone* (1994), *Razorblade Suitcase* (1996) e *The Science Of Things* (1999). Para quem é muuuito fã, há também um disco de remixes, *Deconstructed* (1997), com participações dos DJs Goldie e Tricky.

Soul de branco

Comprei o disco *Congregation*, do Afghan Whigs, e achei uma obra-prima. Gostaria que vocês publicassem a discografia dos caras.

Eric Wanderson Nunes – Juiz de Fora, MG

Antes ai, *Big Top Halloween* (1988, um independente, dificílimo de se encontrar); *Up In It* (1990), *Congregation* (1991); *Gentlemen* (1993); *Black Love* (1996); *1965* (1998).

Gavin Rossdale, do Bush: poucos discos, muita fama

A pedido do leitor Rangel Cruz – Recife, PE

FICHA

Importância

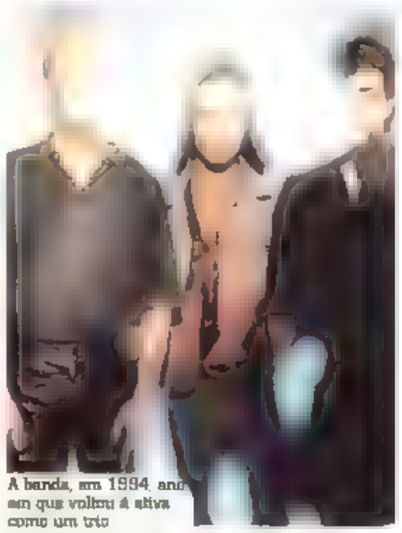
"O som da Terra vomitando." Assim o baterista Paul Ferguson descrevia a música do Killing Joke, grupo que sempre foi conhecido por sua performance barulhenta e energética, pela mistura de punk rock e batidas dançantes e por suas letras e material impresso recheados de conteúdo social. Influenciaram inúmeras bandas, inclusive uma das mais importantes dos anos 90, o Nirvana, que chegou até a plagiar uma de suas músicas, "Eighties" (do álbum *Night Times*, 1985), para compor o hit "Come As You Are". A banda de Kurt Cobain foi processada e teve de pagar uma indenização aos verdadeiros donos dos riffs.

Biografia

O Killing Joke nasceu em 1978, na Inglaterra, com Jaz Coleman (vocal/teclado), Youth (baixo), Geordie (guitarra) e Ferguson (bateria). Seu primeiro EP, Turn To Red, impressionou bastante John Peel – um lendário DJ da Radio 1 da BBC de Londres – que deu um grande espaço para a banda em seu programa, ajudando o quarteto a popularizar seu nome na Grã-Bretanha e a conseguir um contrato com uma gravadora. Depois do terceiro álbum, *Revelations* (1982), o grupo se desfez por causa das obsessões de ocultismo de seu vocalista, Jaz, que se mudou para a Islândia. Segundo ele, a ilha era o lugar perfeito para esperar o fim do mundo. Pouco tempo depois, Geordie seguiu o mesmo destino e os dois começaram a trabalhar com algumas bandas islandesas, inclusive a Theyr (do baterista Siggi Baldursson, mais tarde integrante do Sugarcubes). Youth e Ferguson permaneceram na Inglaterra e começaram um novo trabalho, o Brilliant. Mas, antes mesmo de a dupla lançar seu primeiro single, o baterista abandonou tudo e foi encontrar Coleman na Islândia, levando com ele um novo baixista, Paul Raven. Os quatro, então, começaram a retomar as atividades com o Killing Joke e, meses depois, voltaram à Inglaterra. Gravaram alguns trabalhos mais convencionais, sem a força dos primeiros álbuns e só no fim dos anos 80, com *Extremities* (1990), houve um retorno às origens barulhentas. Durante os quatro anos seguintes, apenas coletâneas foram lançadas, até que, em 1994, o Killing Joke volta como um trio – Coleman, Geordie e o baixista original, Youth.

Discografia

Killing Joke (1980), What's This For...! (1981), Revelations (1982), Ha – Killing Joke Live (1982), Fire Dances (1983), Night Times (1985), Brighter Than A Thousand Suns (1986), Outside The Gate (1988), The Courtauld Talks (1989), Extremities, Dirt & Various Repressed Emotions (1990), An Incomplete Collection (1990), Laugh? I Nearly Bought One (1992), Pandemonium (1994), Wilful Days (1995), Live In Concert (1996), Democracy (1996), Alchemy – The Remixes (1996), War Dance – Remix Album (1998)



A banda, em 1994, ano em que voltou à ativa como um trio

PROMOÇÃO PROMOÇÃO

A Jamaica fica logo ali

Tribo de Jah e **BIZZ** levam você ao Maranhão, a Jamaica brasileira. Para isso, basta responder as seguintes perguntas:

1. Como se chama o novo disco da Tribo de Jah?

2. Por que você quer ir ao Maranhão?

O leitor que acertar a primeira questão e enviar a melhor resposta para a segunda vai ganhar **um fim de semana em São Luís* – de 16 a 18 de fevereiro – com hospedagem, passagem aérea e podendo levar um acompanhante.**

As cartas devem ser enviadas para **Promoção A Jamaica Fica Logo Ali**, Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000. Valerão as respostas postadas até **5 de janeiro de 2001.**

* Para o ganhador ou acompanhante menor de 18 anos, é necessária a autorização dos pais ou responsável.

PROMOÇÃO PROMOÇÃO

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

A real do Brasil

Sou apenas mais um brasileiro que trabalha, ganha 150 reais mensais e não tem a mínima chance de acesso à cultura. Não devemos culpar as pessoas que ouvem os É O Tchan da vida. Elas não têm como ter consciência. A TV e o rádio são podres. Dá para acreditar que só conheço Radiohead por causa daquele comercial? Vocês falam de Faith No More (que o cara é um grande vocalista), Dead Kennedys, Pixies, as novas sensações da Inglaterra. Dá na mesma, não tenho a menor idéia de como seja o som desses caras. Como culpar o povo brasileiro por ouvir Ivete Sangalo, KLB e tantos outros artistas hipócritas, que aproveitam a onda para ganhar dinheiro? E, enquanto eles ganham, nós, brasileiros, continuamos sem acesso ao que presta. Vou sobrevivendo com 150 reias e um *Nevermind*, do Nirvana, emprestado. Já o ouvi 500 vezes e estou pronto para ouvir novamente. De qualquer forma, parabéns pelo trabalho. Continuem divulgando para as pessoas o que há de bom na música.
Josemar B. Ferrari – Ilha, MG

Esperança que não morre

Quando eu tinha 5 anos, nos idos de 1980, presenciei o furor causado no Brasil por RPM, Titãs e Legião Urbana, e fora daqui, por U2 e Smiths. Nos anos 90, apareceu uma geração que fez o rock voltar à cena. Nirvana, Pearl Jam, Smashing Pumpkins e Chili Peppers me fizeram pegar amor pelo rock e pela música. Estamos no ano 2000, tenho 20 anos e ninguém para citar. Chego de uma rave, olho na minha prateleira de CDs e só tem velharia. O rock está morto? Acredito que não. Só está perdido, precisando de um Bono ou de um Cobain para colocá-lo nos trilhos novamente. Espero que esses homens sejam Thom Yorke (Radiohead) e Josh Homme (Queens Of The Stone Age). Não quero que meus filhos cresçam numa era pós-rock.
Rafael Rodrigo Vianna – São Paulo, SP

Saudade dos símios

Não é possível que uma banda como João Penca E Seus Miquinhos Amestrados tenha acabado. Com eles também se foi parte do sarcasmo juvenil de nossa geração. Gostei muito de saber que pelo menos um deles ainda está ligado à música.
Fabio Montaário – Governador Valadares, MG

Assim que a gente gosta

Quinze anos na estrada!!! Cara, é muito tempo. Uma revista completa, moderna,

As palavras que nos comoveram
PAPO FIRME

Queria agradecer pelo presente que vocês me deram. A edição 184 estava ótima! Até agora foi a melhor de todas! Teve a entrevista com os caras do Offspring, uma das melhores bandas da atualidade, e as matérias do Creed, Lulu Santos e Raul Seixas. Além disso, fui informado de que os maravilhosos discos daquela que é uma das melhores bandas de rock do mundo, o Belle & Sebastian, finalmente estão sendo lançados no Brasil. Sem falar da ótima entrevista feita com Chan Marshal, a Cat Power. Mas o que me deixou muito feliz foi ver a minha banda favorita na capa da revista. Tenho 14 anos, mas adoro Mutantes. E, acreditem ou não, eu os conheci pela revista, no início do ano, com a crítica de *Tecnicolor*. Eu gostava, aliás, ainda gosto muito, do trabalho da Rita e, quando descobri nessa crítica que ela fez parte dessa banda, comprei o CD e adorei! A Rita cantando, os melhores instrumentistas do mundo, o som, as letras, a ousadia, a criatividade enorme do grupo. Desde então, eles se transformaram na minha banda favorita. Graças a esse disco, comprei outros dois (a coletânea

Mutantes: seduzindo o leitor imberbe

Everything Is Possible e o clássico *A Divina Comédia Ou Ando Meio Desligado*) e pretendo comprar mais. Ou seja, vocês não só me apresentaram a melhor banda de todos os tempos, como os colocaram na capa da edição de novembro, mês em que faço aniversário. Só não concordei com as quatro estrelas para o novo dos Raimundos, pois acho que ele é, ao lado de *Oxigênio*, do Jota Quest, o pior disco de rock brasileiro do ano. Mas, de qualquer jeito, muito obrigado por esse ótimo presente. Mesmo!
Renato M. Ferreira – Capão Bonito, SP

SÍMBOLO
Diretora-Presidente Joana Woo
Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Planejamento: Sandra Woo
Superintendente de Finanças: Pedro Feitão
Diretora de Circulação e Marketing: Regina Bueno
Diretora de Publicidade: Dilu Ferrer Heth
Diretora Jurídica: Henriqueta Pinelli

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentados: Luis de Castro
Diretora de Arte da Divisão: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: Jose Flavio Junior
Editor de Arte: Hakon Fleming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Abonico R. Smith, Alexandre Matias, Bernardo Araujo, Bruno Levinson, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Pucci, Clarah Averbuck, Daniel Oliveira, Fabiana Batistela, Fabio Bianchini, Luciano Marsigia, Luciano Vianna, Marco Bezzi, Pedro Só, Renato Vadi, Ricardo Alexandre, Sergio Barbo, Sergio Martins, Spetos Pimentel, Valeria Reni, Zeca Camargo **Fotografia:** Eugênio Vieira, Fabiana Batistela, Juliano Zappia, Mauricio Vincenzo, Marcos Hermes, Marcelo Ximenes, Valeria Reni **Ilustração:** Cobrasco
Correspondentes: Ricardo Vitor e Amy Florence Ho (Nova York)
Produção Gráfica: Andrea Leverne
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveira

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Liliane Pereira Santos • **Executivos de Negócios:** Marisa de Souza e Luciana Bergamasco • **Contato Publicitário:** Thelma Guilherme • **Gerente de Publicidade de Representantes Regionais:** André Barrozo • **Gerente de Publicidade (SJ):** Mara Pimentel • **Contato (SJ):** Arnaldo Ferraz • **Escritórios: Rio de Janeiro:** R. Visconde de Pirajá, 45, GR 401/402, RJ, CEP 22270-010, tel. (0xx21) 529-2150, fax (0xx21) 529-2160 **Representantes** • **Interior de SP:** FitzCampos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Caramuru, 1.280, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14020-000, tel./fax (0xx16) 635-9130 • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS - Qd. 701, Bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70.340-907, tel. (0xx61) 322-2034, fax (0xx61) 414-1541 • **Ceará:** A.G. Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 150, 10º and., s. 1.001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 253-4141, fax (0xx85) 231-4761 **Minas Gerais:** Magalhães Franck Ltda., R. Nunes Vieira, 256A, Belo Horizonte, MG, CEP 30350-120, tel. (0xx31) 3345-9722, fax (0xx31) 3296-2324 • **Paraná:** Valle Reges, Comendador Lira, R. Senador Xavier da Silva, 488, s. 808, Curitiba, PR, CEP 80310-060, tel. (0xx41) 232-3466, fax (0xx41) 252-0857 • **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.558, 6º and., s. 605, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tels. (0xx51) 215-1587 e 215-1513, fax (0xx51) 233-1587, Integrada Atendimento e Mídia, R. Tupinambá, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (0xx51) 582-4120, fax (0xx51) 594-4089 • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, s. 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel/fax (0xx48) 222-4355

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Fernando Taveira
Gerente Administrativo: Fátima Fara

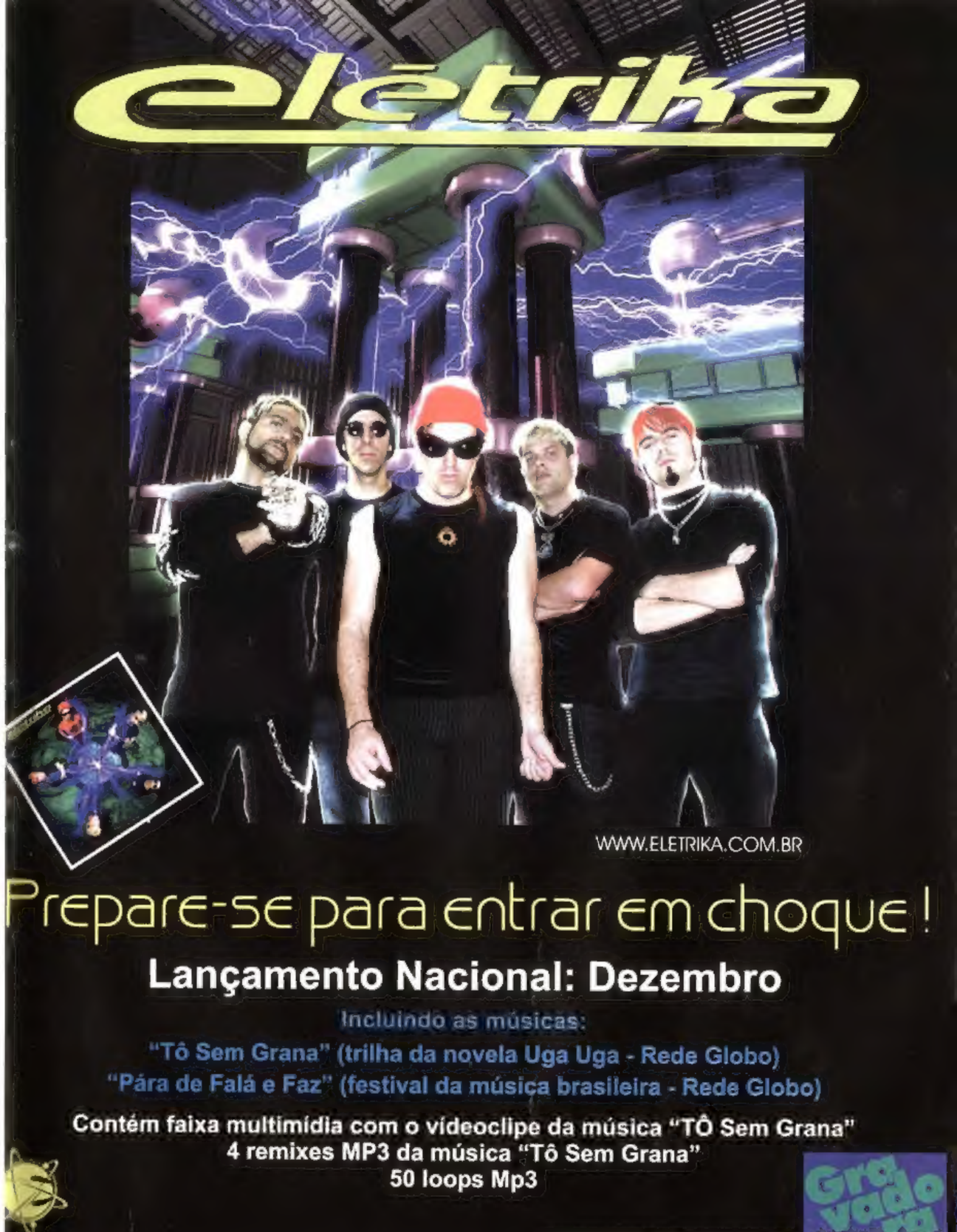
Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandes
Impressão: Globo Cochrane Gráfica e Editora - Viabrasil
Papel: Impacel

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 2184-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2255, fax (0xx11) 287-6899. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque), solicite através de seu jornaleiro. SHOWBIZZ não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVC

ASSINATURAS – (0xx11) 251-1255 (Grande São Paulo), 0800-163222 (outras localidades, ou pelo e-mail: assinat@uniabril.com.br
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para renovar ou tirar dúvidas sobre sua assinatura: (0xx11) 263-9134 ou pelo fax (0xx11) 251-5455

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: Jose Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Magnoni de Aguiar, Giancarlo Civita, Jose Wilson Arruda Pacheco, Luiz Gabriel Rico, Pery Rotenberg



que está sempre nos mostrando artigos maravilhosos dos mais variados artistas do momento e do passado. Conheci vários através de vocês (Travis, Coldplay, Jeff Buckley, Fiorina Apple...). Obrigado pela revista que é a cara da nossa geração. O novo visual ficou animal, as críticas arrasadoras, as matérias, nem conto... Que vocês tenham mais 100 anos de estrada!

Pablo Rodrigo Tamelin – Camboriú, SC

E mal pagos

O que mais me empolga nas atuais edições da BIZZ é a quantidade de informação sobre novas bandas, novos sons e tendências, pois, hoje em dia, está cada vez mais difícil ouvir as rádios. Elas não se cansam de tocar sempre as mesmas coisas, e isso frustra quem realmente gosta de música. Se dependermos apenas das rádios para nos atualizar, estamos fodidos.

Ricardo Mendes – São Paulo, SP

Parque de versões

Não aguento mais versões de músicas estrangeiras no rádio. O trabalho de qualquer artista perde todo o valor a partir do momento em que ele faz ou grava uma versão de uma música de fora. Assassinam os originais. As almas de Bob Marley e John Lennon não devem ter sossego até hoje por causa das versões medíocres que Gilberto Gil, Roberto Carlos e Raul Seixas fizeram de suas músicas. No céu, Elvis já deve ter chegado junto do Leandro e reclamado de "Eu Só Penso Em Você". Jimi Hendrix deve estar só esperando alguém do Rappa subir. Além dos que eu já citei, estão na lista negra: Maurício Manieri, Nenhum de Nós, Lulu Santos, Engenheiros do Hawaii, Capital Inicial, Planet Hemp, Marcelo Nova, Titãs, Cidade Negra, Yahoo, Renato Russo, Made In Brazil, Tihuana, Tribo De Jah, Pepê E Neném, etc. Todos se aproveitam da ignorância musical e cultural da maioria dos brasileiros para ganhar um troco.

Gerson Luiz França – Blumenau, SC

Correções

– Graças a um erro no fotolito, a primeira frase da matéria "Deixa Eu Falar" (edição 184) saiu truncada. O correto seria: Canisso nem espera o aperto de mão acabar para iniciar a contenda. "E aí, agora está na hora de falar mal dos Raimundos?", pergunta.

– No Cabra Cega da última edição, o baterista do Ira!, André Jung, foi chamado de André X, que é o baixista da Plebe Rude.

– Na seção Barulho do mês passado, na página 8, a capa de *Joshua Tree*, do U2, foi substituída pela de *Who's Next*, do Who.

Promoção Guitarras Aladas

Eles vão receber os discos de Soulfly e Jimmy Page/Black Crowes na faixa:
Adriano Cesar S. Oliveira – Goânia, GO
Alexsandro F. Corrêa – São José, SC
Aloir Clovis Narcizu – Ponta Grossa, PR
Bercaldo Antonio Primo Jr. – Paulista, PE
Carlos E. M. de Almeida – Piracicaba, SP
Daniel Forgianni dos Santos – Piratuba, SC
Eder Valente – São Paulo, SP
Fabricio Abreu Serano – Ponte Nova, MG
Jairo Canuto de Araujo – São Paulo, SP
João Mauricio C. Gonçalves – Curitiba, PR
Joilson Mendes Arruda – Porto Velho, RO
Keylla D. da Silva – Campo Grande, MS
Leandro Bambu – Nova Iguaçu, RJ
Luis Fernando A. dos Santos – São Paulo, SP
Marcio M. Martins – Curitiba, PR
Marco Carvalho – Engenheiro Caldas, MG
Mauricio Pizzol – Rio das Pedras, SP
Maximiliano da Silva Costa – Viçosa, MG
Renato Lorensuttie Calefe – Colatina, ES
Ricardo A. Chicuta – Criciúma, SC
Ricardo Fernando D. Kamienicki – Jaú, SP
Suzana Silva Amaral – Vazante, MG
Tiago Silva – Uruçuí, PI
Wellington Almeida – Arapoti, PR
Wellington W. R. Gregório – Contagem, MG

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

Aerosmith: Ana Paula Tyler – Praça João XXIII, 186, ap. 104, Cantagalo, RJ – CEP 28500-000

Bad Religion e Biohazard: Wilton Almeida Oliveira – Av. Perimetral Sudoeste, 207C, ap. 33, Cohab 2 – Carapicuíba, SP – CEP 06325-130

Belle & Sebastian e Fountains Of Wayne: Marina Nantes – Rua Brig. Arthur Carlos Peralta, 185 – São Paulo, SP – CEP 02535-140

Brian Adams: Nil Ferreira – Rua Santa Clara D'Oeste, 7 – Guarulhos, SP – CEP 07083-250

Bush: Evelin Andrade – Rua Dona Vicentina Alegretti, 57 A – São Paulo, SP – CEP 03610-030

Cranberries e Radiohead: Rogério Saraiva – Rua Camélias, 448 – Santa Isabel, SP – CEP 07500-000 – E-mail: rogerio@softlinesystem.com.br

Guns N' Roses: Thais Brito da Silva – Rua Rio Corrente, 1 – Santa Maria da Vitória, BA – CEP 47640-000

Hole: Davi Miranda – Rua Pero Coelho, 196 – Barbalha, CE – CEP 63180-000

Judas Priest: Lucilene – Rua Dirceu dos Santos, 89 – Araçatuba, SP – CEP 16046-740

Madonna: Alexandre Gaeta – Av. Basílio Alves Morango, 1347 – São Paulo, SP – CEP 02222-001

Mutantes: Elmiro Lopes da Silva – Rua Ivaldo Alves Nascimento, 904 – Uberlândia, MG – CEP 38400-628

Nirvana: Enberto da Silva – Rua Jamil de Miranda Gedeon, 1.323 – Timon, MA – CEP 65631-140

Pato Fu: Candido José – Rua Cel. Sidney T. Alves, 507 – Campinas, SP – CEP 13058-744

Pearl Jam: Rodrigo do Amaral – Rua Daniela Perez, 421 – Mauá, SP – CEP 09321-091

Red Hot Chili Peppers: Danielly Carneiro – Rua Claudemiro G. Moreira, 632 – Faxinal, PR – CEP 66840-000

Sepultura: Miriam Castro Pereira – Rua Ezequiel Barbosa, 624 – Araçatuba, SP – CEP 16046-500

FÃS-CLUBES

Autoramas: Fã-Clube Auto Estima – Rua Bom Pastor, 1426, ap. 54 – São Paulo, SP – CEP 04203-001; E-mail: autoestima@tantofaz.net

Cidadão Quem: Fã-Clube A Lente Azul – Rua Itacolomi, 1.117 – Gravataí, RS – CEP 94170-240

Eric Clapton: Fã-Clube Deus Da Guitarra – Rua Sebastiana Coutinho, 1.480 Barreiros – São José, SC – CEP 88113-240

Green Day: Best Of GD – Caixa Postal 32 – Nova Petrópolis, RS – CEP 95150-970

O Rappa: Fanrappa – Caixa Postal 9151 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22272-970 – E-mail: fanrappa@matrix.com.br

Van Halen: Van Halen Fã-Clube – Rua Mario Mourão, 150 – Poços de Caldas, MG – CEP 37701-019

CIDADE A RÁDIO ROCK
RIO - 102,9 FM
Rock, Necessidade Básica.

Um universo revelado na ponta dos dedos

Ou como um "que foi, mãe?" inventou a cultura hip-hop e mudou a história do pop, transformando o toca-discos em instrumento e disseminando o scratch por vários estilos

Em 1971, o então anônimo Theodore tinha 14 anos e escutava seus álbuns favoritos em seu quarto. Incomodada com o barulho, sua mãe começou a bater na porta, pedindo para que abaixasse o volume. Não atendida, a senhora entrou impetuosamente no quarto, esbravejando para que o filho diminuísse o som insuportável que tomava conta daquele pequeno apartamento na esquina da Boston Road com a 168th Street, no Bronx, em Nova York. "Ao mesmo tempo que ela falava, fiquei movendo o disco para frente e para trás, marcando um ritmo na cabeça", contou Theodore, anos depois, ao diretor John Carluccio no documentário *Battle Sounds*. "Enquanto ela falava, eu ouvia o que estava fazendo. Pensei: 'Isso é legal'. E comecei a praticar."

Com esse gesto, o moleque resumiu anos de manipulação sonora por meio de toca-discos, uma coisa que reunia as teorias pós-musicais de John Cage ("Com um fonógrafo é possível controlar qualquer tipo de som e lhes dar ritmos que podem ir além da nossa imaginação", atestava ele em seu artigo *O Futuro da Música – Crença*, de 1937), os experimentos modernistas do francês Pierre Schaeffer (que criava suítes alterando velocidades e sentidos de diferentes vitrolas tocando o mesmo álbum) e a exploração das múltiplas possibilidades do som forjadas sobre a estrutura proposta pelo dub jamaicano. Todos os pensadores citados pediam equipamento pesado e caro para realizar seu intento: vitrolas "envenenadas", estúdios, mesas com vários canais, gravadores com diversas rotações. Metendo a mão no vinil, Grand Wizard Theodore (assim ele ficou conhecido) simplificava da forma mais humana tal execução, deformando o som à moda africana, através da percussão. Estava inventado o scratch e o conceito de DJ que perdura até hoje e redefine os conceitos da música moderna atualmente.

Theodore era apenas um freqüentador dos bailes de música negra que viram a cultura hip-hop nascer, até descobrir que segurar a música com a ponta dos dedos e tangê-la para o lado que bem entendesse era tão revolucionário quanto as duas pickups do pioneiro DJ Kool Herc ou o anel rítmico elaborado com dois discos por Grandmaster Flash. Kool Herc vinha da Jamaica para Nova York, onde adaptou conceitos desenvolvidos no underground da ilha caribenha para a realidade urbana da Grande Maçã. Os sound systems locais eram reduzidos para duas vitrolas que podiam colidir os mais diferentes ruídos, desde que mantivessem o ritmo. Nessa brincadeira, Flash descobriu que, se "colasse" dois trechos idênticos da mesma canção no mesmo compasso, surgia necessariamente uma levada específica, inventando o loop de forma manual (o back-to-back).

Mas foi Grand Wizard Theodore quem meteu a mão no acetato preto e o chacoalhou contra as regras impostas pela máquina. Ao fazer isso, o adolescente transformou um aparelho de som num instrumento musical, ampliando ao infinito as possibilidades à disposição. Se antes qualquer instrumentista podia fazer o que quisesse com seu instrumento, depois da invenção do scratch, qualquer instrumentista podia ser manipulado por qualquer um. Era o espírito "faça você mesmo" levado às últimas conseqüências.

A música nunca mais seria a mesma. Os efeitos sobre diferentes estilos foram imediatos: agulhas raspando o vinil eram ouvidas em músicas pop brancas ("Rapture", do Blondie) e negras ("I Feel For You", de Chaka Khan) e até no jazz ("Rockit", de Herbie Hancock). Com a evolução do hip-hop, o MC ultrapassou o DJ em importância, deixando o novo instrumentista (base da criação de toda uma cultura) em segundo plano. Mas, enquanto assumiu os holofotes da nova onda, o rapper transformou o DJ numa profissão quase mística, dedicada à busca de beats improváveis em faixas obscuras.

Agulhas raspando o vinil podem ser ouvidas até hoje na obra de artistas que vão de Limp Bizkit a Madonna

A (oni)presença do DJ na cultura atual não pode ser menosprezada. Artistas diferentes como Limp Bizkit, Asian Dub Foundation, Madonna, Planet Hemp, Britney Spears, Portishead, Otto ou Björk contam com um fazedor de ruídos em vinil em suas bandas.Outros (Chemical Brothers, Marky, Fatboy Slim, Dr. Dre, Moby) são os próprios DJs. Dominando as páginas sobre música pelas beiradas, o DJ começa o século 21 como o instrumentista da hora. E dizer que isso começou de forma quase cotidiana: com uma mãe espancando a porta do quarto pedindo que o filho abaixasse o som.

Alexandre Matias

DJ em ação: você ainda vai ouvir um

Se você gosta de pauleira, ouça drum'n' bass

Audio architecture, o novo cd do DJ Marky Mark.

Incluindo os sucessos:
"Hide U" - Kosheen
"RS2000" - EZ Rollers

SambaLoco Records
www.trama.com.br
www.sambaloco.com.br
TRAMA

pizzicato five

the fifth release from MATADOR

Konishi Yasuharu e Nomyia Maki, a dupla japonesa mais pop do mundo, com mais um álbum matador

MATADOR

TRAMA

Também disponíveis em CD

www.trama.com.br

Made in USA

Happy End of The World

The Remix Album:
Happy End of You

The Sound of Music
by Pizzicato Five

Playboy & Playgirl